REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO
GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

1.° TRIMESTRE DE 1873

SUMMARIO

DAS ARMADAS QUE SE FIZERAM E GUERRAS QUE SE DERAM

NA CONQUISTA DO RIO PARAHYBA

Escripto e feito por mandado do muito reverendo padre em Christo, o padre Christovão de Gouvêa, visitador da companhia de Jesus de toda a provincia do Brasil,

---

(*Copia do original existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, offerecida ao Instituto pelo Dr. Antonio Henriques Leal*).

Antes de entrar na relação das guerras e armadas, que os reis d'este reino mandaram dar e fazer contra o gentio *Pitiguar*, senhor de mais de quatrocentas leguas por costa d'este rio do Parahyba até o do Maranhão, que começaram no tempo de Luiz de Brito de Almeida, governador-geral d'este Estado do Brasil, e se acabaram no tempo do licenciado Martim Leitão, ouvidor geral do mesmo Estado, e que por mandado de el-rei D. Filippe, nosso senhor, os conquistou e povoou o rio Parahyba, me pareceu fazer uma breve descripção d'elle e do estado em que estavam as capitanias de Pernambuco e Tamaracá, quando o Dr. Martim Leitão entrou n'ellas, para mais facilmente no decurso d'esta historia se entenderem muitas cousas, a qual é a seguinte :

CAPITULO I

O rio Parahyba, que nas cartas de marear se chama S. Domingos, está em seis gráos da banda do sul; corre por o rumo que os mareantes chamam nornoroeste, susueste a barra á entrada; corre pelo de nordeste susudoeste até a ponta do Cabedello, que é já dentro. Tem de baixa-mar, no mais baixo, em um banco que faz de arêa, quatro braças, e d'alli para dentro, pelo rio acima, tem seis e sete. A bocca da abra que o rio faz terá de largo uma legua, e o canal que vai pelo meio, que é o que chamamos barra, tem um quarto de legua, e todo o mais de uma parte e outra é muito aparcellado. O fundo é de arêa, muito limpa e sem nenhuma pedra, e assim é muito maior porto, e capaz de maiores embarcações que o de Pernambuco e Tamaracá, dos quaes dista vinte e duas leguas do de Pernambuco e dezesete do de Tamaracá por costa para a banda do norte, e os arrecifes que correm ao longo de toda esta quebram alli mais. Pelo rio acima uma legua, da banda do norte, tem uma ilha formosa de arvoredo, de uma legua de comprido e um terço de largo, defronte da qual está o surgidouro ou porto das Náos, capaz de grande quantidade d'ellas, e abrigado de todos os ventos. Da parte do sul faz o rio um formoso canal, pelo qual, acima duas leguas, podem ir navios de cem toneis, e outras tres mais acima grandes caravelões, que é até onde chega a represa da maré. Da parte do norte vai outro braço que divide a ilha da terra firme, e n'ella defronte da ponta da ilha, da parte de cima, onde o rio se começa a dividir e fazer ilha, se fez o primeiro forte por ordem do general Diogo Flores de Valdez. Este rio, que torna depois sete ou oito leguas ao sul, tem uma varzea de mais de quatorze de comprido, e de largo tem duas mil braças, e seiscentas no mais estreito, toda retalhada de esteiros e rios

caudaes de agua doce, que podem dar mais de quarenta engenhos de assucar, por toda a terra ser singular para canna, com o serviço de mar, o de menos fabrica do Brasil, por ser rio morto, e pelo menos de inverno todo navegavel, e de verão mais de seis, sete leguas, com caravelões, que tambem entram nos rios que n'elle se mettem, que são muitos e proveitosos por abundarem de muitos pescados e mariscos, com outras muitas terras para cannas, mantimentos, pastos e lenhas, que só a dos mangues as fazem infinitas. Pois as outras varzeas que ha entre Pernambuco e a Parahyba, e jazem ao longo dos rios, que entre estas duas capitanias mais pegados ao Parahyba entram no mar, não promettem menos proveito, antes muito grande ; fallo por varzeas, porque esta é sómente a boa terra do Brasil, que os outeiros ou altos não dão canna, ao menos n'estas capitanias do norte, e quando n'elles acerta a terra ser boa dá mantimentos, mas não canna, que sómente se dá nas varzeas, que é a terra baixa ao longo dos rios ou de grandes alagadiços, que no Brasil ha muitos, principalmente perto do mar, onde os ha grandes, e as matas das arvores são muito maiores e muito mais altas e grossas que no sertão, onde não ha rios nem aguas senão de poços, que com muita difficuldade se acha. Emfim, todo o sertão do Brasil é muito esteril, de pouco mato e terra desaventurada, que com trabalho dá a mandioca que os negros plantam como bacêllos, e em dez, doze mezes se faz tão grossa como grandes nabos, mas com raizes compridas, com muitas pernas e tenras, que raladas dão muita farinha, com que elles e os brancos se sustentam, e depois do trigo é o melhor mantimento que se sabe ; principalmente deitada de molho faz singular farinha para se comer em fresca, que se parece com o nosso cúscuz ; fazem tambem outros beijús, que são redondos como manquaes(?) ou compridos, como querem, pouco mais grosso que hos-

tias: é muito bom comer, porque toma o gosto ou sabor natural d'aquillo com que o comem. Fazem mais outra farinha d'estas raizes, a que tambem chamam mandioca, mais cosida para durar muitos mezes, com que vêm ao reino e irão á India. A esta chamam farinha de guerra, porque n'ellas se servem os negros (indio escravo?) d'esta, e como no Brasil um negro tem farinha e rêde, arcos, flexas, logo se tem por rico. O cabedal que todos os *Brazis* ordinariamente levam á guerra não é outro senão mulher, que lhe leva a rêde e alguma pouca de farinha para os primeiros dias, que depois os passaros, ratos, bichos e mais immundicia o paga e os sustenta, que no Brasil nada d'isto é venenoso, o que é uma das maravilhas d'elle. Por a mesma razão nas guerras que lhes fazemos aquelle que leva mais negros para lhes caçarem ou pescarem, são mais regalados e vão melhor providos. São geralmente todos os *Brazis* muito ciosos, ainda que têm muitas mulheres—dez, vinte, e quantas cada um póde sustentar; e os principaes só n'isso o mostram, em serem cabeças na guerra, que regularmente são os mais valentes.

Dos ciumes que em cabo uns dos outros têm, por respeito dos quaes dão mui facil credito a qualquer suspeita e leve indicio, procederam, procedem sempre todas as divisões, guerras e differenças que todo este gentio do Brasil entre si tem, e por aqui lhe urdem os portuguezes muitas brigas com que se desavêm umas nações com as outras, com o qual ardil os entramos e desbaratamos, que todos juntos nunca ninguem pudéra com elles, nem os domára; este ardil nos não val com os *Pitiguares*, que, sendo o maior e mais guerreiro gentio do Brasil que occupam do Parahyba até o Maranhão, que são seiscentas leguas, e tão unidos e conformes estão uns com outros, que de industria assentaram entre si entregarem-se a nós(?) os delinquentes uns aos

outros e castigarem-n'os sem brigarem, nem se desavirem nunca por isso, e assim o dizem sempre nas pulhas aos brancos quando nas guerras vêm á falla. Outra cousa maravilhosa tocarei aqui do gentio do Brasil, já que me alarguei tanto fóra do primeiro intento. Como elles todos são muito ciosos são tambem muito amigos das mulheres e mui brandos para ellas, e gente que por seus respeitos servem e obedecem aos sogros como a pais, mas quando ellas parem os maridos se fingem doentes e se deitam de mimosos nas rêdes, e alli são n'ellas servidos dois ou tres dias e visitados, e ellas em parindo se vão lavar com as crianças á fonte. Tem mais outra propriedade, não pela herdarem do estado da innocencia, que n'elles está tão corrupta e damnada, que contra toda a ordem da natureza por mera sensualidade folgam de andarem nús,sem nenhuma cobertura até em suas vergonhas, cousa que parece os proprios animaes brutos estranham. São menos cobiçosos, sendo em extremo mais appetitosos que todas as outras nações do mundo, e por isso tudo o que vêem nos brancos desejam, esperam e querem que lhes dêm, e em lh'o dando o dão logo aos outros, e com qualquer cascavel lhe hão o vestido por que d'antes morriam. E' gente que, sempre,se tem vagar, come, como brutos, e n'isso e em suas sujidades ou deshonestidades entendem sómente, como não andam em guerras, porque se dão pouco ao trabalho, e naturalmente são folgazões, como o são todas as outras nações fóra da nossa Europa. Ajuda muito a isso a fertilidade da terra em produzir este mantimento que chamam mandioca, que é o pão, de todo o Brasil e Perú, porque cada pessoa com a planta de um só dia faz mantimento que lhe basta todo o anno, mas variam as folhas por não cansarem a terra, e com serem tão comilões têm-se mais a fome que todas as nações do mundo, que andarão dois dias inteiros sem comer nem beber. São mui affeiçoa-

dos e naturalmente amigos de quem o é seu, mas mui varios e mudaveis em extremo, e por poucas cousas ardem e perdem tudo, e se levantam, e assim em nada têm constancia, nem firmeza: são muito falsos, inclinados a enganos e aleives; e é tão proprio e natural isto do clima e terra do Brasil, que logo se pega e tem já pegado a quasi todos os brancos naturaes do Brasil, antes a todos, que a ruim semente que lhe a principio lançaram do Limoeiro de Lisboa e das outras cadêas do reino peiorou ainda mais esta natureza ruim, e assim se deve fazer pouco fundamento dos ditos do Brasil, como não fossem de pessoas muito qualificadas na virtude.

Tornando, pois, ás varzeas, que dizia ser a melhor terra, porque n'ellas ha mais sellam (*sic*), que assim chamam á terra forte e boa; e na que ha tal, dura a soca ou planta da canna trinta e quarenta annos sem cansar, nem se plantar, que é muito sustentarem-se estas varzeas com se alagarem todos os annos, porque ao longo do mar é terra baixa e muito retalhada de rios e esteiros. Toda a terra do Brasil não tem mais que dois ou tres palmos de boa terra, como mateiro por cima, que logo d'alli para baixo é ruim terra de arêa e sôlta, sem prestar para nada; e por esta causa todas as arvores no Brasil têm as raizes á flôr da terra, e com qualquer vento se arrancam, e se vê que não têm as raizes lançadas para baixo. Com isto e com o não haver na propria lingua dos *Brazis* tres letras principaes e da maior significação que temos, é a saber: F, L, R, cuja falta nos mostra faltarem-lhe a elles tres fundamentos em que o genero humano se sustenta, e norte por que se governa, que são—fé, lei e rei—nos quiz o autor da natureza avisar o não fazermos fundamanto de cousa alguma do Brasil, porque realmente d'estas tres cousas entre o gentio, e não sei se me estenda aos brancos, carece mais o Brasil que de todas. Porque nada adoram, nem têm

reis, nem califas, como as outras nações, senão aquelles a que chamam cabeças para suas guerras, e fóra d'ellas nas aldêas, onde vivem, dão pouco por elles, nem os estimam, nem guardam fé, nem entre si, nem com os brancos, nem verdade mais que emquanto se lhes antolha. São mui dados a feitiços, e o feiticeiro que ha em cada aldêa é o seu oraculo: têm muita communicação com o demonio, e acontece-lhes com elle muitas cousas mui graciosas e ás vezes espantosas. Mas, tornando já ao ponto d'onde me diverti por dar uma breve relação de cousas que nos livros que fallam do Brasil não achei escriptas: as varzeas, que se estendem ao longo d'aquelles grandes rios que vão de Pernambuco para o Parahyba, que todos se vadêam de duas até sete e mais leguas, dão mostra bem clara e certeza assás evidente de serem muito rendosas a quem as aproveitar, como são as do caudaloso Garamane *(sic)* e as dos rios Copesuras e o Ibiay, Guajana, Capibariby, que chegam até as serras de Copaoba.

Além do Parahyba, ao norte cinco leguas por mar e dez pelo sertão, está outro grande rio, que chamam Manguape, que entra no mar na bahia da Traição, o qual rio tem ao longo de si muito e boas varzeas até Copaoba, por onde esta capitania do Parahyba, possuindo mais varzeas (que como já provámos é o melhor do Brasil) que todas as outras capitanias, e com isto e com ter mais páo brasil que Pernambuco, é muito melhor, porque quanto mais para o norte tanto melhor. E, com todo o de Pernambuco estar de Pernambuco para a Parahyba, se tirára muito melhor pela Parahyba com ajuda d'aquelles rios, no inverno, que em Pernambuco, aonde o carreto d'elle fica muito longe, e muito custoso e difficultoso; fica tambem o Parahyba mais perto do reino, sem dobrar cabos, e resolutivamente é a melhor capitania do Brasil, e tal que, sabido bem o porto, segura não arribar navio ás Antilhas, que é grande lucro(?), e mui importante ao

commercio e navegação d'este grande Estado. Deixo a ladroeira e colheita de vinte e trinta náos francezas que todos os annos antes de ser nossa alli carregava, tendo suas feitorias sobre si cada nação, fazendo de um anno para o outro a carga cada um para suas náos, com cuja ajuda os negros *Pitiguares* (o maior em numero e mais, como já disse, guerreiro gentio do Brasil) ; de vinte annos a esta parte corriam todas as fronteiras de Tamaracá, que só com trinta e dois moradores acurralados na ilha piedosamente sustentavam a capitania,e na de Pernambuco já não moiam tres engenhos, e em condição de pejarem outros, por tudo estes *Pitiguares* irem assolando, por que mais facilmente pudessem acarretar e carregar o páo aos francezes, e de tal maneira se foram apercebendo e appellidando os francezes em sua ajuda, que se vieram a fortificar, a seu modo, no mesmo rio Parahyba, com os francezes, situando-se grande quantidade de aldêas dos indios pelo rio acima, de uma e de outra parte, por ser a mais fertil cousa de todo o Brasil, e como ficaram a dez, doze leguas da nossa fronteira, corriam-n'os seguros todos os dias, cevados nos saltos que nos davam ; com o que as capitanias de Pernambuco e Tamaracá andavam tão inquietas e trabalhadas, que não se ousavam valer dos engenhos fronteiros, nem faziam páo-brasil, que é o remedio dos pobres, tão cortados os tinha o medo e as dividas, tão espantosamente consumidos e attribulados por alguns deverem mais de trinta e quarenta mil cruzados, e os mercadores com as dividas antigas, que tiveram quasi principio com a terra, tão desaccommodados, que se tinham por perdidos ; mas, tomada aquella fonte da carga do páo no Parahyba, arrebentou logo em Pernambuco com tanto proveito, como a experiencia o mostrou, porque uns pagaram o que deviam, outros se fizeram ricos; mas d'antes em nada havia conselho, nem ordem, por os

nossos em nada a terem nas guerras, que mal lhe davam, como foram as que lhe deu um Antonio Rodrigues Bacellar, capitão da ilha Tamaracá, que estas e as outras nunca serviram de mais que fazêl-os destros, ensinando-os a pelejar, porque em quasi todos os recontros e saltos, que n'este tempo comnosco tiveram e nos deram, levaram sempre o melhor, e á fama de tantas victorias continuo descia o gentio á carniça, com que se dobravam as oppressões d'estas duas capitanias, que parece pela malicia dos moradores d'ellas incorreram o juizo de Deus, provocando os indios a rompimento com o máo tratamento e respostas que a seus serviços davam, sendo elles n'isso mui certos e proveitosos, e nos captiveiros que (quebrando-lhes a fé contra todo o direito natural e das gentes), lhes davam, porque nos tempos das pazes eram estes *Pitiguares* o melhor gentio d'esta terra e costa; mas a cobiça dos moradores, principalmente das misturas do Brasil, da nação mamelucos e degradados, costumados a se vestir e banquetear de suas pelles, que todos por todas as vias, sem excepção, recolhem as bolsas, vendendo-os sem temor de Deus, nem medo do castigo; que realmente como estas culpas são das cabeças, nunca por estas cousas se deu no Brasil. Esta tyrannia tão impiamente usada no Brasil estragou, assolou e damnou tudo; nem deixarão por estas injustas vexações, que se fazem aos indios, de vir grandes açoites ao Brasil, se não provêm com grande ordem, exemplares e rigorosos castigos contra estas cabeças. Ainda que parece que todos os castigos que Deus lhe dá aos que continuam o sertão é por esta causa, porque é pasmar o atrevimento e soltura com que a tanto custo os homens se deixam andar n'aquelle grande sertão por espaço de dois, tres ou quatro e muitos annos, sem Deus, sem mantimentos, nús, como os selvagens, e sujeitos a todas as perseguições e miserias do mundo, se mettem os homens duzentas

e trezentas leguas pelo sertão dentro, servindo ao diabo com tanta curiosidade de martyrio por resgatar ou furtar peças, como os padres antigos do ermo o faziam por Christo ; isto são cousas tão notorias e males tão sem remedio, que como christão me forçaram a fazer esta lembrança.

O páo d'esta capitania é o mais e o melhor que se sabe por ser a derradeira d'este Estado da banda do norte, do qual páo ha n'ella grandes matas, e por ser a melhor mercadoria d'este Estado deu nome a toda a provincia; sendo o seu proprio nome terra de Santa-Cruz, se chama vulgarmente do Brasil, que é um páo feio á vista, tem a casca grossa e espinhosa, a folha do qual quer parecer de amieiro : é de mais importancia que o pastel para todas as tintas por se darem com elle quasi todas, e um só páo dá cinco, de que a primeira e segunda são muito escuras, a terceira e quarta são as melhores; e assim pela experiencia que d'isto se tem, se diz que são necessarios todos os annos, e bastam d'este trinta mil quintaes para a nossa Europa. Das outras capitanias o páo não dá mais que duas tintas. Todo o páo-brasil, cortando-se, arrebenta e cresce de vagar, que pelo menos ha mister mais de vinte annos, e ainda não é grosso. Dizem que o páo d'esta capitania do Parahyba é mais de lei que o de todas as outras por não padecer corrupção de tempo, nem de agua, antes a do mar o afina ; na bocca é doce, quasi como alcaçuz. Por respeito d'este páo trataram e procuraram tanto os francezes permanecer n'ella. O dito parece que basta por ora quanto a esta capitania do Parahyba e do estado em que ella, e a de Pernambuco e Tamaracá estavam, com o que me passarei a tratar das armadas que para a conquistar se fizeram, e guerras que n'ella houve.

CAPITULO II

DA IDA DO DR. FERNÃO DA SILVA À PARAHYBA E DO GOVERNADOR LUIZ DE BRITO DE ALMEIDA

El-rei D. Sebastião, que Deus tem, informado de todas estas cousas e receioso de os francezes se situarem e se fortificarem no rio Parahyba, mandou ao governador Luiz de Brito de Almeida o fosse vêr e elegesse sitio para a povoação, e por elle não poder ir, indo o Dr. Fernão da Silva, ouvidor geral e provedor-mór da fazenda d'este Estado, a Pernambuco, lh'o commetteu. O qual com todo o poder de gente de pé e de cavallo da dita capitania, e muitos indios que ainda então havia, foi no anno de setenta e quatro a vêl-o e castigar os indios *Pitiguares* que n'aquelles dias haviam assolado um engenho, que um Diogo Dias, lavrador muito rico, começava com grande fabrica no rio Rucunhaen, dez leguas do Parahyba, e como ia tão poderoso correu-os, e não lhe ousaram esperar; mas, refazendo-se, o fizeram voltar pela praia tão depressa, que não houve vagar para nada. O qual, acabados os negocios a que foi a Pernambuco, se tornou para a Bahia, d'onde, informado o governador Luiz de Brito de Almeida do que passava e da importancia do negocio, conformando-se com a ordem que tinha de el-rei, resolveu e determinou de ir em pessoa conquistar e povoar o Parahyba, para o qual effeito na cidade da Bahia mandou aperceber uma armada de doze velas, com toda a gente que pôde ajuntar, levando toda a nobreza da cidade, officiaes da justiça e fazenda, com todos os petrechos e mantimentos necessarios, emfim, com o maior apparato de capitães e soldados, e recado das mais cousas que lhe a elle foi possivel ajuntar. Partiu no mez de Setembro de 1575, e, com tempos contrarios, a cabo de alguns dias andar espancando o mar, tornou a arri-

bar á Bahia, com alguns navios, e Bernardo Pimentel de Almeida, seu sobrinho, que ia por capitão-mór do mar, com outro navio seguiu ávante, e fez viagem e foi a Pernambuco, d'onde pelo tio não ir se tornou á Bahia, onde o achou enfadado e cansado da arribada, e todos os homens com as suas matalotagens gastadas, e gastado muito cabedal que da fazenda de el-rei nosso senhor se metteu na armada, que se affirma que foi de muitos mil cruzados, desfeita em ar, sem mais lembrança do Parahyba, o que não causou pouca admiração pelo geral conhecimento que em toda a parte se tinha da importancia d'esta empreza, e mais pelo fructo que d'ella se esperava, como das outras, e muitos bens que, povoada, se logo seguiam a de Pernambuco e Tamaracá. Depois, vindo o governador Lourenço da Veiga no anno setenta e oito, e querendo proseguir esta empreza, mandando ao ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo e Christovão de Barros, provedor-mór, lh'a encommendou ; e porque no tempo que n'elle esteve houve muitos rebates de *Pitiguares* de todo fizeram recolher os moradores á ilha de Itamaracá, avisando-o sempre e procurando fazer jornada ; mas não houve effeito, e parece que Nosso Senhor a tinha guardada para o tempo em o qual havia de haver quem a procurasse de toda a força e coração, e se concluisse e escusasse o muito cabedal e excessivos gastos que os officiaes da fazenda de Sua Magestade n'esta empreza sempre fizeram e davam em despeza, e seguiram (serviram?) para ostentação e seus intentos mais (do que?) para ella alcançar e conseguir effeito. E com isto passemos ao tempo de el-rei D. Henrique.

CAPITULO III

COMO FRUCTUOSO BARBOSA FOI ENCARREGADO DA PARAHYBA

El-rei D. Henrique, que Deus tem em gloria, movido dos clamores que d'esta capitania lhe faziam, e do damno que fortificados os francezes com tanta multidão de gente *Pitiguar*, encarniçados com tantas mortes podiam fazer, á instancia de um Fructuoso Barbosa que havia ido de Pernambuco, que por haver já no Parahyba carregado navios de páo, por algumas vezes, no tempo das pazes que lhe os *Pitiguares* fizeram, e por ter conhecimento da terra e d'elles, e ter praça e muitas palavras o encarregou da conquista e povoação do Parahyba, por contrato que fez em sua fazenda, dando-lhe para isso as provisões necessarias, náos e mantimentos, e conquistando e povoando o Parahyba á capitania d'elle por dez annos. Chegou Fructuoso Barbosa á Pernambuco, creio no anno de 79 em um formoso galeão e uma......... e outros dois navios com muita gente portugueza assim soldados, como povoadores, casados, com muitos resgates, munições e petrechos e cousas do armazem necessarias assim á conquista como a povoação, que logo havia de fazer, e trazendo um vigario, a quem el-rei dava quatrocentos crusados de ordenado, e religiosos de S. Francisco e de S. Bento com toda a ordem e recado necessario (como digo) á empreza, que da fazenda d'el-rei devia de montar um mui bom pedaço, com o que vendo-se enfunado e cheio de senhoria e subido a tal estado, se vasou todo por alli, esquecendo-se da obrigação que trazia, em sete ou oito dias que esteve surto sobre Pernambuco sem querer desembarcar nem tratar o negocio, lhe deu um tempo com que arribou ás Indias, na qual arribada lhe morreu a mulher, sem ter accordo (por não dizer outra cousa) para entrar no Parahyba, d'onde tor-

nado ao reino partiu d'elle no anno de 82 por mandado d'el-rei D. Filippe, nosso senhor, já com menos arrogancia; porque chegando ao porto de Pernambuco, se concertou com os da villa de Olinda (que é a cabeça da capitania de Pernambuco) como pôde, que não desejava outra cousa, ordenando-se com o licenciado Simão Rodrigues Cardoso, capitão e ouvidor de Pernambuco, fosse por terra com a gente d'elle, e elle com a gente que trazia e outra muita da mesma capitania, que por serviço d'el-rei se lhe ajuntou por mar, chegando á boca da barra do Parahyba com a armada que trouxe e alguns caravelões d'estas duas capitanias Tamaracá e Pernambuco entraram pelo rio acima por terem aviso, que sitiou oito náos francezas,que lá estavam surtas; estavam bem descuidadas e varadas em terra,e a mór parte da gente n'ella e os indios pelo sertão a fazer páo para a carga d'ellas, e dando de subito sobre ellas, queimaram cinco, esbulhando-as primeiro, que foi um honrado feito, e as outras fugiram com quasi toda a gente.

Descuidados os nossos com esta victoria que lhes Nosso Senhor deu a tão pouco custo e nenhum sangue, sahindo alguns d'elles em terra com um filho de Fructuoso Barbosa e alguns seus parentes e soldados hespanhoes, arrebentou o gentio de uma cilada em que estava, e dando n'elles os ia matando até a praia, onde se elles iam recolhendo para os bateis, sem d'elles, nem das náos, que tudo era á tiro de arco os soccorrerem,que foi cousa lastimosa ver matar mais de quarenta homens portuguezes,em que entrou o filho do capitão e alguns hespanhoes nobres por uma desordem tamanha, e com a mesma furia houveram os inimigos de tomar a . . . . . em que ia Gregorio Lopes de Abreu por capitão, que no dia d'antes entrára diante, e fizéra o tudo por ficar na ponta da ilha quasi em secco, e a se não defender esforçadamente sempre os indios com alguns francezes o tomaram

ás mãos e acabavam todos. O capitão Fructuoso Barbosa ficou tão cortado e receioso d'este successo, que se levantou com toda a armada e foi surgir na boca da barra, por senão ter por seguro dentro, esperando a gente que ia por terra, e estando para dar á vela por ver que tardava, chegou o licenciado Simão Rodrigues (que a ser mais cedo não houvéra o destroço que houve) com dusentos homens de pé e de cavallo e muito gentio (porque assim o faziam sempre), passando o rio por cima e indo ao longo d'elle buscar a barra da banda do norte, o qual no caminho da varzea do Parahyba teve um bom encontro com os *Pitiguares* que avisados da sua ida o foram esperar e metteram em revolta e pressa, se o nosso gentio, ajudado da gente, lhe não tivéra aquelle primeiro impeto; mas os *Pitiguares* favorecidos da victoria passada, se mettiam tanto, que vinham a braços com os nossos, que tornando sobre elles os desbarataram de todo, matando um bom golpe d'elles, e assim chegaram á barra do rio da banda do norte com esta victoria, com que consolavam os da armada; e animados uns com os outros, e tratados (em sete ou oito dias, que alli estiveram) os meios de se fortificarem e povoarem da banda do norte, porque pareceu impossivel da banda do sul no cabedello, por ser máo o sitio e não ter agua, e feita experiencia em alguma que se abriu na praia e tudo muito praticado e não sei como feito, pelos inconvenientes e impossibilidades que a tudo achava Fructuoso Barbosa, fugiram á maior pressa, que o medo a cada um ensinou por verem da banda d'além junto muito gentio *Pitiguar*, mandando d'alli o galeão com aviso a Sua Magestade do que passava. Desesperado já Fructuoso Barbosa de suas vaidades se veiu lograr um novo casamento, que á sombra da governança de caminho em Pernambuco havia conseguido, cortado da perda da outra mulher e filhos que n'esta jornada havia perdido, e infortunios que

pelo Parahyba havia padecido, e assim ficaram ambos em calma, e os inimigos mais soberbos, e estas capitanias peior que nunca, e a de Tamaracá de todo desesperada e para se despovoar: só detinha alguns poucos a esperança que lhe deixou um Antonio Raposo, que por procurador mandaram á Bahia a pedir soccorro ao governador Manoel Telles Barreto com grandes requerimentos e protestos de encampações (sic) assim Tamaracá como Pernambuco no Outubro de 83, andando-se isso, já traçando por ordem do governador general Diogo Flores de Valdez, do qual é bem que se dê conta como veiu ter á Bahia e partes do Brasil.

CAPITULO IV

COMO CHEGANDO DIOGO FLORES A' BAHIA SE ORDENOU VIR AO PARAHYBA

No principio do mez de Julho do anno de 1583 chegou á cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, metropole d'este Estado do Brasil, com oito náos Diogo Flores de Valdez, resto da armada das vinte e tantas, de que el-rei, nosso senhor o mandou por general conquistar e povoar o estreito de Magalhães, d'onde vinha de arribada, havendo deixado no Rio de Janeiro Diogo de la Ribera, seu almirante, ao qual da Bahia se mandou fornecimento de algumas cousas para proseguimento da jornada, como com effeito fez, levando-o para Sarmiento de Gambôa, que por Sua Magestade vinha provido da capitania e governança do estreito de Magalhães onde o deixou; e por o general Diogo Flores trazer muito encarregado ajudasse por todas as vias a conquista e povoação do Parahyba, tanto que chegou, tratou logo prover-

se isso como convinha, e assim se assentou se fizesse, e se lhe mandaram apresentar os mantimentos necessarios, para provida a armada, em fazendo tempo se partir para a capitania de Pernambuco; mas movido de tantas exclamações, como aquellas duas capitanias faziam, se resolveu partir logo, ainda que contra monção, no Janeiro que vinha de 84.

D'aqui por diante, como tinha de vista por cumprir com a obediencia, serei mais largo n'esta relação para a qual houvéra mister nova lingua e outra cópia para dizer os muitos trabalhos e variedades, com que se procedeu nas cousas d'esta empreza do Parahyba, depois que o general Diogo Flores a começou com o trabalho e ajuda do ouvidor geral Martim Leitão, que Deus parece para isso trouxe a terra com as ajudas que lhe sempre dos moradores procurou, e grandes diligencias e estranhas industrias que para isso buscou. E assim começaram d'este principio, em que se assentou em conselho geral na cidade da Bahia, em casa do governador Manoel Telles Barreto fosse o general Diogo Flores e em sua companhia o licenciado Martim Leitão, ouvidor geral de todo este Estado do Brasil com todos os poderes bastantes para effeito da conquista e povoação do Parahyba, ainda que depois d'isso por particular ordem do governador Manoel Telles foi por provedor da fazenda e mantimentos da armada do Parahyba e do mesmo Parahyba—Martim Carvalho, morador na Bahia, que fôra melhor por todas as vias não ter lá ido (que tão avêsso foi sempre em todas suas eleições Manoel Telles), porque como nas cousas o zelo do serviço de Deus e do rei não vai adiante, não ha que tratar d'ellas.

Partiu o general Diogo Flores de Valdez e o ouvidor geral Martim Leitão da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos para o Parahyba ao 1° dia do mez de Março do anno de 1584, com uma armada de nove náos, sete suas e duas portuguezas, e por máos aviamentos não partiram mais

cedo. Chegaram a Pernambuco a 20 do mesmo, e n'esse proprio dia desembarcou o ouvidor geral, ficando de fóra toda a armada, e aos 21 fez juntar em camara D. Filippe de Moura, capitão e logo tenente da capitania de Pernambuco por Jorge de Albuquerque, com os que então se acharam na villa e assentar a jornada, e chamar todos pelo termo per si e com rogos para aos 24 se ajuntarem no Arrecife e se dar pressa e ordem a tudo, como se fez, que foi vespera de ramos, em que se tambem achou D. Antonio Barreiros, bispo d'este Estado, que havia ido na armada a visitar a capitania de Pernambuco e Tamaracá, e ahi estava pousado com o provedor Martim Carvalho,— e ficou assentado se aprestasse tudo para domingo da paschoella partirem por terra, D. Filippe de Moura por cabeça com a gente que o ouvidor geral havia de fazer e aviar d'ahi e Tamaracá, e ordenar tudo como logo começou mostrar, rogando n'aquella semana um e um, e compondo-lhe suas cousas todas, com que se aviáram muita parte dos moradores, que ajuntou em Igaraçú, que é uma villa cinco leguas da de Olinda, no dia assignado d'onde obrigado ir a D. Filippe, que arrependido receiava de ir, lhe ajuntou os da ilha no engenho de Filippe Cavalcanti, até onde Martim Leitão acompanhou o arraial, que bem guiado se tornou a lhe aviar mais gente, e n'aquelles dois ou tres dias fez alguns quarenta homens, com muita diligencia e trabalho, que entregues a um Alvaro, bastardo, lh'os enviou e se juntaram com elle perto do rio Parahyba aonde tiveram um recontro com os *Pitiguares*, e assim passaram o rio por cima, por onde as outras vezes, e passados á banda do norte por elle abaixo foram demandar a barra aonde acharam Diogo Flores, que ahi achou surtas e varadas em terra cinco náos de francezes, que já tinha queimadas e uma lhe fugiu, aonde da terra ao subir para uma náo lhe deram uma flechada nos peitos, que lhe não fez nojo pelas boas armas que trazia, e

assim juntos todos se procedeu na fórma seguinte: Porque o principal que se pretendia e verdadeiro effeito era povoar-se a terra; chegado e alojado o arraial, sahiu em terra Diogo Flores, e em conselho assentaram fazer-se um forte para que á sua sombra se povoasse a terra: assentou-se mais a fórma e ordem que se teria no situar d'elle, e gente que n'elle havia de residir, para o qual nomeou o general por alcaide o capitão de infantaria Francisco Castrejon, o de mais confiança que trazia com cento e dez soldados hespanhoes, todos arcabuzeiros, muito boa gente,—dos portuguezes mamelucos e outra gente miúda mais de cincoenta, os quaes por que haviam mister cabeça, quizéra Fructuoso Barbosa, que o declarára o general por capitão e governador conforme as provisões que lhe apresentou; mas o vel-o ir na armada como pessoa privada com pouca conta e respeito, e por outras razões que lhe pareceram, e suas provisões dizerem que el-rei o fazia capitão, quando elle a conquistasse, o que elle não fizéra lh'as não guardou, remettendo ao exercito portuguez elegesse cabeça para os portuguezes—que, tratado o negocio, por a maior parte dos moradores de Pernambuco serem vianezes, d'onde elle é, e parecer fiarem o negocio d'aquelle á quem Sua Magestade o encommendára, o elegeram e declararam por capitão dos portuguezes e governador da povoação, quando se fizesse alli Sua Magestade prover, porque por ora todos haviam de estar no forte, que tanto que se elegeu sitio se traçou e começou, de que Francisco de Castrejon ficou por alcaide e capitão, e d'elle deu homenagem ao general Diogo Flores de Valdez, e se lhe pôz o nome de S. Filippe e S. Thiago, no dia dos quaes apostolos, que é o primeiro de Maio Diogo Flores de Valdez se fez á vela, caminho de Hespanha onde chegou a salvamento. No forte trabalhou toda a gente do exercito e gentio até se acabar, que foi no fim de Maio, o qual forte se plantou uma legua da

barra, da parte do norte, defronte da ponta da ilha, lugar que por ser baixo e de ruim agua á muitos não pareceu bom, mas foi forçado por não lhe fugir a gente com o largo rio; que lhe ficava em meio, e atravessar por cima, por o sertão ser perigoso e muito comprido. Por este e outros respeitos por cima de todos os inconvenientes se acabou e situou alli, ficando de presidio e guarnição perto de cento e setenta homens e alguns de cavallo.

CAPITULO V

SALTO DO CAPITÃO SIMÃO FALCÃO E FUGIDA DOS NOSSOS

O nosso exercito portuguez por ver que a sua estada alli já não era de effeito se partiu, levando a via do sertão, em busca do gentio iniquo, onde o capitão Simão Falcão em quanto assistirá na obra do forte, espiada uma aldêa, assaltou-o em uma madrugada com boa mão e felicidade, matando alguma gente e captivando quatro pessoas, com cuja lingua foi o exercito pelo mesmo rumo buscar os inimigos até uma campina, que se agora chama das Ostras, tres leguas do forte, aonde se alojou o arraial, e por ser a festa do Espirito-Santo e a gente ser dada a folgar se pozeram a festejar com demasiado descuido o dia e oitavas, havendo cinco dias que alli mal estavam, e dizia D. Filippe por descargo d'esta desordem, que esparava seu sogro Filippe Cavalcanti, que não andou bem em ficar no forte com achaque de vir ter com elle pelo rio acima. Uma tarde ouvindo uma trombeta e outro rumor, assentaram se fosse descobrir o campo, por haver muito que alli estavam sem ordem, e indo assim até dez de cavallo e alguns quarenta de pé com alguma quantidade de indios á ordem de um Antonio Leitão deram

em uma cilada menos de tres tiros de espingarda que os começaram a sacudir de maneira que os desbarataram de todo, matando o capitão e mais de trinta e muitos indios, e foi o desbarato tamanho e nossa desordem, que até á vista do arraial os vieram matando, sem haver accôrdo para lhes acudirem, antes se pôz tudo em tamanha confusão, que se os povos inimigos que alli estavam acommetteram, o desbarataram, que todos andavam pasmados—e a frouxidão do capitão D. Filippe, que como foi noite com dobrada desordem se deitaram a um alagadiço, que estava junto, por onde haviam de tornar para o forte, e sendo elle de mais de tiro de espingarda, que em partes sorvialanças (*sic*) (só havia lanças ?) com pouco entulho, que quando por elle passaram lhe tinham deitado e com assáz de medo que levavam, passaram uns por cima dos outros, como se foram por uma mui boa ponte,—e foi cousa milagrosa ou milagre de medo a quem sabe estes passos. Com este medo foram todos bater ás portas do forte, aonde o alcaide enfadado de os ver taes os teve atê alto dia á chuva, sem lhes querer mandar abrir, que foi leve castigo para o que mereciam. Passado aquelle dia, que todo o alcaide e gente que ficaram no forte gastaram em os persuadir tornassem em busca dos indios com mais cincoenta arcabuzeiros hespanhoes, que lhes o alcaide dava dos do presidio, taes estavam, que nem com isso, nem com se acharem ainda alguns noventa homens de cavallo, e mais de cento e quarenta de pé, que quasi faziam tresentos, que era o mais exercito que até aquelles tempos se ajuntou no Brasil, se quizeram nunca abalar, senão voltar para casa, com deixarem mais de quatrocentos indios dos nossos mortos e mais de cincoenta homens brancos, que foi a maior perda, que estas capitanias até ora receberam, porque quasi tudo eram escravos, afóra mais de cento de guiné, e assim a maior fugir e sem nenhuma ordem se vieram todos passando o rio, defronte

do forte, em barcos com bem de trabalho por ser força do inverno, que os tratou mal todo o caminho, aonde tambem morreram muitos cavallos e gentio á mingoa, por nenhum se aguardarem uns aos outros, e taes chegaram a Pernambuco, de todo desbaratados no mez de Junho.

CAPITULO VI

DO PRIMEIRO SOCCORRO, QUE POR DILIGENCIA E INDUSTRIA DO OUVIDOR GERAL SE MANDOU Á PARAHYBA.

Chegados d'esta maneira a Pernambuco, logo n'aquelle mez começaram os requerimentos do alcaide do forte e Fructuoso Barbosa, por ficarem faltos de mantimentos (e esta foi a maior que o nosso exercito padeceu), tudo por desordens dos cabeças, que havendo farinhas, as repartiram mal, e por ficarem os inimigos victoriosos molestavam de continuo o forte, porque esta nação de gentio victorioso não ha quem a sôffra, porque são esforçados de sua pessoa mais que todos os outros, e tão ousados que não temem morrer, porque tudo entre elles é opinião de valentes, e só os detinha não levarem á fortaleza nas unhas a furia da artilharia, que cruamente, achando-os em descoberto os despedaçava, á cuja sombra o alcaide Francisco de Castrejon em algumas escaramuças que com elles teve, lhes mostrou o valor de sua pessoa e dos hespanhoes e de alguns portuguezes, apezar do seu capitão Fructuoso Barbosa, que não tinha paciencia com estas escaramuças, e com requerimentos de medo as estorvava quanto podia de dentro de sua casa, que tinha no forte no meio d'elle, e assim encontrados elle e o alcaide nos humores, tudo eram brigas e más palavras, no que assáz soffreu Fructuoso Barbosa, e já que não tinha em que, ao menos

n'isso, e sua paciencia bem padeceu, e assim comendo uns e outros a fraca ração que havia do rei, ao som das brigas domesticas e da dos inimigos que todas as semanas corriam, passaram aquelles mezes de Junho e Julho, sempre com muitas papeladas uns dos outros, e requerimentos de soccorros ao ouvidor geral, que como encarregado para uso do governador e general Diogo Flores, e conhecido por mais zeloso do serviço d'el-rei, tudo batia n'elle, até os mantimentos que havia de dar Martim Carvalho, que parece por particular influencia, começou logo a correr pejadamente n'este negocio do Parahyba; e a esta conta se começaram desavenças entre elle e o ouvidor geral, o qual como fragueiro e impaciente dos vagares de Martim Carvalho, bramia e mettia os officiaes da camara n'isso por pairar com o bispo compadre e grande amigo do provedor Martim Carvalho; porquanto o mesmo bispo fizéra com o governador Manoel Telles, que o mandasse com aquelle cargo, com o que ficou a villa quasi dividida. O ouvidor geral com a camara que sobre isso os apertava continuou com requerimentos para os espertarem, e ás vezes nada bastava—ser já infinito e enfadonho contar aqui as particularidades que n'isto passaram, basta que nem algum pouco provimento se deu, senão á força de grandes requerimentos e feros, que ainda as vezes n'isso mettia o ouvidor geral, e buscar quem os levasse ao Parahyba, por ser mui vagaroso o modo com que Martim Carvalho tudo detinha e empachava, e quanto elle com estes estorvos e desvios mais declarava a sua tenção, tanto mais o ouvidor geral com todas as superabundancias por outra via se mostrava zeloso e diligente, que em verdade foi demasiada affeição que n'estas materias teve e ao diante muito mais mostrou; mas por atalhar e evitar odios, e não descobrir faltas, passo brevemente por estas cousas.

No Agosto logo seguinte, que do forte cresciam os reque-

rimentos apertados da guerra e fome, que até os cavallos tinham comido, mandou Martim Leitão por mar vinte e quatro homens brancos, á cargo de um Nicoláo Nunes, com alguns mantimentos que no navio mandou o provedor; comtudo vendo-se o alcaide Francisco de Castrejon muito perseguido dos continuos rebates dos indios, e tanto descuido do provedor se veiu em Setembro á Olinda, aonde achou Pero Sarmiento de Gambôa, governador do estreito de Magalhães, que Martim Leitão tinha agasalhado, chegando alli destroçado, e ambos por sua via pediam mantimentos, que o Sarmiento houve pela do ouvidor geral, e se foi; mas para o alcaide tão devagar se aviavam, que andava impaciente, pelo que achando-se um dia, além de outros muitos, em casa de Martim Carvalho com os juizes officiaes da camara a protestar-lhe (lhe désse?) mantimentos, em presença do bispo, vieram muito ruins palavras, ás quaes alguma gente de casa arrancou com os soldados do alcaide, em cima onde todos estavam, e baralhada assim a casa, sahiram á rua, com grande briga que se ordenou de muita gente, por os do bispo virem chamando: «Aqui da igreja!» e aos officiaes da camara acudir toda a villa e assim á volta acudiu o ouvidor geral de sua casa, e os apasiguou como pôde ficando d'isso Martim Carvalho muito peior, por isto se tornou o alcaide para o Parahyba em o mez de Outubro, e mal provido e com claras mostras de o ser cada vez peior, pelo odio em que com elle ficava o bispo e provedor; mas consolava-se esperando proveria Sua Magestade até Janeiro com que cessariam seus trabalhos.

CAPITULO VII

O SEGUNDO SOCCORRO QUE SE MANDOU AO PARAHYBA E DESTRUIÇÃO DAS NÁOS FRANCEZAS

No Novembro seguinte entraram duas náos francezas no rio Parahyba, e reconhecendo o forte e uma grande náo portugueza com dois patachos que lhe Diogo Flores deixára, se sahiram e foram surgir tres leguas abaixo da boca da bahia da Traição, e começando trato com os *Pitiguares*, do que sempre foram amigos vieram correr ao forte trazendo alguns berços, a que grandemente apertaram, com grandes cavas, que em volta faziam pelos não pejar a artilharia, com as quaes cobertas e outros ardis, como praticos nas nossas guerras e ordem e ajuda dos francezes pozeram o alcaide em termos de desesperar de poder defender-se, e logo d'isso avisou o ouvidor geral com grandes requerimentos, assim seus, como de Fructuoso Barbosa, assignados por hespanhoes e portuguezes. O ouvidor, no primeiro dia que lh'o deram se foi dormir ao Recife, que é o porto de Pernambuco, uma legua da villa, onde aprestou um navio de setenta toneladas á sua custa com artilharia, munições e mantimentos, e quarenta e tantos homens brancos, escolhidos todos e de opinião, e os mais d'elles de sua obrigação, que todos folgaram de ir a seu rogo, e sessenta indios dos nossos de paz, e em quatro dias, andando em uma rede por andar doente, os deitou pela barra fóra, que foi espantosa diligencia, e este navio com a galé de Pero Lopes, capitão da ilha Tamaracá, que tambem juntamente o ouvidor geral forneceu, em que o mesmo Pero Lopes foi por capitão com quinze ou vinte homens e alguns indios, se juntou no Parahyba, onde foram recebidos e estimados como a propria vida e salvação: os francezes, vendo o soccorro, os quaes pelo muito tirar que do navio lhe faziam, lhe chamaram Bo-

ta-fogo, se recolheram ás suas náos, e assim dado ordem e consultado o caso, o alcaide com os capitães do soccorro, que do navio era um Gaspar Dias de Moraes, soldado antigo de Frandes, que á rogo do ouvidor geral assentou sel-o, assentaram ficasse Pero Lopes, capitão da galé no forte, por respeito do muito gentio que diziam passar de dez mil os que o tinham cercado com suas cavas e trincheiras e que o alcaide na sua galé e náo que lá tinha e a do soccorro fosse buscar os francezes, a que tomaram o mar e varadas em terra lhe queimaram as náos e mataram alguns, que foi um honrado feito, por serem as náos grandes, e estarem avisados. E com isso voltando a galé e navio, o que a náo por ser muito grande não pôde fazer lhe foi forçado arribar ás Antilhas, e n'ella foi a maior parte da artilharia que aqui tomaram. Chegados o navio e galé ao forte, desembarcando de subito e com a gente de dentro deram nos inimigos com tanto impeto, que lhe ganharam as suas estancias, matando muitos, com que se afastaram bem longe, e os nossos cobraram a agua que lhe tinham tomado. Os inimigos com isto desesperados se foram de todo, e assim ficando os do forte mais largos que nunca, e todos muito contentes com grandes louvores do ouvidor geral Martim Leitão se tornaram a Pernambuco a lhe dar razão de tudo, e receber os parabens da jornada, que certo foi de muito effeito para desengano dos francezes, e entenderem que nem na bahia da Traição haviam de ter colheita, como porque se tinha até este tempo por impossivel os navios que de cá do sul fossem á Parahyba tornassem a Pernambuco, sem arribarem ás Indias, por a costa já ir muito voltando, e não se poder vir d'ella senão com nortes e nordestes pelo menos, com que tambem os *Pitiguares* se desenganaram de poder ter commercio com os francezes lançados do Parahyba ; e com esta magoa e desejo a vingança ordenaram o que ao diante se segue.

CAPITULO VIII

EM COMO O OUVIDOR GERAL MARTIM LEITÃO FOI AO PARAHYBA A PRIMEIRA VEZ.

No fim de Janeiro de 85 avisou o alcaide ao ouvidor geral e camara se ajuntára mais gentio que nunca, e tinha feito tres cercas muito fortes ao longo do forte, á tiro de pedreiro, de pés de palmeira, que por estopentas e grossas, de que n'aquellas partes ha muitas,os defendia da artilharia, e todas as noites as iam chegando e ganhando terra,pela qual causa estava muito receioso que por aquella via com as proprias cercas os viriam abarbando até se abraçarem e igualarem com o forte, sem se poderem valer da artilharia,nem ás mãos se poderiam defender, por no forte haver muitas doenças por respeito do ruin sitio, agua, fome, com que muita gente, principalmente os hespanhoes aqui nos tempos passados lhe era morta, e assim estava em muito perigo, e se perderia sem falta. Indo os inimigos avante, aos 8 de Fevereiro dobrou com maiores requerimentos e encapações de logo despejarem todos como sem falta por particulares avisos de lá se soube, até terem o melhor embarcado em uma náo que lá tinham: por respeito da qual nova toda a villa e capitanias se metteram em grande revolta, e muito mais com se saber esta determinação dos do forte do Parahyba, e por juntamente ser chegado em soccorro aos *Pitiguares* o famoso entre o gentio Braço de Peixe. Logo o ouvidor geral, em lhe dando os requerimentos, os mandou ao capitão D. Filippe, que por estas diligencias do ouvidor estava já liado com Martim Carvalho, ao qual tambem se levaram outros sobre mantimentos, vindo a isso o tenedor d'elles do forte,—e com os da guerra ao ouvidor geral e camara —o tenente; no que instando todos, concordaram juntamen-

te o bispo, capitão D. Filippe, o provedor Martim Carvalho e camara com todos os da governança e mais povo requererem ao ouvidor geral Martim Leitão fosse dar uma boa guerra e soccorro ao forte, como o fizeram por escripto, de que se fizeram autos, que tão cortados estavam todos de medo, que sem elle ninguem lá ousaria de ir,, e com elle todos. Com estas e outras muitas razões e importancia do caso que não soffria dilação, elle o aceitou a 14 de Fevereiro com determinação de partir dentro n'elle no que se começou em toda a parte por incredivel presteza e diligencia, que era cousa notavel ver a vontade com que se todos, bons e máos, sabendo que Martim Leitão ia, aprestavam tendo já lá todos ido tantas vezes com ruim successo, e a não haver no porto passante de trinta navios com innumeraveis mantimentos que nunca em nenhum tempo tantos houve, não fôra possivel aviaremse, e quando foram, não foram com tanta brevidade. Aqui era infinita a diligencia de Martim Leitão em particularmente escrever a todos muitas cartas, convidando-os com razões, a que ninguem pudesse fugir,- para a jornada, e aviando a muitos, porque, como no Brasil tudo é fiado, e a maior parte dos nobres, n'estas cousas, querem superabundancias, a que os mercadores já não acudiam, e era forçado fazel-os elle prover, e aviar uns e outros, e era infinito isto e ordenar o necessario: fez tambem duas capitanias (companhias ?) para sua guarda, que depois mandou na vanguarda, pela confiança que n'ellas tinha, por ser tudo gente solta e muitos mamelucos e filhos da terra, porque estes n'isto são de mais effeito, e a estas duas companhias *(sic)* deu sempre á sua custa de comer e todo o mais necessario, e proveu de armas, ainda que nos requerimentos que lhe fizeram para elle haver de ir dizia o provedor Martim Carvalho, que fosse que elle o proveria á custa da fazenda de Sua Magestade. Além dos dois capitães da guarda, que um era Gaspar Dias

de Moraes que de soccorro antes havia ido ao Parahyba e (Mise ?) Hyppolito, antigo e mui pratico capitão da terra, se elegeram mais de novo por capitães Ambrosio Fernandes e Fernão Soares, que se chamavam capitães dos mercadores —foram mais os capitães das companhias da ordenança da terra—Simão Falcão, Pero Cardigo, Jorge Camello, João Paes, capitão do cabo de S. Agostinho, muito rico, que o fez n'esta jornada por cima de todos em tudo, com muitas vantagens, levando sempre á retaguarda o João Velho Rego, capitão de Igaraçú, e todos os da ilha Tamaracá com seu capitão Pero Lopes; e porque havia muita e boa gente de cavallo, que foram cento e noventa e cinco, ordenou tres guiões de trinta cavallos cada um, dos melhores, para acudirem ao que cumprisse.

Ia mais—um filho do capitão Antonio Barbalho com a sua bandeira por elle ficar doente, que em todas as jornadas o fez muito bem.

Era a segunda pessoa d'este exercito, sobre quem carregava o peso d'elle, Francisco Barreto, cunhado do ouvidor geral Martim Leitão, o que chamavam mestre do campo, e elle o podéra ser de outro de muitos milhares de soldados por seu esforço, aviso e destreza, e assim era estranho o cuidado e diligencia com que a tudo acudia e provia: elle era a esperança de todo o arraial e o gosto de seu cunhado Martim Leitão, ao qual Francisco Barreto sempre ajudou em tudo e acompanhou, de maneira que se póde dizer por elle ser o fiel Achates, o qual com os que se ajuntaram á sua porta que foi a mais formosa cousa que nunca Pernambuco viu, nem sei se verá, foi dormir no campo de Igaraçú, no meio do qual mandou armar a sua tenda de campo, com outras duas pegadas, uma dos nossos dois padres, e outra de sua despensa, onde se agasalhava tambem a gente de seu serviço, que eram com as duas companhias, cem homens.

Aqui mandou o governador Martim Leitão ou general, por que assim lhe chamaremos esta jornada, deitar grandes bandos, pondo graves penas contra todos aquelles que brigassem ou arrancassem, encommendando muito particularmente que houvesse entre todos muita amizade, e outras boas ordens e necessarias, que se cá costumaram no Brasil não houvéra os desconcetros e perdas que tivemos os tempos passados. Alli esteve tres dias, esperando se ajuntassem todos os do termo, que era cousa de ver n'aquelle campo todos armados onde se fez aposentador e mais officiaes de campo, e tanto mais para ver quanto se menos havia visto outro tal no Brasil de tanta, nem tão boa e lusida gente, que até de todos os navios lhe deram de cada um—um e dois soldados.

CAPITULO IX

DA ORDEM DA JORNADA E DO PRIMEIRO ROMPIMENTO E CERCA TOMADA

Ao quarto dia, que foi o primeiro de Março, d'aquelle alojamento e fóra d'alli duas leguas além do engenho de Filippe Cavalcanti, com muita agua e receio de os impedir o inverno, por ser já cabo de verão, foi feita a resenha e acharam-se quinhentos e tantos homens brancos; d'alli foram dormir ao outro dia além do rio de Tapurema, aonde o general deu regimento a todos e ordem do que haviam de fazer, repartiu as companhias e ordenou que um dos guiões de cavallo, aos dias, por evitar competencias, fosse sempre na vanguarda, o outro na retaguarda e o terceiro na batalha onde elle ia, porque da gente de cavallo escolheu noventa, os melhores, de que fez tres guiões, cada um de trinta cavallos, de que eram capitães Christovão Paes d'Altero, Antonio Cavalcanti, filho de Filippe Cavalcanti, e Balthazar de Bar-

ros, e o capitão, a que no seu dia tocava a retaguarda, tivesse obrigação de mais uma hora ante-manhã, com alguns indios correrem e descobrirem o campo, e assim com toda a ordem possivel, e com de contínuo irem alguns homens de confiança com mamelucos e indios por descobridores, diante e pelas ilhargas do exercito, mettidos pelo mato, levando por cabeça um Manoel Leitão, com mais sete ou oito de cavallo e alguns arcabuzeiros, que eram doze, aos quaes seguiam os nossos indios forros, e a elles as companhias da vanguarda em sua ordenança, com ordens de nenhum bolir o pé d'onde os commettessem e se darem signal uns aos outros, e passarem palavra ou correrem (como cá dizemos) de official em official, sem embargo do caminho ser muito ruim e tão cheio de mato, que era necessario irem os gastadores diante, fazendo-o encaminhar ao arraial, enfiados uns traz outros, e com a gente ser tanta que tomava mais de meia legua ao comprido, em um momento se sabia em todo o exercito tudo o que em alguma parte d'elle succedia. E assim foram por suas jornadas em cinco dias até entrarem na grande campina antes do Parahyba, aonde pela lembrança do que alli alguns em outras jornadas tinham visto ia a gente tão apertada, que sendo alli tão bom o caminho não andavam, por mais recados que se passavam á vanguarda, em que n'aquelle dia por ser de mais importancia ia Francisco Barreto; mas pelo vagar, tomando o general um galope em um cavallo, que havia pouco tomára folgado, foi vêr o que era, e achando irem já pelo mato os que tinham nome de gastadores e que tambem iam a cargo de Manoel Leitão, abrindo com as fouces caminho, por o fazerem de vagar os reprehendeu Martim Leitão, e pôz alhi seu cunhado, que por ser tarde abreviasse para os não estorvar ou damnar a noite. Francisco Barreto fez marchar ávante a vanguarda com presteza e recado, e o general esperou alli até se metter em seu lugar,

aonde indo já quasi sol posto se sentiu dar a vanguarda em uma grande cerca em que alojava o Braço de Peixe, pegado com o rio Teberi, com mais de tres mil almas, onde com o açodamento no acommetter de Francisco Barreto e de alguns capitães, e com sobrevir logo a noite escura e estar da outra banda da cerca um grande alagadiço, que assim se situa sempre o gentio para se acolher quando cumprir, foi a causa de não se fazer grande presa, mas mataram muitos dos inimigos que o grande odio não consentiu n'este primeiro impeto captivar. Estes impedimentos, com o guião d'aquelle dia se embaraçar de maneira que lhe foi forçado mudar as adargas á mão direita por causa da cerca, foi tambem causa de se não fazer muito mais, se mais ha que em se vendo uma cerca muito forte com sua rêde por fóra e grade (grande?), que promettia mais de tres mil homens, se lançarem a ella como leões e a levarem logo nas unhas, ainda que com algumas poucas flexadas, porque foi tal a pressa, que não lhe deram lugar, nem tempo para despenderem muitas. O que sentindo o corpo do exercito e retaguarda, que ficavam atraz, arrebentavam todos por chegar com os dianteiros á briga, e por pressa que se deram quando já chegaram era acabada. Entrando, pois, todo o exercito dentro na cerca, que Francisco Barreto lhe tinha franqueado com a gente da vanguarda, e alojados todos n'ella com alguns rebates e repiques que tiveram dos inimigos, que com presteza e animosamente rebateram, repousaram todos alli áquella noite e á sua vontade, onde acharam muita farinha feita, e armas e polvora, para irem cercar o forte, segundo os captivos disseram.

CAPITULO X

COMO SE TENTARAM AS PAZES COM O BRAÇO DE PEIXE, QUE NÃO HOUVERAM EFFEITO

Ao outro dia, pela manhã cedo, logo os indios se puzeram ás pulhas, como é seu costume, em um teso alto, defronte da nossa cerca, além do alagadiço, com os quaes, por se entender serem da gente do Braço de Peixe, o general, que desejava ter paz com elles e apartal-os dos *Pitiguares*, e reconciliarem-se do mal que na morte de cento e tantos homens de Gaspar Dias de Athayde e Francisco de Caldas, na serra, havia pouco, com razão tinham feito, mandou deter (descer?) todos da cerca e por linguas travar praticas com elles, que estivessem seguros, e reprehendendo-os de fugirem, pois só buscavamos os *Pitiguares*, com os quaes nunca queriamos paz, mas com elles sim, dizendo-lhes mais que o general era homem do reino, fóra das milicias do Brasil, e estava muito bem informado da sua amizade com os brancos, pelos quaes sabia quebrára a paz, e que se os capitães foram vivos os mandàra el-rei por elle castigar. Com isto vieram em praticas por via de indios e bons linguas, principalmente pelo padre Hyeronimo Machado, que no alagadiço com resguardo estiveram todos, mandando-lhes dar vinho, de que todos beberam, onde concertaram, dados refens, mandar já ao Braço seus embaixadores, depois de jantar, assentar pazes com o general, o qual n'este meio tempo trabalhou em boa dissimulação por indios linguas descobrirem o alagadiço, se por cima ou por baixo dariam vão á gente, que, succedendo, fazia conta mandar por entre o mato tomar-lhes as costas no outeiro, mas não havendo n'isto remedio pela grandeza do alagadiço e espessura do mato á roda, e por pouca vontade dos nossos. Ao meio-dia vieram

tres indios do Braço a tratar das pazes, que foram ouvidos na tenda do general, e examinados por linguas e padres pelo capitão Simão Falcão, e feitas todas as diligencias, e ostentações e artificios, que pareceram necessarios por o Braço e os seus terem comsigo muitos *Pitiguares*, juntamente com o medo de suas proprias culpas, nada bastou para os assegurar, e assim, tornando-se á tarde, quizeram lá matar os refens e ficou a guerra rôta, que os inimigos estimando pouco esquentaram toda aquella tarde com trinta e tantas espingardas e muitas flexas, ao que ainda querendo atalhar o general, para os desenganar, mandou sahir por sua ordem todas as companhias e gente por uma campina entre a cerca e o alagadiço, que n'aquella manhã, para o que succedesse, tinha mandado roçar; estendidos por alli todos os indios per si lhe mandou dar mostra de dois berços que trazia em carro,e bem varejados em uma caiçára tranqueira(?),d'onde os negros, e se defendem, que no cume de um pico, no cabo de uma queimada, os inimigos haviam feito, e com outros muitos assombros, nada bastou para quererem paz. Com isto se resolveu o general em lhe dar ao outro dia batalha, mandando áquella tarde fazer muitos feixes de faxina, que ao longo da cerca haviam cortado, para que com as pontes, que o gentio no alagadiço havia feito, passassem da outra banda; e, assim receiosos muitos no arraial, ou medrosos de por todas as partes, n'aquella tarde e noite, sentirem gentio trabalhar, cortando nos matos para seus reparos, e continuas rebolarias, de que muito usam, não foi nada aprazivel ao arraial esta determinação do general, o que se viu melhor no conselho que se teve aquella noite na tenda do general, que foi assaz vario e confuso, e a seus brados se assentou ficassem alli as duas partes do arraial, e á petição de todos ficou Francisco Barreto alli com elles, e elle, a pé, com o terço logo nomeado ir dar nos inimigos no pico, ficando

cá tudo provido para o que succedesse, e assim foi a muitos bem triste e espantosa a noite aquella, quanto o dia seguinte formoso e alegre, que tal é o mundo.

CAPITULO XI

COMO FOI DESBARATADO O PICO DO BRAÇO DE PEIXE.

Ouvindo missa ao outro dia pela manhã muito cedo, partiu o general com as companhias da vanguarda sómente e o guião de cavallo de Antonio Cavalcanti que mandou no roçado e uma queimada andar da nossa parte do alagadiço para por alli não arrebentar alguma cilada e nos tomarem as costas, e levando o padre Hyeronimo Machado um crucifixo diante, acharam no alagadiço muito estorvo por de noite os inimigos cortarem muitas arvores, com que o atravessaram e embaraçaram todo ; com isto e com andarem muito soltos pela queimada da outra banda ás flechadas e arcabusadas, se passava de vagar e havia muito receio e com a pressa e peso da gente se não ajudarem das fouces os gastadores e machados, nem ordenarem bem a fachina, que cada um trazia, chegou a cousa a tanto, que foi necessario ao general agastar-se com alguns, e mandando ficar a companhia de Ambrosio Fernandes, que subindo houvéra de tomar a parte direita, e ficando com ordem se não bolissem do alagadiço, até todos serem em cima, arrancou da espada, jurando havia de escalar o primeiro que fallasse, senão obrarem todos como esforçados. Isto e metter-se apressado ao passo, carregando nas costas dos dianteiros fez passar uns ás vezes por cima dos outros e tomar a ladeira acima bem depressa muitos pela aspereza da costa e pedras com quem tambem lhes tiravam se detiveram mais de um grande quarto depois de se recolherem os inimigos no forte, que por

arte e por natureza o estava assaz subiam os nossos em pés e mãos, e aferrando todos a cerca não na acabavam de render: o que vendo o general tomou um inglez que levava comsigo armado, e subindo-o ás costas em cima da cerca com uma formosa lança ingleza de fogo accesa, fez taes terremotos deitando infinidade de pelouros que dentro em si tinha, despejaram os inimigos por alli, e derribando as nossas duas ou tres braças de terra que todos tinham cortado, cahiu de romania, tomando alguns de baixo, mas sem perigo, com que entrando não parou mais inimigo, e os foram seguindo um pedaço, ainda que o ruim caminho e impedimentos que para este tempo os inimigos tinham feito, que para nós era muito, que elles são bichos do matto, foi causa de escaparem muitos,—o que ordenou assim Deus para nos ficarem, como agora os temos por amigos.

Corridos assim os mais que os nossos poderam, mandou o general queimar toda a caiçára e madeira, e assolado tudo se tornou para seus companheiros á cerca, que o vieram receber fóra com grandissima e demasiada alegria, parecendo a todos seria o negocio concluido, e assim com o *Te Deum laudamus*, o levaram a uma ermida de rama, no meio da cerca d'onde diziam missa, e no mesmo dia á tarde houve um rebate da banda do *Tibere*, a que alguns capitães acudiram desordenadamente, e por ser a revolta grande mandou o general a Francisco Barreto os fosse recolher, o que fez muito bem e com muito acôrdo, porque em a escaramuça que se travou foram mortos alguns *Pitiguares*, sem dos nossos haver ferido. E por não ser já de effeito a estada alli, ao outro dia mandou pôr fogo á cerca, que toda ardeu, e com todo o exercito pelo rio *Tibere* abaixo foi seguindo os inimigos, e fomos *(sic)* dormir d'alli duas leguas, aonde se agora chama as Marés, e buscando alli tudo por se entender haverem dado volta os inimigos pela campina juntando-se

com os *Pitiguares*, arrancados todos os mantimentos que alli foi possivel, que foi a maior guerra que se lhes pôde dar, nos tornàmos acima, (deixando queimadas duas aldêas que alli tinham) buscar outra cerca que acima do *Tibere* tinham nova e do gentio principal por nome Assento de Passaro ; aonde antes de chegarmos o terceiro dia pela manhã com o embaraço de ruim caminho que se ia abrindo pelo matto e brejos se embaraçou e deteve tanto a vanguarda, que depois de muitos recados foi forçado ao general com o ouvidor da capitania Francisco do Amaral, que sempre o seguia, cortar a gente, apeando-se para melhor poder passar avante, e ir rompendo a ver o que era, chegou aos dianteiros, que com um ruim passo e inimigos corredores, que se atravessáram diante se detinham. Vendo isto o general,com presteza pôz além de um brejo seis arcabuzeiros e alguns indios, por força, por todos temerem, e passando elle em pessoa da outra banda do brejo, fez á pressa deitar grandes ramos de arvores e algumas inteiras, com que em breve, entretendo os inimigos com algumas arcabuzadas, e cevando-se sempre de gente que continuo iam passando, segurou o passo,e mandando logo recado ao exercito marchasse depressa por elle entender ser aquillo detença dos inimigos para melhor despejarem entretanto a cerca do mulherio e filhos, como de feito era. E ainda que o general com toda a pressa, com marchou e se adiantou aos seguir, já acháram a cerca, que era grande e forte despejada, ainda que em alguns velhos e femeas, que não poderam fugir, se vingou o nosso gentio. E alli repa   ráram aquelle dia e o outro, porque com os muitos alagadiços e diversidades de opiniões dos caminhos que ninguem sabia (e não se espante alguem, pois até esta jornada, as de antes foram estradas de cegos, em que era forçado ir por cima e fugir pela praia) e assim com estas duvidas e informações se resolveram tornar o Parahyba abaixo

buscar o passo para o forte, aonde se assentaria o que cumpria, alli vimos uns grandes labyrintos (certo que ainda que de barbaros muito para notar) que os nossos inimigos tinham armado pelo outro caminho que ia ter a esta cerca, que era a estrada, e certo que faziam admiração os fojos, que chamam Mondés, trincheiras entulhadas de terra e cegas de rama, e muitas encontradas umas com outras, ao longo do caminho pelo matto, e tão cortado e embaraçado d'estas cousas que, a não haver grande cautela, cincoenta bastavam a cinco mil; mas de tudo Nosso Senhor nos guardou e desviou.

Passado em baixo o Parahyba, d'alli a tres dias chegamos ao forte, que era cousa piedosa de ver, assim o damnificamento como as pessoas dos soldados, que bem mostravam as fomes e miserias que tinham passado com as ruinas, que por ser de taipa, havia tudo mister reparado, e logo na tarde que aqui chegàmos, procurou muito o general com Fructuoso Barbosa, quizesse ir duas leguas acima, junto dos Marés, aonde havia muitos mantimentos, da parte do sul da Parahyba, aonde ora está a cidade de N. S. das Neves fazer povoação para o que lhe juntava oitenta homens e indios os mais que podesse e se offerecia estar com elle seis mezes, e outros seis, seu cunhado Francisco Barreto; mas nunca se pôde acabar com elle, e por autos, que se d'isso fizéram desistir de tudo, dizendo não estariam mais uma hora no Parahyba.

Por cima de tudo isto determinou o general fazer no dito sitio (que logo a todos pareceu bem) a povoação que aguentada com o forte, e era cousa facil sustental-a, commetteu a Pero Lopes e outros, mas não pôde concluir, e por não perder tempo mandou ao capitão João Paes com tresentos homens de pé e de cavallo correr a bahia da Traição, que no mesmo dia partiram.

Não contarei aqui as differenças, que teve aqui o capitão Simão Falcão sobre o generalado d'esta ida, que depois de muito soffrimento do general, lhe custou deixal-o preso no forte, e outra que teve o alcaide com Fernão Soares, capitão dos mercadores, e outras muito graciosas de que o muito refresco que alli acharam nos barcos de mãi *(sic)* (mais? foi causa?) que não são de minha obrigação) por cada um ahi ter os seus mimos e provimento nos barcos que eram chegados.

CAPITULO XII

COMO JOÃO PAES FOI A BAHIA DA TRAIÇÃO.

Partido João Paes, e desenganado o general não haver quem por nenhuma via ousasse nem prestasse para o que pretendia que era povoar, pois os fortes e gentes e tantos gastos só a esse fim tiravam, com assaz paixão se determinou ir no outro dia pela praia com a gente que lhe ficou juntar-se na bahia da Traição com João Paes, porque assim, levando um campo por cima e outro por baixo, não ficasse nada em meio, e juntos seguirem por alguns dias os inimigos, ao menos para de sizo os encontrarem e enxotarem, ainda que lhe contradiziam isto quasi todos, por receiarem o perigo, vendo-se tão poucos; mas determinando partir na baixa mar do outro dia parece que foram os peccados dos ruins ares d'aquelle negro sitio onde o forte estava, porque subitamente n'aquella noite adoeceram quarenta e duas pessoas com estranhas dôres de barriga e camaras, e entre os quaes foi Francisco Barreto e o padre Simas Travassos e outros de muita importancia, com o que houve detença dois dias, e vendo que não melhoravam se embarcaram alguns, pelo que lhe foi forçado levantar o arraial e tomar acima duas leguas em um campo muito formoso e aprazivel si-

tio de muito boas aguas, a que puzeram nome o Campo das Ostras, pelas muitas que alli acharam do rio, com que se todos refrescaram e em seis dias que alli estiveram esperando por João Paes alguns se refizeram.

Chegado elle, e juntos outra vez todas e sabido que na bahia da Traição lhe não ousaram os inimigos esperar, ainda que lhes queimaram muitas aldêas e arrancaram mantimentos, fizeram-se aqui dois ou tres conselhos para se dar ordem no que se devia fazer, e por termos por certo que os *Tobajaras* do gentio Braço de Peixe e *Pitiguares* por causa das rotas que lhe tinhamos dado n'esta jornada estavam já desavindos de todo e os *Pitiguares* haviam quebrado a cabeça a alguns *Tobajaras*, dizendo que eram manemos (panemas?) que quer dizer fracos, e que os não haviam defendido de nós como lhes tinham promettido e estavam obrigados por terem tomado de aposento as nossas fronteiras, e emfim por suas malicias de algumas espias, que se tomaram aquelles dias se soube ir muito longe já o Braço de Peixe com os seus, e os *Pitiguares* se andarem juntando para lhes irem dar nas costas; com isto se resolveram todos e era bom deixal-os já que por si se queriam gastar, antes convir muito por alguma via avisar o Braço de Peixe que lhe dariamos soccorro contra os *Pitiguares* e que se não tornasse á serra, e outros mimos e perdões de todo o passado, com que em muito segredo o general fez fugidiço um indio, seu parente, com grandes promessas se o aquietasse e fizesse tornar o Braço de Peixe ao mar. Com esta ordem e provido o forte de mais vinte homens e com lhe deixar ao capitão Pero Lopes á custa do general, e os prover do seu, como melhor póde, que lhes vi deixar as pipas de farinha e de biscouto e vinho, e sardinhas, provimento para dois mezes, que se ha de entender era tirado de sua bolsa, porque em todo este tempo e negocio, sendo assaz custoso, em nada e por ne-

nhuma via entrou a fazenda d'el-rei, e com esta ordem e se esperar até por todo o Maio não poder tardar recado de Sua Magestade, acerca do forte, que então fazia um anno que alli estavam quam mal provido, e sem ordem nem aviso seu se partiram todos para a villa de Olinda com muita festa (ainda que o espirito do ouvidor geral Martim Leitão, que já não chamarei general) se não quietava, nem contentava, dizendo não ter feito nada, pois não ficava levantada povoação no Parahyba e tudo o da guerra de todo concluido, como se fôra poderoso para tamanho negocio, em que Nosso Senhor o tinha tanto favorecido mais que a todos os que até então se tinham n'isso mettido, d'esta maneira entraram na villa de Olinda em som de guerra, postos em ordem, acompanhando todos ao ouvidor geral até sua casa com estranho triumpho e festa que foi o maior e mais honroso recebimento que nunca Pernambuco teve, nem sei quando já terá que foi a 6 de Abril de 85.

CAPITULO XIII

COMO O CAPITÃO CASTREJON FUGIU E LARGOU O FORTE E O OUVIDOR GERAL O PRENDEU E AGASALHOU OS SOLDADOS.

O primeiro de Julho do mesmo anno de 85 chegou nova a Pernambuco era chegado a Tamaracá o capitão Pero Lopes, que o ouvidor geral Martim Leitão deixára com alguns portuguezes no forte do Parahyba em companhia do alcaide, e que trazia algum fato, e que todos publicavam despejarem no, de todo logo, e que em segreto buscavam piloto para de lá os levarem com os hespanhoes ás Indias ; e como o ouvidor geral andava tão prompto e receioso d'estas cousas, logo pela porta mandou buscar Pero Lopes, do qual informado em quatro dias concluiu com elle se tornasse assistir no

forte como o deixára, com alguns filhos da terra e gente no qual estivesse até Janeiro com obrigação de lhe darem cada mez cincoenta cruzados, porque não seria possivel deixar el-rei de avisar e prover, por cuja falta se despovoava isto; difficultosamente aceitou Pero Lopes, mas com promessa de qualquer achaque com que o Castrejon viesse o deterem, por que por sua má condição fugiam tambem d'ella (de lá?) e feitos autos com a camara, e aceitado isto, sahiu n'esta materia outro muito maior inconveniente de todos, que foi resolver-se o provedor Martim Carvalho, que então mal provia o forte, o não querer fazer mais por nenhuma via, nem n'isso entender, e assim o respondeu por autos publicos, assaz n'isso repetiu o ouvidor-geral, e assim ficou tudo desarmado, e se concluira peior se o ouvidor-geral não tratára este negocio por via de emprestimo, com que logo mandou ao capitão Pero Lopes fizesse rol do que havia mister para provimento de cem homens em seis mezes, e feito e sommado em seis mil cruzados, os mandou logo tomar e repartir pelos mercadores que tinham as cousas necessarias, aos quaes se satisfazia com creditos de João Nunes, mercador, e tomado navio e aviados por não succeder no forte fazerem o alcaide com os hespanhoes o abalo, lhe fez escrever da camara com muitos mimos e certeza de serem agora muito melhor providos, pois haviam de correr por elles livres de Martim Carvalho, que muito deviam estimar. O mesmo lhe escreveu o ouvidor-geral, e com estas cartas se foi Pero Lopes aviar á sua casa, á ilha de Tamaracá, aonde o havia o navio e gente de ir tomar de caminho, e elle entretanto avisaria o alcaide, e ou o diabo a tecesse, ou o tivessem com amigos e com os hespanhoes já tratado, Pero Lopes não avisou ao forte, nem mandou as cartas, indo d'isso tão encarregado, e as teve em seu poder sem as mandar, se falla verdade Pero Lopes, desde 8 de Junho até 24, que estando tudo a pique para ao

outro dia partir o navio, e de caminho ir pela ilha, se começou a dizer serem chegados castelhanos do forte á ilha, dizendo vinha o alcaide atraz, e deixavam tudo arrasado.... A isto, que em breve encheu a terra, se juntou toda a villa ás Ave-Maria em casa do ouvidor-geral (cousa lastimosa), porque os homens costumados já com o forte, principalmente os fronteiros(?) a algum repouso, andavam pasmados. O ouvidor-geral, que n'estas cousas não dormia, assentou se ajuntassem logo pela manhã no collegio-Bispo, capitão (*sic*) D. Filippe, Camara, provedor Martim Carvalho, e na mesma noite expediu os seus officiaes que fossem buscar o Castrejon e lh'o trouxessem preso a bom recado, como fizeram. E nas perguntas não deu outra razão senão da fome e não ter aviso, que era assaz fraca, pois para a fome confessava com muita seguridade, depois da guerra que havia dado o ouvidor-geral, não apparecer mais inimigo, e irem os barcos que lhe havia deixado pelo rio acima buscar mantimentos, que era assaz provimento, e a tardança foi pouca, mas deviam de estar enfadados e vingarem-se em deitar a artilharia ao mar, e uma náo que lá estava ao fundo, e pôz o fogo ao forte, e quebrar o sino, e com isto se vieram á villa, como quem não tinha feito nada, e por nossos peccados, que sempre desfazem o bem e ajudam o mal, assim lhes succedeu depois, porque, no reino, ao Castrejon, aonde o ouvidor-geral o mandou por mandado de el-rei preso, sahiu elle bem, e o ouvidor-geral não sei como: são frutos do tempo que faz seu officio e me (*sic*) escusam dar razão.

Ao outro dia, pela manhã, juntos, em modo de conselho no collegio, houve algumas duvidas com que o bispo e outros, movidos de quão mal se do reino respondia á tanta importancia, difficultavam a empreza, que a verdade estava mais duvidosa que nunca por ser sobre tantas quedas, e lá se consumirem tantas vezes os nossos, e se receiarem francezes,

que nunca alli faltam, e os *Pitiguares* se refazerem no nosso forte, pelas quaes causas todos diziam que nunca na terra sem grossa mão do rei haveria força para os deitarem d'ella, do que em ninguem havia confiança por serem iguaes em o medo, antes em todos desmaio grandissimo, e mórmente pelo desamparo com que os officiaes da fazenda haviam largado de todo o negocio de tanta importancia, se o ouvidor-geral Martim Leitão, todo acceso em colera e fervor com que andava, e com muitas razões os não persuadira a de entre si elegerem um homem, que com cento e cincoenta que se offereceu a buscar-lhes e (*sic*) gentio, com a despeza e vitualha que estava buscada, tornasse logo recuperar o perdido, e senão que elle com os seus e amigos que pudesse estava determinado metter no nosso forte arruinado por os que tinham obrigação de o defender, e isto com tanta vehemencia e requerimentos, protestos e ameaças da parte de Sua Magestade, que os espertou e aviventou, e assim elegeram ao capitão Simão Falcão, que pareceu pessoa para isso, por Fructuoso Barbosa em nenhuma maneira querer aceitar esta empreza com estar a tudo presente, de que Simão Falcão foi logo avisado, e o ouvidor-geral com prégões, industria e summa diligencia, juntou todos os hespanhoes que do forte vieram e ao presente na terra havia, dos quaes fez duas esquadras de quarenta e dois, que ajuntou em umas casas a que cada dia fazia prover de ração ordinaria de sua casa e á sua custa, não se esquecendo por via dos padres da companhia encommendar este negocio muito particularmente a Deus, esperando ainda algumas boas novas da intelligencia do Braço de Peixe (como a atraz disse), que Deus acode e provê tudo.

CAPITULO XIV

NOVAS DO BRAÇO DE PEIXE E PRINCIPIO DAS AMIZADES

Havendo n'este mez de Julho alguma dilação pelo juntar da gente, a qual n'estas partes é mui difficultosa, como de juntar para a guerra, mórmente para esta tão cansada, e por adoecer Simão Falcão tanto ao cabo como esteve. No fim d'este mez chegaram dois indios de aviso do Braço de Peixe ao ouvidor-geral, pedindo-lhe soccorro contra os *Pitiguares*, que tornando-se pelo seu recado para baixo ao mar o cercaram por vezes, e tinham quasi desbaratado; n'este proprio dia vestiu*(sic)* Martim Leitão os indios e se foi dormir ao Recife com João Tavares, escrivão da camara e juiz dos orphãos, e a parecer de todos pareceu mais conveniente, e por serviços de el-rei e por lh'o elle rogar aceitou soccorrer-se, como havia annos, ao mesmo Braço no sertão havia feito, e assim com doze hespanhoes bem concertados e satisfeitos, e oito portuguezes, em uma caravela equipada e concertada para tudo, com algumas dadivas e bom regimento, partiu do porto de Pernambuco a 2 de Agosto de 1585, e aos 3 chegou pelo rio acima em falla do gentio, aonde se viu, com seu resguardo e bom recato, conforme o bom regimento que levava, com o Braço de Peixe e mais principaes, no porto que agora é a nossa cidade e os antigos chamaram da Canaria *(sic)*, assombrando os *Pitiguares* primeiro com alguns tiros, que, presumindo mais força, fugiram.

Assentaram as pazes, dadas suas dadivas e refens: sahiu o capitão João Tavares dia de Nossa Senhora das Neves, por cujo respeito depois se pôz este nome á povoação, e a tomaram por patrona e advogada, debaixo de cujo amparo se sustenta, e ordenaram um forte de madeira com as costas no rio, onde se recolheram. Avisado logo o ouvidor-geral se

alvoroçou toda a villa e moradores d'estas capitanias, parecendo-lhes, e com razão, eram já todos seus trabalhos acabados; e depois de muitas graças a Deus sobre isso chegaram os linguas por terra, com obra de quarenta indios, com embaixada do Braço de Peixe e dos principaes, aos quaes todos o ouvidor-geral em sua casa agasalhou, vestiu e festejou, vestindo os cabeças e avisando o capitão João Tavares do que devia fazer, mandando-lhe mais vinte e cinco homens de toda a sorte por os hespanhoes estarem ainda muito enfermos, e mandando-lhe vestidos finos para os principaes e grandes mimos, e todos muito contentes os tornou a mandar, e com grandes defesas não houvesse nenhum genero de resgate, de que o ouvidor, como experimentado, é muito inimigo, e com razão, que isto é o que damna e estraga o Brasil.

CAPITULO XV

A SEGUNDA JORNADA DO OUVIDOR-GERAL E COMO SE FEZ O PRIMEIRO FORTE

Para se aperfeiçoarem estas pazes com os indios, de que Deus por industria do ouvidor-geral Martim Leitão nos tinha feito mercê, pareceu necessario não se perder tempo. antes importava á toda furia ir-se fazer um forte e recuperar a artilharia, e assentar a povoação por se os francezes n'este verão não virem fortificar no que Francisco de Castrejon deixára, para o que por todos foi assentado que ninguem podia fazer estas cousas senão o ouvidor-geral Martim Leitão, ao qual o pediram e requereram todos, e elle aceitou por serviço de Deus e de el-rei, e por bem d'estas capitanias, e assim se partiu para o Parahyba a 15 do mez de Outubro do mesmo anno, com alguns amigos, e seus officiaes e criados, que fariam numero de vinte e cinco de cavallo e

quarenta de pé, levando pedreiros e carpinteiros, e todo o recado necessario para fazer forte e o que mais cumprisse, e chegou lá aos 29, onde foi grandemente recebido dos indios e brancos que ahi estavam, e aos principaes que vieram uma legua recebêl-o; abraçou um e um com grande festa, e fazendo apear os de sua casa os fez ir a cavallo, e alguns pelo que tinham passado com os brancos tremiam, de maneira que era necessario il-os sustentando nas sellas, com este triumpho os levou pelo meio de suas aldêas, bem vestidos com o que lhes havia dado, com o que uns choravam e outros riam, cousa muito para vêr, e logo em essa noite se informou dos sitios, e particularmente em segredo tinha encommendado lhe buscassem, com todas as commodidades necessarias, para povoação a Manoel Fernandes, mestre das obras de el-rei, Duarte Gomes, João Queixada e outros, e o capitão, que todos estavam para isso d'elle prevenidos em segredo, mas encontrados nos pareceres dos sitios; ao outro dia o ouvidor-geral, ouvindo missa antes de sahir o sol, que caminhando e andando n'estas jornadas sempre lhe diremos foi logo a pé vêr alguns sitios, e á tarde, a cavallo, até o ribeiro de Jaguaripe para o cabo Branco e outras partes, com o que se recolheu com a noite, enfadado, encommendando isto na manhã que vinha á Nossa Senhora devotamente, foi Deus servido á sua intercessão, como padroeira d'aquella nova planta, concluisse que assentasse n'aquella parte, sobre o porto onde agora está a cidade, planicie de mais de meia legua, muito chã, de todas as partes cercada de agua, senhora do porto, que com um falcão se passa além: é ribeira de agua doce entre ella e o porto, que é singular e tão alcantilado, que da prôa de navios de sessenta toneis se salta em terra, d'onde sahe um poderoso torno de agua para provimento das embarcações, que a natureza alli pôz com maravilhosa arte, e muita pedra de cal, onde logo man-

dou fazer um forno d'ella e tirar pedra um pouco mais acima, mas perto, com que visto tudo muito bem, buscado o mato d'aquelle sitio, e tudo roçado e limpo, a 4 de Novembro se marcou o forte de cento e cincoenta palmos de vão em quadra, com duas guaritas que jogam oito peças grossas, uma a revez da outra, e alicerces de pedra e cal, para cujo principio se fez de ostra e pedra, com duas juntas de bois e com uma duzia de vaccas, que levou para inçar a terra, além de muitas porcas, cabras e todas as criações com que procurava affeiçoar os homens á terra, e certo que até as gallinhas que levava para si e doentes, dos quaes sua casa era a botica, repartiu por todos, e com os carros, e trabalharem máos e bons com seu exemplo, que um e um os chamava de madrugada e appellidava á obra, e repartia uns na cal, outros no mato com os carpinteiros, outros nas pedreiras e com os serradores, barro e taipa de pila(?), de quatro palmos de largo, para o que mandou logo fazer oito tarpaes para todos trabalharem, e era para vêr a porfia e inveja em que os mettia, cevando-os com sua affabilidade e com trabalhar mais que todos, com o que duravam na obra de sol a sol, sem descansar mais que a hora de comer, em que o trabalho e continuação veiu a ser tanto que todos desejavam adoecessem, como muitos fizeram para ter repouso ; chegando, pois, a obra em duas semanas de serviço a estado defensivel, logo lhe mandou pôr artilharia, que n'este meio tempo, com espantoso trabalho e industria, por os buzios que para isso levou se havia tirado do mar, sem se perder peça, que foi cousa milagrosa : só as camaras faltaram, mas com seis que ajuntou em Pernambuco e levava já com esse pretexto, com dois falcões que foram por mar com os caravelões da matalotagem, se remediou o negocio ; e depois por desastre se acharam lá mais duas camaras, e assim assentada a artilharia e feito o possivel, ordenou por se não

perder tempo, de que é muito inimigo, e o nosso gentio se não esfriar, como já começava, fosse João Tavares e Pero Lopes com toda a gente dar uma boa guerra ás fraldas de Capaoba, e assim ficando-lhe ahi sómente os seus moços e officiaes da obra, e Christovão Reis (Luiz?) e Gregorio Lopes de Abreu, foram todos os mais, onde andaram treze ou quatorze dias sómente, e se tornaram com destruirem sómente quatro ou cinco aldêas, cuja vinda tão apressada o ouvidor-geral sentiu muito, e logo determinou concluir o mais em breve que lhe fosse possivel,pelo que em seu peito tinha determinado (*s.*) a obra e torre que fazia para o capitão sobre a porta do forte, com duas varandas, cousa nobre, e uma grande casa para armazem, sobradada, para gasalhado do almoxarife.

CAPITULO XVI

COMO O OUVIDOR-GERAL FOI Á BAHIA DA TRAIÇÃO

Assim posto isto em boa ordem até 20 de Novembro, deixou ahi Christovão Luiz com os officiaes e gente necessaria, que foi mais da que convinha, que João Tavares que em os dias atraz foi levou mais de cem homens, e elle se partiu com oitenta e cinco, e cento e oitenta indios de nosso gentio, cousa assaz temeraria, o que todos lhe procuravam estorvar por todas as vias com roncas de estarem de certo náos de francezes na bahia da Traição, e com se fazerem muitos doentes, e alguns de tantos trabalhos e máos comeres o estavam de sizo, e com isto e com lhe amotinarem uns trinta e cinco soldados hespanhoes que havia, os quaes lhe chegaram a fazer requerimentos sobre isso, com o que se accendeu tanto o ouvidor-geral de colera por tambem lhe não guardarem o devido respeito, e se soltar um de alcunha Paes, mais do necessario, que já tambem havia ahi posto o

arcabuz nos peitos ao capitão João Tavares, por o que o ouvidor-geral o mandou tomar, e á porta do forte, em presença de todos, lhe mandou dar alguns açoutes até nós acudirmos, porque sabiamos quanto elle folgava de intercedermos, e prometto a V. Revma. que n'esse dia partimos, e foi gentil mezinha, porque não houve quem mais boquejasse; fomos do forte dormir ao Tebery e d'ahi ao campo das Ostras, aonde nos juntámos com o nosso gentio, mettendo-nos o ouvidor-geral em cabeça que era dobrado, e com seis alqueires de farinha de guerra, que todos não levavamos de comer para dois dias, ao que respondia com muita festa que o fossemos buscar entre os inimigos, pois nem em o forte o havia, e para terra de gente viva iamos; e assim fomos d'ahi assaz descontentes todos, e pelos cabellos, á agua que chamam do Camello, e depois do sol posto chegámos ao rio Mangape, que são grandes oito leguas, com o que nós e os negros da fardagem iamos mortos, e por respeito da maré ser cheia e havermos de ir dar de noite em umas aldêas, que estavam perto da outra parte do rio, esperámos, e convinha dar aquella pressa por os inimigos que haviamos achado atraz na campina lhes não darem primeiro aviso, e assim passámos sem ceia e moidos do trabalho do dia, com os cavallos pelas redeas e as mãos nas boccas por não suarmos; como a maré deu lugar depois de meia-noite passámos todos, e, por não nos perdermos, ou as aldêas, com a noite, nos deitámos ao som de um grande chuveiro que nos veiu para de todo ninguem ter repouso, e com a pressa de sómente cubrirmos as sellas e adargas esperámos a manhã, na qual logo marchámos com boa ordem e recado, e ás 10 horas demos em um grande golpe de gentio, que com o seu medonho e costumado urro atroou aquella ribeira, bastante a fazer pasmar outros exercitos, e não oitenta e tantos homens em que entravam dezoito de ruins cavallos, e esse pouco gentio, que

todos não faziamos tresentos de peleja, e assim era para dar graças a Deus a confiança de Martim Leitão e a festa com que ao urro tornou, dizendo: Temos o que buscavamos, a elles! (o qual assim queria cobrir a cada um, como se todos foram filhos, e passada aquella primeira nuvem de flexas que Deus desviou de nós.) Todos nos cerrámos em esquadrão, bem cobertos os poucos arcabuzeiros que havia com os rodeleiros, por sermos todos tão poucos que tudo se podia bem ordenar, e assim remettendo o ouvidor-geral com os de cavallo, que andavam á roda por o sitio dar lugar a tudo, e passada aquella estropiada com alguns quinze arcabuzeiros que os seguiram, dando nos inimigos, se espalharam elles pelo mato, e só obra de sessenta foram fazendo animosamente rosto diante de uma poderosa cerca que estava á vista, que era tal, que certo nos assombrou a todos, e a se não vêr no meio da briga, em tempo que ia a fumaça da continua arcabuzaria, e grita e flexas não davam lugar a cuidar, fizéra em todos o maior abalo, e começando o ouvidor-geral a repartir a gente em duas partes a tiro de arcabuz para logo commettermos, vimos alguns da vanguarda entrar pelas portas, ao que acudimos todos, vendo-as abertas e os inimigos varados pela outra parte, aonde umas grandes ribanceiras e brejos lhe seguravam as costas, com o que se salvaram, seguindo-os sómente alguns do nosso gentio e corredores brancos, que todavia sempre foram matando, afóra os que atraz no recontro ficaram mortos, que não forão poucos, nem é possivel fazer aqui lembrança do que cada um fez, porque todos o fizeram honradamente, ainda que n'estes sobresaltos não faltam bons entremezes, e ás vezes dos roncadores, com que ficam mais graciosos. Aqui repousamos aquelle dia, que todo se gastou em festas e contentamento de nos vêrmos tão poucos e tão valentes, com o que cada um se prometteu bastar para todos os *Pitiguares*, e

certo que aqui experimentámos como um bom capitão de ovelhas faz leões, e assim curámos os feridos no nosso gentio, de que para melhor nem um morreu, posto que muitos seguiram o alcance do inimigo até alta noite, que tornaram e nos acharam ás portas da cerca, que era muito grande, repartidos, vigiando, por haver náos inimigas na bahia da Traição, que estava perto, e pelo rio Manguape em duas horas podia vir aos inimigos soccorro de francezes, e vendo-nos tão poucos refazerem-se, mas, recolhidos já todos, repousámos, que se ha de entender sempre com boa vigia, que n'isso foi o ouvidor-geral sempre mais prompto, correndo de noite muitas vezes todas as estancias, tão severo que nada lhe escapava, e por isto dizia elle muitas vezes que antes queria poucos, que em toda a hora os via, que a muitos, e mais n'estas partes onde a soldadesca não é disciplinada, nem tem as partes necessarias.

CAPITULO XVII

DE COMO CHEGÁMOS Á BAHIA DA TRAIÇÃO E PASSO DE NOITE MILAGROSO

Todo o outro dia gastámos em vêr esta cerca, que era uma fortaleza muito forte, que cuido nunca se fez outra tal no Brasil, e bem mostrava ser obra de francezes, porque tinha tres muito grandes guaritas de quarenta palmos de alto, de cima dos quaes de cada uma podiam pelejar quarenta homens, e assim a passeiavamos o padre Francisco Fernandes e eu muito á vontade: fóra tinha sete cercas de rêde umas sobre outras, em mil voltas e caracol, que era um labyrintho que se perdiam homens n'ella, e armadas muitas aboizes de grandes arvores, que, tocando-lhe um passaro, desarmavam e arrastariam vinte homens; tinha algumas

seis ou sete tranqueiras para berços, mas Deus lhe tirou o animo e nos ajudava, que então tudo eram devoções e christandade ; houve aqui differentes pareceres por ninguem querer chegar abaixo á bahia da Traição, dizendo estarem lá duas náos, e que com francezes e gentio, que já estaria muito mais junto, se não devia commetter, que era tentar a Deus, que dessemos volta com o feito, e bastava tomarmos-lhes nas barbas a mais poderosa cerca que se nunca viu, e n'isso estavam todos ; mas o ouvidor-geral, vendo que se não armava á outra cousa, não quiz concluir, e logo pela manhã, com dissimulação e achaque de correr o campo, mandou a Duarte Gomes com cinco homens de cavallo e outros tantos arcabuzeiros para os tomar em as ancas, cumprindo, e alguns quarenta indios, aos quaes em segredo deu ordem lhe fossem descobrir a bahia da Traição, que por terra era d'alli quatro leguas, e succedendo qualquer cousa se recolhessem em posto seguro e avisassem correndo, que logo lá era ; e assim foram, e no caminho tomaram dois indios, e por se temerem de um que lhes fugiu e lhes poderem tambem sahir de uma náo, que com sua lancha viam sómente, se recolheram debaixo de uma grande arvore, e Duarte Gomes, á redea sôlta, tornou a avisar, e chegaria a nós com duas horas de sol, e como o ouvidor-geral parece o esperava em breve nos fez a todos partir, dizendo que lhe acudissemos ou fossemos morrer com elles, e mais, pois lá não havia mais que uma só náo, como se d'ella por ruim não pudéra sahir tanta e melhor gente da que levavamos e com tanta multidão de gentio. Basta não houve senão encommendar a Deus e pôr ao caminho, como cada um pôde, e tendo andado até meianoite com assaz blasphemias contra elle, de que todos á uma arrenegavam, porque qual chorava os filhos, qual a mulher, e elle que ouvia ; mas, como fazia escuro, mudava-se de uma parte para a outra pelo não vêrem, e outras vezes fallava

alto com outros para lhes fazer vergonha, e assim bem moidos de ruim caminho, que elle e todos fomos a maior parte a pé, chegámos aos companheiros, aonde tudo se gastou em nos fazer calar e saber da maré, porque haviamos de passar o rio Manguape, da outra parte do qual, ou os que a isso foram por vezes, o medo cegava para não vêrem, ou todos estavamos arejados e cortados do pouco somno e comida, que n'este tempo já era farinha de guerra sómente e pouca, e do muito trabalho ninguem atinou com as horas da maré, estando um tiro de pedra d'ella, a fomos demandar na bocca do Manguape na maior força, e assim ainda que alguns dos primeiros não nadaram todos os mais foram nadando, aonde foi cousa milagrosa não morrer nem homem, nem mulher, porque proveu Martim Leitão que n'aquelle passo, que seria um bom jogo de barreira(?) de largo, andassem seis ou sete homens de cavallo, dos quaes elle foi o primeiro, de uma parte á outra, levando de cada vez tres e quatro pegados ao cavallo e á lança, e muitos nadadores, nos quaes se pegavam os que não sabiam, que foi espantoso trabalho por ser grande o escuro, com um chuveiro, até pela misericordia de Deus se pôrem todos da outra banda, sem se perder cousa alguma, salvo a bandeira de Gregorio Lopes de Abreu, capitão da vanguarda, que se aqui, por não saber nadar houvéra de afogar, e não foi o peior d'esta jornada, antes João Tavares e elle Antonio de Barros Rego, e Francisco Pereira, eram todo, e pelos quaes o ouvidor-geral sempre puxava e pelo seu meirinho Heitor Fernandes, Francisco Madeira, Miguel Ribeiro, João Nunes, Duarte Gomes, Simão de Andrade, João Pamplona, o licenciado André Magro de Oliveira, Antonio Lopes de Olivença, Gomes Martins e os de sua casa: estes poucos eram os de cavallo, que a tudo sempre suppriram, e assim demos muitas graças a Deus em nos livrar de tal passo sem nenhuma perda, do que o ouvidor-geral an-

dava doudo de prazer. Depois lhe ouvi dizer que nunca cuidára que era para alguma cousa senão então, porque na briga o som do arcabuz aviva o espirito, mas aqui era pelejar com elementos que é guerra mui differente da dos homens.

CAPITULO XVIII

COMO DERAM NOS INIMIGOS

Passados assim da banda d'além, que seria duas horas ante-manhã, por não sabermos ao certo quanto era d'alli, aonde diziam estar a povoação do gentio na praia, defronte das náos, que era fama terem forte em terra com alguma artilharia, que era o que mais receiavamos e fazia dar pressa ao ouvidor-geral para com a escuridão da noite não vêrmos os perigos que se apregoavam, que n'um tropel de gente de cavallo, com alguns arcabuzeiros de uma parte, e o nosso gentio e os de pé da outra, determinavam em rompendo a manhã acommetter isto; feito algum fogo em que brevemente se enxugaram os arcabuzes, nos fez logo tomar a praia, que como até então de nós não fosse sabida, e sobre tantos trabalhos nos pareceu tão comprida, como trabalhosa, e a não nos dar tanto açodamento e pressa com que aquecessemos, e nos esquecessemos do trabalho, fôra elle muito maior; mas indo o ouvidor-geral com Duarte Gomes e Antonio Lopes de Olivença descobrindo diante, com tres negros da terra, a fomos andando até em amanhecendo, apartados os de cavallo, como disse, para dar da parte do norte, e os mais do sul, remettemos ao forte que ahi tinham os inimigos, todos com grande grito, onde matariam até vinte indios e se tomou vivo um grande principal; outros muitos se deitaram ao mar por terem a terra tomada, e se acolhe-

ram á náo dos francezes, que todos estavam recolhidos com sua artilharia do dia de antes pelo aviso que lhes deu o indio que fugiu a Duarte Gomes, e alli estavam todos muito sobre aviso e tinham despejado tudo, e só aquelles poucos de confiados esperavam, e porque a náo com a claridade da manhã nos começou a varejar a praia com artilharia, varámos todos á aldêa e povoação que estava logo acima, a qual achámos toda despejada, mas com muitas farinhas feitas e favos, que foi grande recreação, com os cajús, fruta do mato, que já começavam; e assim, á instancia dos nossos indios para lhe destruirmos todos os mantimentos e assolarmos aquella estalagem aos francezes, depois de não terem o Parahyba, assentámos estar alli tres dias, e logo, á tarde, fomos todos fazer mandioca, que é arrancar os mantimentos, que só os brancos fazem, porque os gentios estes dias tudo é dormir: essa noite mandou o ouvidor-geral lançar ao mar tres ferrarias que alli havia de francezes, que foi cousa de importancia tiral-as aos inimigos, que com ellas os cevavam os francezes, reparando-lhes estes tres ferreiros, que alli já eram moradores, suas ferramentas, e esta foi a mór guerra que se lhes podia fazer acharem-se aqui mais de sessenta caldeiras grandes e pequenas, e facto, e muita ferramenta, de que se o nosso gentio carregou.

Ao outro dia mandou o ouvidor-geral vinte e quatro arcabuzeiros, na baixa-mar, de madrugada, de cima do recife que ficava sobre a náo, mettidos na agua, dar uma tal sorriada, com tres ou quatro carregas *(sic)*, ainda que sem lhes fazer damno, mas temendo, parece, que o viriam a receber ou que viessem algumas embarcações do Parahyba, levaram ancora e se foram por ahi abaixo, caminho das Antilhas, esbombardeando-nos primeiro com a sua artilharia; na praia se acharam algumas molhadas de ruim páo-brasil, tão delgados como varas, com as raizes, que se queimaram. E as-

sim não podiam dar melhores novas em França que as dos annos passados; com isto ficamos muito contentes todos por da terra fazermos alevantar uma tão poderosa náo, que promettia deitar de si quasi cem homens.

CAPITULO XIX

PARTIDA DA BAHIA DA TRAIÇÃO PARA O TEJUCUPAPO

O terceiro dia, carregados os indios do esbulho e alguns mantimentos, partimos, indo sempre ao longo da costa, e assim fomos outros tres, com o lingua dos indios captivos, em busca do Tejucupapo, o mór principal dos *Pitiguares*, por ser muito grande feiticeiro, e indo, ao quarto, bem descuidados, antes do meio-dia, parecendo-nos já não achariamos inimigos, gritaram da vanguarda: *Pitiguares! Pitiguares!* E não se espantem fallarmos d'esta maneira, sendo tão poucos, porque como as guerras d'estas partes são nos matos, sempre imos enfiados por o ruim caminho, uns traz outros. E assim, ainda que poucos, como não podem ir em fileiras, nem ordem de guerra, occupam muita terra ao comprido, por esta causa, á grita e novas, se concertou cada um em seu lugar e marchámos depressa; mas, por n'este tempo vir um soldado hespanhol dizer a Martim Leitão acudisse que recuava a vanguarda e havia feridos, em calça e jubão, como ia, tomou um arremeção a João Nunes e uma rodela a um indio, e encommendando a gente a Gregorio Lopes de Abreu e André de Barros Rego, pòz as pernas ao cavallo, atravessando o mato, que era baixo, e chegou aos dianteiros a tempo que sobejavam as flexas de tres partes, de que em cilada rebentaram do mato tres esquadrões de gente inimiga, e se tornaram a recolher em ondas e remettidas, que este é o seu pelejar, e o nosso gentio, vendo tantos inimigos, quasi

que ficou assombrado, e á pressa, em um corpo, se estavam cercando de rama para nos todos recolhermos em qualquer fortuna; mas chegando ahi o ouvidor-geral os começou a affrontar de palavra, dizendo lhes se determinavam fugir ou fazer ahi casas para viver, e depois morrer como velhos, e que as nossas casas haviam de ser as dos inimigos, e assim, gritando—a elles!—e deitando-se com furia fóra do cavallo, ainda que logo alguns pegaram d'elle se não mettesse assim desarmado na força do perigo; mas, gritando rijo—a elles! a elles!—passou ávante, mandando Joao Tavares por outra parte, e com isto levaram os inimigos diante de si, deitando-os fóra de mil labyrinthos que alli tinham feito e ordenado, e por extremo fortificados, ficando todavia as suas estancias semeadas de mil corpos mortos, e muito dobrados foram se não houvéra a detença dos nossos no abrir dos caminhos para todos passarem, posto que sempre corriam, e assim tiveram os inimigos alguma guarida em o muito ruim e grande alagadiço, que sempre elles costumam tomar por reparo, aonde houve muitas graças de muitos atolarem mais do necessario, não querendo seguir ao ouvidor-geral seu capitão, que, ainda que o cavallo cahiu com elle, o levou pela redea, e, sahindo fóra muito gentil-homem do muito lôdo, se deitou em cima d'elle mui desenvolto, e seguiu os inimigos por um caminho com outros dois de cavallo e alguns gentios que sempre foram derribando n'elles, e o mesmo aconteceu por onde foi o capitão João Tavares, e como digo foram infinitos os mortos se o nosso gentio ousára seguil-os mais; mas vendo tantos e a si tão poucos, o fizeram pesadamente e só á sombra dos brancos. Aqui me feriu um hespanhol por desastre em um pé, e com isto nos recolhemos depois das 3 da tarde á grande aldêa, que estava perto do alagadiço, aonde descansámos o que ficava do dia, dando muitas graças a Deus, porque foi esta uma grande victoria,

que se affirmou haver alli mais de vinte mil *Pitiguares* feitos e muito apercebidos de dias do seu feiticeiro, que por desastre se nos acolheu em um cavallo que lá nos houve e a muitos annos(?).

Curados os feridos, que houve alguns e nenhum morto por a victoria ficar com dobrado gosto, nos desviámos quasi sol posto com o que achámos na aldêa, que tudo foi uma barbara pobreza por nós não levarmos nada, que como hospedes do ouvidor-geral que em todas as jornadas nos levou sempre na sua tenda, tirando a primeira que foi de mór apparato. Sou boa testemunha de tudo e para melhor o fui com meu sangue proprio, que por a ferida ser nas veias do peito do pé deu trabalho.

Não faltou para de todo esta empreza do Parahyba ser trabalhosa e honrosa o sangue da companhia. Alli estivemos ao outro dia, e por serem doze leguas aquem do Rio-Grande, aonde tivemos novas ser já todo o gentio passado da outra banda, que, como senhores de mais de quatrocentas leguas d'esta costa, não era possivel esgotal-os, que este mal tem este gentio ser o mais e o mais unido que quantos houve no Brasil, e assim d'aqui nos tornámos aos fortes, aonde fomos recebidos com muitas festas, e tornou o ouvidor-geral a continuar nas obras em que Christovão Luiz, fidalgo, allemão de nação, com os officiaes sempre havia trabalhado, e se ordenou o possivel e de todo acabou o forte, torres e casas de armazem, com seus sobrados guarnecidos e cobertos, e feitos tambem alguns reparos, a maior parte da artilharia, e ficando-se acabando os outros, tomou a menagem o ouvidor-geral ao capitão João Tavares e o deixou com trinta e cinco homens de peleja, providos para quatro mezes, e com isto feito nos tornámos a Pernambuco a 20 de Janeiro de 86, que foi assaz breve tempo para tantas cousas

e obras; mas tudo nos homens honrados o desejo da honra faz possivel.

CAPITULO XX

A VINDA DO CAPITÃO MORALES DO REINO, E COMO SE AVIOU O OUVIDOR-GERAL PARA IR POR MAR

No fim de Fevereiro seguinte vieram cartas ao ouvidor-geral Martim Leitão de el-rei se haver por bem servido no que fazia na povoação do Parahyba, e ordenou para se pagarem os gastos que ainda até Abril que veiu pesaram sobre elle, os quaes trouxe um capitão hespanhol coxo, com cincoenta soldados tambem hespanhoes, e para recolher a si os que cá ficaram de Francisco de Castrejon, que foi grande bem, ainda que se d'isso não seguiu effeito por elle ser cousa pouca, e assim aviado em Pernambuco partiu a 2 do mez de Abril seguinte para o Parahyba, e haver de estar á obediencia de João Tavares, capitão do forte, conforme a sua patente, e todos á do ouvidor-geral; mas o coxo tanto que lá chegou deitou João Tavares fóra do forte e aos portuguezes, e os tratou de maneira que se alvoroçou tudo e amotinou o gentio das aldêas, que todos os dias se ia queixar a Pernambuco, e sobre avisarem a este capitão castelhano, que se chamava Francisco de Morales, que parecia mal o tomar o forte a quem tinha dado menagem d'elle, e que lh'o tornasse, se desentoou em palavras contra o ouvidor-geral, esquecido de sua obrigação, e de quantos gasalhados e mimos, em obra de um mez, e honras, lhe havia feito em Pernambuco, e assim se enfrestou(?) logo com elle e com o Camara, e com todos os portuguezes, que houve muitos requerimentos o tirasse de lá, e o mandasse a el-rei por muitos e ruins excessos, que sempre n'elle foram crescendo com os ruins conselhos que lhe mandavam de Per-

nambuco inimigos do ouvidor-geral e das boas venturas do Parahyba, a que todos os potentados do Brasil não tinham paciencia, e assim de inveja blasphemavam do ouvidor-geral, e procuravam atalhar e infamal-o assim cá, como no reino, e foi pasmo como estas invejas de cada vez mais cresceram, e de outra parte me não espanto, pois o Parahyba crescia de bem em melhor. Tudo o ouvidor-geral foi dissimulando e pairando até o fim de Setembro do dito anno, porque aos 27 dias d'elle lhe veiu novas do Parahyba e cartas que avisavam serem chegadas á bahia da Traição cinco náos francezas, com muita gente e munições, determinadas a se ajuntarem com os *Pitiguares* para combaterem e assolarem o forte do Parahyba, com as quaes cartas vinha um grande requerimento do capitão Morales e moradores, assim a elle ouvidor-geral, como ao capitão de Pernambuco e Camara, os fossem soccorrer. Recebido este requerimento fez logo Martim Leitão ajuntar no collegio ao capitão de Pernambuco, Camara e officiaes da fazenda, e os mais nobres e ricos da terra, onde por todos foi assentado (antes de crescer mais aquella ladroeira e sahir d'alli algum grande corpo de francezes, que juntos com os *Pitiguares* nos deitassem do Parahyba) convir muito acudir-lhe, e que ninguem o podia fazer senão o ouvidor-geral Martim Leitão, como d'antes tinha feito. e assim todos juntos lh'o pediram e requereram em nome de el-rei, e elle aceitou, ordenando mais que fossem tres náos e os caravelões que houvesse, e cento e cincoenta homens de peleja, afora os de mar e alguma gente de cavallo por terra, que se juntaria com alguns centos de pé que haveria no Parahyba, para que lhes dessem por terra e por mar uma boa guerra, e que as náos pelo que importava ao serviço de el-rei e trato do Brasil, se aprestasse á custa de sua fazenda, e assim por n'este tempo não haver mais que duas ruins náos, se começou dar ordem para se

fazerem reparos para a artilharia por na capitania não haver cousa com cousa, e fizeram-se os reparos e concertou-se a artilharia toda, e começaram com as náos a levantar caravelões, e por Francisco de Morales se querer vir n'este tempo do Parahyba, como veiu, lhe escreveu Martim Leitão, pedindo-lhe tal não fizesse, e que chegando lá o accommodaria e serviria em tudo, como sempre fizéra, e quando de todo em todo se quizesse vir n'este tempo do Parahyba não trouxesse os soldados de el-rei; mas nada bastou para deixar de se vir e trazer os soldados, e persuadidos de alguns de Pernambuco, invejosos e inimigos do ouvidor-geral, largou o forte, e se perdeu e estragou em a villa do Mari até se vir para o reino, e porque a 20 de Outubro se soube haverem chegado mais á bahia da Traição outras duas náos, que eram sete, pelo que se requeria melhor recado pelo credito e honra do serviço de el-rei, porque se ia já n'aquelle negocio arriscando todas estas capitanias, assim na artilharia, como na frol da gente que aviava para ir com o ouvidor-geral, que essa boa ventura teve sempre, mais que quantos capitães houve no Brasil, sem pena, nem força lhe não faltar nunca no que quiz a gente necessaria, pelo que se tomou mais uma náo que chegou do reino, e postas a monte e providas de carretas, e fortalecidas para poderem soffrer a artilharia até entrada de Dezembro, se puzeram a pique tres náos marchantes, dois bons caravelões ou *zabras*, de que eram capitães Pero de Albuquerque Lopo Soares, Thomé Rocha. Pero Lopes, capitão da ilha de Itamaracá, Alvaro Velho Barreto, ainda que depois faltou; ordenado isto foi o ouvidor-geral até o engenho de Filippe Cavalcanti, que é sete leguas da villa de Olinda, com vinte e cinco homens de cavallo bons, que com os que havia no Parahyba faziam trinta e trinta de pé, e despedindo-os d'alli se tornou para a villa embarcar, promettendo-lhes primeiro ser com elles na se-

mana que vinha, e assim se foi logo ao Recife; aonde se começou de juntar a gente que se tinha offerecido, e que de longe sempre para estas cousas ia fazendo, e no Recife estiveram embarcados treze dias com tormenta de nordeste espantoso, cousa nunca vista, porque dentro no rio se desamorou uma náo e deu á costa, e temendo o ouvidor-geral a tardança quiz mandar uma caravela de el-rei com aviso ao Parahyba, e eram taes os nordestes que o levaram sem nenhum remedio além do cabo da ilha de Santo Aleixo; com este trabalho, estando todos pasmados e o ouvidor-geral attribulado de não poder assim com toda a gente fazer viagem, chegou Amaro de Rezende com muitas cartas e grandes requerimentos, e protestos de largarem todos tudo se o ouvidor-geral não era lá até dia de S. Thomé, por estarem todos muito assombrados da muita gente franceza e *Pitiguares*, que quatro dias haviam dado em uma aldêa das nossas fronteiras, cujo principal era o Assento do Passaro, o melhor indio dos nossos, aonde mataram mais de oitenta almas e dois castelhanos, com o que se lá davam todos por perdidos, e por se não acabar de perder tudo ou ao menos não succeder algum grande desastre, foi assentado por todos que, já que o tempo não dava lugar e se não perder mais tempo, que o ouvidor-geral acudisse logo com aquella gente por terra, e assim lh'o requereram, do que forçado veiu ao outro dia dormir á villa, e de enfadado e receioso da volta da fortuna se partiu da villa quasi só, de madrugada, e no rio Tapirema, que são nove leguas d'ella, se achou ao segundo dia com alguns trinta e dois homens, com os quaes seguiu ávante, e por ir assim e os homens estarem desapropositados para o acompanharem por terra, o seguiram sómente estes, e com elles chegou á nossa povoação do Parahyba, a que os moradores chamam cidade de Nossa Senhora das Neves, aos 23 de Dezembro, vespera da vespera de Na-

tal, aonde se começou logo a pôr em ordem e aviar para haver de partir o dia seguinte, como partiram, caminho do Copaoba, aonde teve por novas que estava todo o gentio com alguns francezes, fazendo-lhe o páo-brasil para a carga das náos, para lh'a estorvar, porque esta era a maior guerra que lhe podia fazer, assim a uns, como aos outros, d'onde (ainda que não fui testemunha de vista, como em tudo até aqui, pelas relações dos padres Balthazar Lopes e Manoel Corrêa, a que por ordem do padre reitor coube esta jornada, direi tambem o que passou.

CAPITULO XXI

COMO O OUVIDOR-GERAL PARTIU DO PARAHYBA PARA O COPAOBA

Da cidade, onde o ouvidor-geral Martim Leitão deixou Pero de Albuquerque por capitão, em quatro grandes jornadas se foi dormir á grande cerca de Pinacama, que é um grande e principal *Pitiguar*, aonde Duarte Gomes havia ido por mandado do ouvidor-geral o Outubro atraz, e depois de lhe succeder muito bem, ao recolher, lhe mataram oito ou dez homens, que foi a maior perda que esta empreza do Parahyba teve depois de correr por Martim Leitão, e que elle em extremo sentiu, porque além das guerras que todos estes annos lhe dava por sua pessoa, sempre lhe mandava dar cada anno quatro e cinco saltos, assim pelo capitão João Tavares, como por Duarte Gomes e outras pessoas com que os mais desatinava, e lhes fizeram largar mais de quarenta leguas á roda do Parahyba. N'esta jornada foi infinito o trabalho, principalmente da agua, que não havia senão de muito ruins poços, branca e pouca, e tão fedorenta, que era necessario com uma mão tapar o nariz e com outra a beber. D'esta

cerca fizeram uma jornada direitos á serra do Copaoba, pelo que ainda de todo faltou agua, que no Brasil só ao longo do mar ha, e pelo sertão ha muita falta, e este é o maior trabalho que n'elle se padece e o das calmas, porque quasi todo o sertão é escampado, e assim são dos maiores do mundo e quasi a peior terra d'elle, e assim andaram todo aquelle dia desatinados por agua, e em se pondo o sol chegaram a uma bem ruim e pequena lagôa, aonde o nosso gentio já todo estava mettido, que esse é o seu costume lavarem-se (e assim não parecia mais que alguma lama que se chupava). Alli se dormiu, e por haver intelligencia dos nossos espias, haver perto aldêas de inimigos, se madrugou para dar n'elles ante manhã e com assaz trabalho, porque se enganaram as espias: não chegaram á primeira senão em amanhecendo, e por o nosso gentio dar o seu urro primeiro que entrasse fugiram alguns, ainda que se fez incredivel matança, e se tomaram setenta ou oitenta peças contra vontade do ouvidor, que não queria senão que os matassem, e mandou seguir o alcance por uma parte e outra, e foi tal que durou mais de uma legua até outra grande cerca, na qual foram repousar, na qual tudo foram corpos mortos dos inimigos e dos nossos nenhum, salvo quatro ou cinco feridos; n'esta grande cerca quiz o nosso gentio descansar, e assim era necessario para o grande trabalho do caminho que tinham passado por acharem rio de agua, que então era o maior bem do mundo, e é costume dos gentios sobre grandes matanças, como estas, fazer vinhos, que chamam fazer suas festas, e assim o quiz o nosso aqui fazer e repousar aquelles dois dias, ainda que logo sobre a agua começou de haver briga por começarem de acudir inimigos a nol-a defender, ajudados dos sitios, porque esta Copaoba, aonde já estavamos, é toda feita em alti-baixos, porque é outeiros até ás nuvens, que a pé só se sóbe por elles com trabalho, e abysmos baixissimos, cousa não

vista em outra parte do Brasil, e estas tres ou quatro leguas d'estes outeiros, contra o estylo das outras, é singular terra, e os inimigos por cima d'elles corriam como gamos e se ajudavam muito, e é muito boa terra, que todos os valles d'estas tres leguas, que ao mais será em redondo, são muito boas, contra a regra geral da terra, salão forte, que dará muito bem tudo. Havia por conta n'esta Copaoba cincoenta aldêas de *Pitiguares*, todas umas pegadas nas outras e á vista 'o seu celleiro era de infinidade de mantimentos e algodões,. Ao outro dia, pela manhã, começou a recrescer a briga sobre a agua, ainda que os nossos tinham ordem não fossem senão juntos, e a uma hora certa, buscal-a e a dar de beber aos cavallos, ao que sempre iam dez, doze arcabuzeiros de guarda; todavia cresceram muito os inimigos e tinham já feito uma caiçára sobre ella: d'aquella noite á volta sahiu o ouvidor-geral fóra da sua tenda a vêr o que era por o negocio succeder ao seu lanço, porque se agasalhou fóra do lugar, debaixo de uma arvore, e vendo-o lá foram muitos, e dando ordem fosse Duarte Gomes com mais gente e desmanchassem o que haviam feito aquella noite os inimigos, antes que mais crescesse, com que os deitaram d'alli por nos começarem a flexar já a gente, assentou com o Braço que á tarde lhe lançasse uma cilada por cima, tornando-se primeiro a travar a briga em que bem cevados lhe dessem nas costas, e sahindo a isso o Braço, á tarde, se alvoroçou o arraial, dizendo estava muito corpo de inimigos sobre a agua, sahindo fóra o ouvidor-geral, mandando não sahisse mais gente que aquella que elle nomeasse, porque se começavam desordenar por da outra parte do rio, na ladeira, andarem dez ou doze nossos muito apertados, que não ousavam de virar as costas, e carregavam sobre elles, e ainda que os iam levando dos nossos os mais d'elles vinham d'ella (de lá?) flexados e feridos de espingardas, que tambem os inimigos

tiravam muito boas. Estando o ouvidor-geral vendo isto e esperando como rebentava a cilada do Braço de Peixe, chegou recado seu que déra em outra dos inimigos, que lhe acudissem, e isto a tempo que tinha já o ouvidor-geral mandado que fossem sete ou oito de cavallo, que ainda em aquellas fraldas se podiam ajudar a deital-os e a recolher os nossos, e os que assim mandou foram João Queixada, Antonio de Albuquerque, Diogo de Abreu, e outrem com Francisco Pereira, que só com Simão Tavares passaram além e deitaram fóra os inimigos, e recolheram os nossos com um já morto e outro quasi, e muitos feridos, principalmente das espingardas, e Francisco Pereira muito peior, que o fez aqui, como tão bom cavalleiro como elle é, e João Tavares foi recolher o Braço de Peixe bem n'este tempo a não haver grande recado, na cabeça certo succedêra algum grande desbarato esta tarde, segundo se a gente alvoroçou para fugir, com se darem já por salteados de medo e assombrados de se vêrem cento e quarenta homens com quinhentos flexeiros do nosso gentio, tão longe, aonde nunca sonhou de ir branco, em terras que ninguem sabia, e este foi o melhor remedio e causa de não fugirem, que por respeito do máo successo que nos mezes atraz havia succedido a Duarte Gomes, andava a gente, e muito mais o gentio, mui desmaiados, e mais com se vêrem em tal terra, em tanta multidão de inimigos, e assim começou de entrar um medo espantoso em todos, que não havia valer, e á noite foi avisado o ouvidor-geral em segredo por João Tavares estavam vinte e cinco ou trinta homens ajuramentados, tudo gente mui honrada para fugirem, os quaes aqui por suas honras não nomeio. A isto acudiu o ouvidor-geral com os ajuntar e lhes fazer a todos uma falla de mil esforços, e como para o outro dia tinham das casas (casas?) do gentio ordenados muitos pavezes, de traz dos quaes iam muito seguros, e escolheu

os melhores arcabuzeiros para que se não perdesse tiro e repartiu a gente melhor principalmente os d'esta conjuração espalhou todos, dando cargos aos cabeças, tomando outros para sua guarda, com que lhes desfez a roda, e se assentou se désse pela manhã nos inimigos com boa ordem, que a este tempo nos tinham com tres caiçáras á vista cercados, eram tantos que havia homem que contava por aquellas ladeiras quatro e cinco mil fogos, com o que e vêrem mortos e feridos, que nas guerras do Brasil se não soffre, não havia paciencia, nem quem ousasse fallar, prégou de noite o nosso padre Balthazar Lopes pela lingua ao gentio e mamelucos, dos quaes nasce o mal, e todos vigiaram melhor que nunca, de que se não podem escrever as particularidades que viremos a damnar alguns ; basta que toda a noite andou o ouvidor-geral de posto em posto nas vigias a os fazer calar, que era vergonha o que lhes o medo fazia dizer e fazer.

Das caixas que se acharam se fizeram dez pavezes, atados com cairo, cipó, e como melhor poderam, com o que, vendo-se pela manhã bem ordenados, se animou a gente, e foram buscar aos inimigos, deixando queimado tudo, como sempre fizemos a todas as cercas e aldêas que tomámos, as quaes estavam á vista em tres tranqueiras que elles armaram nos peiores passos, umas diante das outras, que muito poucos bastavam em taes passos se Deus nos não ajudára. Mas, posto em ordem o nosso exercito, começou a marchar para os inimigos, e por na primeira caiçára do rio haver detença, pela resistencia que elles faziam, se passou lá o ouvidor-geral, e dando-lhes muita pressa, como quem entendia que n'isso estava a importancia e não em cuidarem, e com sua chegada se levou sem nos ferirem pessoa, e com a mesma furia arremetteram á segunda, que era entulhada de terra em um valle muito mais forte, e assim foi necessario chegar o ouvidor e pôr a gente nomeada nos postos, e lançando

uma boa manga por um outeiro acima, com que os assombrou muito mais, e sentindo grande volta no baixo, vendo os inimigos tres mangas da nossa gente se assombraram de todo, que nem na terceira cerca pararam, ainda que não subiamos a ella senão de pés e mãos, e a se não terem lançado as mangas sempre custára mais, que foi gentil ordem do ouvidor-geral e grande aviso, que n'este tempo trabalhou infinito até cansar tres cavallos, porque queria vêr e estar presente em toda a parte, e assim nos ajudou Deus, e os deitámos, seguindo-os mais de meia legua, indo-os sempre picando com alguns mortos até chegarem a uma aldêa, onde fizeram grande resistencia, fazendo algumas voltas, tudo por salvarem as mulheres e filhos que alli tinham, com que o negocio esteve em peso, porque tres ou quatro vezes os levaram e nos tornaram a levar em ondas, até que chegou o corpo da nossa gente com o ouvidor-geral e carregando rijo os levaram de todo, e a não vir a tal tempo sempre a nossa vanguarda passára mal. D'aqui lhe fomos aquelle dia destruindo tres ou quatro aldêas até nos irmos aposentar em um alto; mas tudo era já despejado, e d'alli viamos trinta e tantas á roda em menos de uma legua, que todas começaram de arder (aqui repousámos aquelle dia e o outro fornecendo-nos de mantimentos).

CAPITULO XXII

COMO DESTRUIDA A COPAOBA FORAM AO TEJUCUPAPO, AONDE TIVERAM A MAIOR BRIGA DE TODAS.

D'aqui se partiu em busca do Tejucupapo, que o anno atráz nos fugira, e caminhando dois dias assim, virando abaixo ao mar, ao terceiro pela manhã parecendo lhe não haveria inimigos, deu a vanguarda em uma mui poderosa cerca,

d'onde por aquelles valles começou a retumbar o tom da arcabuzadas, que pela fineza da polvora, melhor que a nossa, e o amiúdar dos tiros entenderam ser corpo de gente com soccorro de francezes, que todos receiavam e traziam diante dos olhos, e assim era que eram vindos das náos, a isto não havia acudir por o caminho de nenhuma maneira dar lugar senão irem uns traz outros como se acostuma, e por mais pressa que se deram por na dianteira sentirem grande volta não havia remedio, e tambem por apparecerem por outras partes à roda inimigos temeram outra tal á retaguarda, que trazia Misse Hyppolito e Pero Lopes, e assim lhes mandou o ouvidor-geral que tocassem os seus tambores e trombetas, com que se tudo alvoraçou. Indo n'isto, vieram dar recado ao ouvidor-geral acudisse á vanguarda que estava desbaratada e para dar volta e que na cerca havia francezes com bandeira e tambor com muitos *Pitiguares*, e não tenho duvida que muitos se souberam a terra, com tal nova viraram as costas; mas estavam já por ella tão a dentro, que não era possivel,e muito peior o nosso gentio que estava todo tão cortadissimo, que se apinhavam comnosco e todo houvéra de fugir, e chegando o ouvidor-geral á cerca achou a bandeira do capitão João Tavares que o fez aqui tão animosamente como sempre (certo que foi espantoso, e sosteve todo o peso porque á sua ilharga tinham mortos tres homens e todos os mais foram tintos do seu sangue e alguns com piedosas feridas de pelouros de cadêa ? que os tinham escalados, e com tudo sempre sustentou a sua bandeira pegado na cerca em uma fronteira na qual elle e o sargento Diogo Arêas, espantoso soldado, que n'esta jornada houve quatorze flechadas, cada um tinha ganhado sua seteira ou bombardeira aos inimigos, tendo as espadas por ellas mettidas, apezar de lhes darem com muitos páos e pedras e fogo, e outras muitas cousas que lhes lançavam por cima, que sempre os mataram

e ao alferes, se Deus alli lhe não deparára tres ou quatro troncos de arvores, em cada um dos quaes se amparavam um e dois, os quaes ás arcabuzadas não deixavam aos inimigos subir acima e cobriam o tronco aos sobreditos, que todos os mais já não estavam para nada e tudo quasi desbaratado) e ainda estes pouco que amparados dos troncos e arvores ou cosidos com o chão se defendiam, amparando os rodeleiros ás vezes um e dois arcabuzeiros, que era pratica antiga do ouvidor-geral, que aos não misturarem assim, não pelejaria nunca arcabuzeiro com a multidão das flechas, e d'esta maneira e com esta ordem animosamente, ainda que com immenso trabalho e perigo da vida entretinham aos inimigos, e até o nosso padre Balthasar Lopes me confessou que se déra por morto e com uma rodella da India cobria assim e a outros, cosidos em uma regueira da terra). Foi este um trabalhoso passo, e o mais arriscado e perigoso termo que estas guerras do Parahyba, nem sei se do Brasil nunca tiveram, porque realmente para comsigo, se não foi o ouvidor-geral, que o não mostrava no rosto, todos n'este passo se deram por concluidas. Era lastimosa cousa ver o desbarato que ia em todos, e alguns cavallos por ahi flechados e arcabuzados, sem haver quem os desviasse, nem ainda tivesse acôrdo para usar das alcanzias, que havia pedaço o ouvidor-geral havia mandado aos dianteiros por Diogo Nunes mercador, e passado o conflicto por ahi as acharam depois perdidas e não sahiram os inimigos da cerca aos que assim estavam fóra, pelos ditos arcabuzeiros, que sempre lhes tiravam em roda viva os impedirem e tambem o capitão João Tavares, que tendo arvorada a sua bandeira na porta fronteira com quatro ou cinco que se com elle acharam cobertos de suas adargas e rodellas, e cosidos com o chão e cercados dos inimigos tinham mettidas as espadas pelas seteiras ou buracos com que os tapavam, e se defendiam já com desesperação, porque lhes não convi-

nha bolir-se, nem affastarem-se para nenhuma parte, e permittiu Deus tambem assim, que a sahirem em tal tempo os inimigos, acabava-se tudo, e elle por sua misericordia ordenou soccorrer a este tempo (o ouvidor-geral que embaraçado com o caminho e nosso gentio e brancos que recuavam até este tempo lhe não foi possivel chegar, por mais que o procurou) havia mister mil olhos e linguas para notar e declarar este passo em que chegou Martim Leitão que apeando-se e os que com elle iam, e começando de animar a todos quiz lançar uma manga por cima, por um espesso matto de ruins espinhos, que os nossos indios começáram a abrir, mas não havia quem se atrevesse a bolir comsigo, ainda que um e um os animava e chamava por seus nomes com palavras de honra, que em alguns montavam bem pouco. N'este labyrinto ou confusão porque ninguem com as gritas dos negros inimigos e nossos, estrondo das espingardas e de muitos feridos que a cada passo cahiam, se entendia, nem se ouvia o que se ordenava nem mandava, antes parecia declinarem as cousas a se acabar tudo, e depois de muito bradar e se cansar o ouvidor por ordens e cousas que todos bem mal cumpriam, apezar de grandes chuveiros e nuvens de flechas e pelouros, que dos inimigos nunca cessavam, tomando alguns poucos comsigo, que ainda se foram diminuindo e agachando como podiam, que á verdade não havia romper e era quasi temeridade a que o ouvidor-geral commettia, mas d'ella nos resultou o remedio, e assim chegando com trabalho, com cinco ou seis que por vergonha o não desampararam, pela parte de baixo e maior matto á cerca que por aquelle lanço, confiados os inimigos na espessura do matto, era muito fraca e entulhada de terra e palma a começaram a desfazer, ainda que os inimigos logo alli acudiram de dentro com uma espingarda e muita flecha, com que feriram o meirinho d'alçada Hector Fernandes e outros (com tudo Mar

tim Leitão foi o primeiro que chegou, e rompeu a cerca, cortando com a espada os cipós e cairo, com que atão a madeira, e fazendo buraco por onde se metteu, aqui no afastar dos páos, ao entrar deram de dentro ao ouvidor-geral com um páo.... ..... na mão direita, com que trabalhava, porque, coberto com a adarga tinha a espada na esquerda, que lhe arrebentou da pancada o sangue pelas unhas, que com a indignação d'esta ferida, e bem coberto com a adarga ante os peitos se lançou dentro com Manoel da Costa, que o acompanhava fazendo porta aos outros, que o seguiram e entraram de vagar, que n'este tempo elle esteve dentro de todo perdido, e tomado ás mãos, porque vendo os inimigos sós dois homens dentro, derribaram de duas ruins flechadas a Manoel da Costa, que cahiu cuidando serem pelouros, e deitaram a carapuça d'armas fóra da cabeça do ouvidor geral com duas flechadas, ainda que lhe fez Deus bem ficar pendurada pelo rebuço de diante, e com muitas flechas pregadas na adarga e pelas pernas e braços, que o não feriram por ir bem armado, pôz o joelho no chão para se desembaraçar das flechas e cobrir a cabeça ao que acudindo golpe de gentio para o tomarem ás mãos, e sem falta lhe valeu aqui não no quererem matar pelo conhecerem, e desejarem leval-o vivo para testemunha de sua victoria, triumpho e gloria de sua valentia e nome, e elle vendo-se no ultimo transe da vida se levantou furiosamente e chegando a Manoel da Costa, seu amigo e natural da Ponte de Lima para o defender os fez afastar, por verem tambem a esse tempo entrarem já outros, dos quaes o primeiro foi o alcaide de Pernambuco Bartholomeu Alvares, feitura d'elle Martim Leitão que bem lhe pagou alli e o ajudou como mui valente e esforçado soldado que é de Africa e outras partes que andou, ouvidor-geral, coberto de flechas e dos inimigos que chegaram a lhe dar á mão tente, quando ajoelhou, em uma coxa.

de que depois manquejou muitos mezes, com a boa ajuda do alcaide, ambos tendo um com o outro, levaram os inimigos e os foram enxotando, que com verem carregavam já por um teso, que vinha mais alto da outra parte da cerca com uma manga de alguns arcabuzes, que o ouvidor ordenou logo ao apear do cavallo e irem entrando após o alcaide outros, foram os inimigos despejando de todo (e os inimigos da fronteira onde pelejava João Tavares tambem afrouxaram logo, sentindo já os nossos da parte onde pelejava Martim Leitão dentro na cerca, aonde logo entraram todos com a temeridade que assim lhe chamaram os nossos, ou boa ventura do ouvidor-geral, que soube buscar em tal pressa e tempo aquella parte por onde entrou, com o que os inimigos desatinaram de todo, quando dentro o não poderam tomar ás mãos, como pretenderam, ao tempo que o conheceram pelas armas e pela cutilada que tem na cabeça, pelo qual entre elles é mui famoso o nome do capitão da cutilada, e elle me confessou depois em conversação que fôra aquella a maior pressa, em que se nunca cuidou ver, porque ver-se entre tanto gentio só e arremetterem á porfia a elle com tantos alaridos e visagens, e lembrar-se como deixava fóra tudo assolado, bastava para não ter pés nem mãos (e a isto diz elle que nas maiores pressas dobra Deus o acôrdo e animo e faz maiores mercês como aqui lhe aconteceu, e ainda dos nossos correu maior perigo, porque não deixavam depois de elle estar dentro de tirar, de maneira que da fumaça dos que fugiam de dentro, e dos muitos tiros de fóra, de que alguns passavam a cerca e os mais dando pelas casas palhoças dos negros era tanto o fumo da palha por dentro da cerca e aldêa que não viam uns aos outros), e como n'este passo o ouvidor e seu alcaide sómente andavam dentro e Manoel da Costa com as costas uns nos outros se chegavam ás casas, dando lugar ao gentio despejar, o que elles faziam com toda

a furia por todas as partes, e para os tres animosos companheiros escaparem do perigo das nossas espingardas de fóra, mandou elle ouvidor-geral gritar : Victoria ! Victoria ! com que se acabou de arrasar tudo, que não ha alegria nenhuma igual a esta palavra em taes pressas) assim certo entravam os nossos uns por uma parte outros por outra, que os francezes, ao entrar do ouvidor-geral, fugiram todos, e dos nossos ninguem tratava senão de se abraçarem uns aos outros com festa e lagrimas nos olhos da mercê que lhes Deus fazia, os quaes seguiram pouco aos inimigos, porque passada a furia da peleja todos tinham que curar e fazer comsigo assaz, porque se acharam quarenta e sete feridos no arraial e tres mortos, na cura dos quaes andou provendo o ouvidor-geral com muita vigilancia e caridade, porque para tudo ia apercebido, e até as tres horas que andou n'isso com o cirurgião, não comeu nem bebeu, sendo-lhe bem necessario, porque toda a noite d'antes não dormira e toda a manhã trabalhou muito, principalmente das nove horas, que se começou a briga, que durou mais de duas horas, na qual morreu infinidade de gentio, que elles levaram ás costas, como costumam fazer porque os não achemos. Aqui tambem morreu o alferes francez, que na cerca ficou estirado com a sua bandeira e tambor, que hoje está no Parahyba, foi este um honrado e façanhoso feito d'armas, em que os negros inimigos appellidados dos desbaratos que lhes tinhamos dado na serra, metteram o ultimo de sua potencia em nos tomarem já cansados e com alguns feridos e mortos, como atraz digo, e já gastados da polvora e mantimentos, e tambem confiados nas outras victorias, que não topariamos tamanha aventura, que fôra muito maior desaventura, se o soccorro que chegou ao inimigo e deu n'esses poucos da retaguarda, que entrados os dianteiros e mais gente na cerca estavam ainda fora (a isto acudiram todos deixando os feridos, como pode-

ram, e foi espantosa pressa e affronta, porque não acabavam de todo de perder de vista os que levavam adiante, quando chegou este soccorro por detraz, que a vir mais cedo um pouco espaço ou antes de entrarmos a cerca, não houvéra nenhum remedio; mas Deus é bom que sempre ajuda os seus, e mais as cousas que se fazem sem respeito nem interesse, como estas guerras do ouvidor-geral, que só n'isto dizia punha toda sua esperança, que não havia Deus de faltar a tanto serviço seu e d'el-rei e bem de seus vassallos, como se seguia a todos os d'aquellas capitanias do desbarato d'estes *Pitiguares* em que o Nosso Senhor milagrosamente, sem gente, com tão pouco custo sempre o ajudou e guardou, principalmente n'este dia e pressa dos inimigos, que desbarataram e da cilada, que, enxotados os dianteiros, arrebentou com grandes alaridos e gritos por detraz, que foi cousa medonha e mais para tal tempo; mas com a resposta que lhes demos, que foi já mais de animos victoriosos que de obras, porque não estava a gente para nada, fugiram, como viram que assim o tinham feito seus companheiros. Eram tantas e taes as feridas de pelouros de cadêa com que os francezes que com os negros estavam na cerca tiraram, que todo o restante do dia se gastou na cura dos feridos, e por não haver já mais que tres botijas de polvora, e ser necessario trazer nove feridos d'aquelles em rêdes, que não podiam vir, nem ter-se em besta, afóra muitos que vinham á cavallo, que todos andavam á porfia de os trazerem nos seus.

No remedio dos feridos é de os trazer foi o ouvidor vigilantissimo e mui caridoso, e assim por estes respeitos e inconvenientes que havia a se proseguir mais na guerra, que o ouvidor-geral determinava ser infinita, se assentou queimasse o páo, que se alli achou e voltassem d'alli por outro caminho, e a todos ainda que victoriosos foi a noite enfadonha, porque nos viamos mortos, feridos, desbaratados e

com pouca polvora, ainda que isto da polvora não sabiam tres pessoas do arraial, e tão longe de casa, entre tantos inimigos, e com sete náos francezas entre elles no porto da bahia da Traição, que lhes dariam aos cem e duzentos arcabuzeiros, cada vez que quizessem, e mais agora, que são feridos e magoados da perda de seu alferes, que era valente homem e da bandeira e tambor, basta que todos tenham bem que cuidar, só o ouvidor-geral era o que festejava, e que não consentia melancolia, que dizia elle ser traça que mais gasta os animos fortes que tudo, e os consome e assim com muito risco (?) visitava e corria a todos, e nos ordenou para partir pela manhã cedo,como fizemos em boa ordenança, encommendando-nos todos muito a Deus e ao anjo S. Gabriel e a bemaventurada N. S. das Neves, invocação do Parahyba, aonde o ouvidor-geral prometteu um frontal de damasco e *cortinhas* de linho, que lhe logo mandou de Pernambuco, e assim deixando o Copaoba destruido, que então era a gadelha, força e substancia dos *Pitiguares*, voltámos buscando o caminho do Parahyba, com assaz trabalho, guiados pelo sol, porque ninguem sabia aonde estava ; marchámos o primeiro dia com grandissimo trabalho, principalmente do ouvidor-geral por respeito dos muitos doentes e feridos, e puxarem então todos mais por elle, e assim nos agasalhámos ao longo de um ribeiro pequeno, aquella primeira noite da jornada como cada um pôde.

CAPITULO XXIII

DA VINDA E TORNADA DO OUVIDOR-GERAL E DOS NOSSOS DA COPAOBA.

Ao segundo dia de caminho, marchando, em amanhecendo nos salteou o gentio por duas partes, a provar como ia-

mos, mas rebatendo-os, fugiram com seu damno, e nenhum nosso. Na noite seguinte por cima da bahia da Traição, estando aposentados em uma alagôa, levantou-se o ouvidor-geral no segundo quarto, como costumava, a correr as vigias, achou que todas dormiram, senão a dos hespanhoes, e acordados todos se foi assentar na rêde do padre Balthasar Lopes, que estava deitado, estando praticando com elle por passarem o enfadamento de tão ruins noites, sentiram rumor do gentio e chamando a isso os visinhos, ouviram disparar um bom pedaço contra o mar uma grande arcabuzada, logo outra e outra, e certo que alvoraçou muito todo o arraial, vendo-se em tal terra, que ainda não sabiam aonde estavam, (o que depois de Deus, foi causa de o nosso gentio não fugir, como logo em taes pressas costuma) e tão carregados de doentes sem saber o caminho. Basta, grandes termos houve aqui, em que se assaz mostrou o ouvidor-geral, fazendo pregar ao nosso gentio, esforçando os brancos, e que morressem como homens, que n'esta determinação era Deus, quanto mais que não havia para que temerem a belitragem franceza, e em terra onde cada um d'elles era para quatro, pois o nosso gentio bem viam como estavam, pois que sempre levaram a melhor dos *Pitiguares*, nem havia que arreceiar que aquelles eram os proprios que lhes sempre fugiram, aos quaes em suas cavas, sitios e fortes haviam desbaratado, pelo que elle lhes segurava a victoria, e que aquillo que ouviram não era mais que ronca, para lhes fazer fugir o gentio, e pôl-os em desbarato, e que então, e não em outra conjuncção os segueriam. Pelo que elle tomava em si a retaguarda e os segurava com ajuda de Deus; e ordenado tudo e repartidos os doentes, esperaram pela manhã em uma regoada cerca de rama, com que se cercaram todos com muitos cantares e festas, e era muito para ver como ás escuras acertavam a trabalhar, e o gosto com que o faziam,

no que amanheceu um formoso dia, sendo os de antes chuvosos,e com muito boa ordem sahiram d'alli ficando Martim Leitão na retaguarda detraz de todos com o Assento de Passaro, e outros principaes do nosso gentio, que pelo lá verem até o Braço de Peixe, mandou lá ficar os filhos, e assim viemos ás campinas de sobre o rio Mangoape com que em todos se dobrou o contentamento com muita festa.

Já quasi noite nos recolhemos á agua do Camello, d'onde á duas jornadas chegámos ao Parahyba, onde todos foram recebidos como mereciam.

As novas d'esta guerra foram muito grandes por toda a parte, e foi ella muito para isso, que só ousarem de ir os brancos onde foram, era espanto, quanto mais tão poucos ; e estando os *Pitiguares* tão soccorridos dos francezes, de que tinham entre si tantas náos, contra as quaes logo n'aquella semana se aviou o ouvidor-geral para por mar ir a bahia da Traição dar n'elles, que a fama d'esta guerra e novas que os seus d'ella trouxeram e do páo todo ser queimado se foram logo todas desaviadas. Esta foi a maior e mais arriscada e perigosa guerra, e de mais importancia, que nunca se cá deu, e mais por se dar logo sobre o salto que os francezes fizeram na aldêa do Assento de Passaro, e sobre o desbarato de Duarte Gomes, e informados tambem os francezes dos captivos, que tomaram em este salto da determinação que havia de se lhes dar por mar e terra, como já tinham feito a da terra, aonde e como nunca cuidaram, que assim o seguravam os feiticeiros nunca irem cavallos nem brancos ao Copaoba : e tendo a do mar á porta, por o ouvidor-geral ter mandado vir os caravelões com que de noite, á remos, os determinava de saltear, por já irem faltando as monções para náos grandes virem de Pernambuco ao Parahyba, se acolheram os francezes com as náos vazias, com o que os nossos de todo ficaram seguros e constantes crendo não tor-

nariam mais, pois havia quatro annos que já a cousa corria de tal maneira, que se tornariam sempre desbaratados ou de vazio e assim se tem sem falta, que faltando os francezes se entregaram os *Pitiguares*, pois não tem nenhum remedio, e em toda a parte a miúdo eram salteados, ou se passariam todos além do Rio Grande, como já muitos tinham feito, que é o que nos arma, e com a certeza de as náos francezes serem idas, despediu a gente toda o ouvidor-geral, ficando sómente com os seus officiaes, padre d'Albuquerque e Francisco Pereira, que ainda estavam mal das feridas.

CAPITULO

COMO DESPEDIDA A GENTE O OUVIDOR GERAL FEZ O FORTE DE S. SEBASTIÃO.

Despedida a gente no fim do mez de Janeiro de 87 se foi o ouvidor geral ao rio Tebery duas leguas acima da cidade ao longo da Parahyba fazer um forte para o engenho d'assucar d'el-rei, que elle lá tinha começado e para defender a aldêa do Assento de Passaro e mais fronteiras, com o qual se segurava tudo e se povoaria a varzea do Parahyba, e assim o ordenou e fez muito em breve, e ficava o forte por casa de engenho, por que este foi o estylo do Brasil, ir assim ganhando a terra aos inimigos a que o forte mais visinho ficava em padrasto e aos nossos povoadores e moradores por valhacouto, que a si se vão estendendo seguros e se agasalharão mais á sua vontade. Pelas quaes razões se começou este forte e casa de engenho d'el-rei nosso senhor com tanto fervor, e trabalho do gentio que todos andavam na obra aos dias, esmorecidos sobre o ouvidor geral, por haver vindo nova do reino que vinha quem lhe succedesse, ao que o nosso gentio não tinha paciencia, e chorando diziam

que não queriam outro ouvidor, mas nem isto nem as ruins novas que no reino d'elle corriam mandadas de cá pol seus inimigos, tudo de inveja, deixava de trabalhar e continuar na obra, como que a fizéra para si e seus filhos, e assim se acabou este forte, que por acertar fazel-o dia de S. Sebastião, vindo da serra de caminho lhe pozéram o seu nome e se chama hoje o forte de S. Sebastião; fez-se de cem palmos de vão de muito grossas vigas, muito juntas e forradas de entulho de cinco palmos de largo e de altura de nove, d'onde póde pelejar a gente, com o muro de fóra, que é mais de vinte e dois em alto, de taipa dobrada de mão muito forte e boa, e do alto vem o tecto e telhado cobrindo o andaime e casas, que se fizeram á roda para agasalho da gente, muito boas com duas grandes guaritas em revez sobradadas com sua artilharia, o qual o ouvidor geral além da d'el-rei juntou quatro cães e sagres que havia tomado aos francezes, com o que e com lhe ficar um postigo dentro na rede do Assento de Passaro, cuja aldêa cercada e forte tambem alli situou, ficou tudo muito seguro por a nossa artilharia varejar duas partes da cerca do gentio, e feita tambem uma torre no meio do forte, com grandes portas para o Tebery com grandes ferrolhos e cadeados e abertos os caminhos e tudo acabado, como se Martim Leitão, ouvis dor geral houvéra alli de viver toda a sua vida, se partiu na segunda semana do mez de Fevereiro para Pernambuco, já achacado de não sei quantas febres, que com o seu fervor e incansavel espirito havia passado em pé, e chegando a casa se não levantou de uma cama mais os tres mezes seguintes, e não foi muito com tantas calmas, chuvas, vigias, trabalhos e guerras, e sobre isso em lugar de descançar se pôz a trabalhar mais que jornaleiro, e as ruins aguas do Copaoba, que aos que levavam vinho, que elle não bebe, empeceram, e não se poupar em nada, porque elle é muito

de nas dizer--ide, fazei!—senão « Senhor, vamos, façamos! — e assim lhe fez Deus mercê como no mais, passar sómente com maleitas. Eu pelo que vi e sei, digo que mais lhe sinto a má paga do reino a tantos e tão bons serviços, que todos os trabalhos de cá, porque já hoje importa de renda a el-rei cada anno o Parahyba, quarenta mil cruzados só de contracto do páo Brasil, e assim lhe ouvi dizer muitas vezes, que os trabalhos pelo serviço de Deus e de el-rei eram seus verdadeiros gostos ; mas que os máos galardões e ingratidões secavam os ossos, e não era muito acontecer isto, assim pois que n'este reino o hospital é o verdadeiro registro dos homens de merecimento e mais d'este que sempre foi tão invejado; e com isto acabarei aqui as guerras do Parahyba com seu dono, e prasa a Deus d'aqui em diante succeda assim o mais, assim ao conquistados como ao Parahyba, que já hoje tem cincoenta moradores casados portuguezes, e outros tantos solteiros, postos todos lá á custa de Martim Leitão, como o tambem foram os fortes que fez, por que em tudo isto se não gastou um real da fazenda de S. M., como claramente se pode vêr e consta dos livros da alfandega de Pernambuco, segundo lhe ouvi muitas vezes dizer, e o sei, por que o podemos sem falta affirmar que Martim Leitão deixou a capitania do Parahyba conquistada com fortaleza e guarnição e acompanhada e povoada de tanto numero de gentio, como para ella desceu, que o ouvidor-geral soube grangear e adquirir e conservar, com o que fica com mais gentio e assim mais segura que todas as capitanias do Brasil, porque o verdadeiro sangue e sustancia de se povoar e sustentar o Brasil, é com o mesmo gentio da terra, ganhado por amizade que sem elle não nos valeramos nunca contra os outros, e mais na capitania do Parahyba, situada entre os *Pitiguares*, que é o mór e mais guerreiro e pratico gentio do Brasil, tanto que só os *Pitiguares* são muito mais que todo o gentio que

ha do Parahyba a S. Vicente, e assim mui inteiros e unidos e conformes contra nós, pelo que aquella capitania depende hoje e consiste na conservação d'aquelle nosso gentio, que ao redor d'ella assentou e vive, que sem falta é muito domestico aos brancos, e os ajuda muito em tudo, fazendo-lhes suas casas e mantimentos, e finalmente servindo-os como captivos, agora faltando o ouvidor-geral, Martim Leitão, que tudo isto creou de novo, e que elles tinham por pai assim no Parahyba, como em todo o Brasil temo lhes façam alguns aggravos, como já vimos n'outras muitas capitanias, de que proceda alguma grande desaventura, que sómente d'aqui segundo as cousas hoje estão, n'ella podem succeder, mas quererá Deus os conservem n'esta paz e amor, com que os alli plantaram para que em tudo cresça de bem em melhor, e permaneça como convém a seu serviço, augmento quitação e proveito seu e das mais capitanias, que como pelo decurso d'esta relação vimos, da conservação d'esta dependem, e se as occupações e obediencia me deram lugar, fora muito mais largo, pois havia tanta materia, mas dirá tudo com o estylo. Não tratei aqui de invenções curiosas nem de elegancias de palavras, que costumam dar lustro ás cousas de pouco ser, porque não é esta minha profissão, nem o intento que n'esse particular tive; antes me pareceu melhor fazer esta relação, chã, singela e succintamente, por pura obediencia, como na verdade o fiz, e por esta razão me não estendi tão copiosamente tratar de todas as obras e bons feitos de Martim Leitão, que é o todo e a principal figura d'este meu compendio porque as muitas da justiça, bom governo, ardis e trances de guerra e victorias que á tanto risco de sua pessoa ganhou a publicar. Baste-lhe a elle n'esta parte ter por pregoeira de suas cousas toda a gente pobre do Brasil, de que elle especialmente foi amigo, os quaes com tanto proveito e segurança se logram agora, jun-

tamente com a fazenda d'el-rei nosso senhor dos trabalhos de Martim Leitão, e estes lhe escusam os engenhos subtis e raras habilidades que primeiro esgotariam que podessem dar cima a tanta cousa. Só isto direi que, se o mal que n'estas partes lhe tem feito a inveja, se occupára em assoalhar no reino suas obras como o fazem publicar d'elle e o infamar de muitas, que claramente n'elle não ha, fôra o mais ditoso homem do mundo.

Tenho acabado e cumprido com o preceito da obediencia V. P.me perdoe não lhe dar aqui conta das curiosidades d'esta terra, dos animaes muitos e diversos e tão differentes dos da Europa como são as pácas que respondem ás marrans do reino, tatús com forte conxa por cima com que se cobrem todos e tem a carne singular, como de coelho, a que os portuguezes chamam « cavalleiros armados » nem dos bugios saguis em especial os amarellos, que sómente ha no Rio de Janeiro, (que ?) por morrerem com o frio indo para Portugal nunca se lá viram, nem das diversas castas de papagaios, toins e araras grandes, antas, veados, tigres pequenos, e outras mil sortes e varias especies de animaes, nem dos muitos generos de cobras das quaes as giboias são tamanhas, que engolem um bezerro inteiro, e já se viram d'ellas de noventa palmos de comprido, e as que chamam cobras de cascavel, porque trazem cascaveis naturaes ao pescoço e ao longe soam, aviso da natureza para fugirmos d'ellas, por que são venenosas em extremo, e mordendo tiram logo a vista, e de cujas mordeduras poucos escapam com vida. Deixo de dizer dos fructos da terra, em que a terra do Brasil é a mais liberal de todas do mundo, pois planta qual quer pessoa em um dia cousa de que tira mantimento para todo um anno inteiro, e da infinidade e diversidade das fructas: ananás, cajús, maracujás, ariticús, todas agrestes e em grandissima copia, e abastança, que é cousa infinita. Nem trato do ambar, que

já este mar deu muito, e agora por peccados dos homens ou segredos de Deus ha annos que não dá, senão muito pouco, ainda que a meu parecer o causa não haver tanto gentio como antigamente, por o termos gastado, o qual vigiava as praias e o colhia no inverno e tormentas com que o mar o expede de suas concavidades ou arvores marinhas, que dentro n'ella ha, ou rochas onde se cria, que este assim virgem antes que o comam é o gris, que o mais,comido das baleas ou bichos porque toda a cousa viva o come é já muito somenos. Nem das grandes virtudes do peixe d'estes mares que é o melhor e o mais são do mundo, e assim sempre sãos e doentes comem antes no Brasil peixe que carne. Nem fallo da bondade da madeira, páo santo de Pernambuco, jacaré *(sic)* da Bahia e capitanias do sul,páo amarello, que é somenos, e outros muitos. Pois a gente portugueza se affeiçoa mais ao páo Brasil, sendo mais feio, e d'elle como já disse deu nome á terra. Nem das virtudes grandes de oleo de Copaova para feridas e corrimentos de frio milagroso, nem do verdadeiro balsamo dos ilheos do Espirito Santo, que é um dos maravilhosos e suaves licores do descoberto. (Pois tratar do gentio da terra que é o mais deshumano e barbaro que hoje se sabe, de que basta por prova engordarem os captivos para os comerem e de outras muitas cousas d'esta terra, de que tendo tempo e occasião em outra parte mais largamente tratarei, porque tudo isto ha mister um grande volume por si, só relatei n'este breve compendio ao nosso modo e por obediencia o que passou na capitania do Parahyba, desde o tempo que os reis de Portugal entenderam o que lhe importava, até o estado, ordem e quietação em que o ouvidor-geral Martim Leitão a deixou) sub correctione e ainda com muito medo pedindo a V. P. que quando succeder mostral-o a alguns padres sejam dos escolhidos. Nosso Senhor etc.

FINIS.

MEMORIA

SOBRE A AGRICULTURA NO BRASIL

Escripta pelo chanceller da relação do Maranhão

O

CONSELHEIRO ANTONIO RODRIGUES VELLOSO D'OLIVEIRA

Copia offerecida ao Instituto Historico e Geographico do Brasil pelo socio correspondente o

DOUTOR CEZAR AUGUSTO MARQUES.

SENHOR.

Eu não sei se as minhas curtas luzes sobre a agricultura, esta primeira e a mais interessante fabrica da industria humana, e se os meus limitados conhecimentos na sciencia assás difficultosa de estabelecer fundamentos a um imperio nascente no porto o mais essencial da sua felicidade, poderão conduzir-me com acerto na informação, que por ordem de V. A. R. devo dar sobre o requerimento junto dos lavradores, rendeiros do Brasil; sendo porém força que obedeça, vou satisfazer ao officio como fôr possivel.

A primeira idéa, que se offerece aos colonos de qualquer paiz, é sem duvida a divisão das terras, que formam a sua integridade, ou a quarta parte, que se deseja habitar, e cultivar: esta divisão serve de origem e fundamento á posse pacifica, e ao dominio, que os tranquillisa, excita n'elles o amor do trabalho e recompensa: faltando uma e outra cousa, os mesmos colonos se julgam estrangeiros na propria terra; não formam estabelecimentos solidos, e dispendiosos, e com difficuldade contrahem casamentos, e cuidam com desvelo na conservação, e augmento da prole.

Assim é que a povoação fica sempre paralisada no centro, e meio da inercia e da pobreza; e atacada por fim a sociedade inteira de enfermidades verdadeiramente pestilenciaes, e de mui difficultoso curativo ao depois.

O Brasil, que o acaso, dizem geralmente, mostrou aos nossos, e podemos agora seguramente affirmar, que a sabia Providencia tinha destinado para firmissimo assento da monarchia portugueza, sendo no principio invadido pelo espirito destruidor de conquista, bem depressa viu os seus antigos habitantes ou mortos, ou perseguidos, e desertando as costas maritimas e suas vizinhanças para irem habitar, ou antes vegetar da maneira mais extraordinaria, e opposta ás conveniencias da raça humana, matas espessas, campos exulados, e as margens dos rios do interior, levando no coração, e transmittindo aos da sua descendencia ódio, vingança, e traição contra os seus conquistadores.

Acharam-se pois estes dominando um paiz mais ermo, e deserto, do que antes era, e poucos proprietarios principiaram a occupar, a titulo de sesmarias, largos espaços das melhores terras nas vizinhanças das povoações, que se ião formando, as quaes desgraçadamente se conservam pela maior parte mal cultivadas, ou abandonadas, e inuteis.

Póde, geralmente fallando dizer-se, que as fazendas de gados, que os engenhos de açucar e as roças de plantação representam outros tantos estabelecimentos sem nexo, sem relações, e sem dependencia alguma entre si, não prestando aquella conveniencia, que com razão se deveria esperar. Esta fórma de povoação porém não seria prejudicial, antes convenientissima nas circumstancias do paiz, se os individuos de que é formada fossem livres, e si se olhassem reciprocamente debaixo de um certo ponto de igualdade.

A vizinhança e as necessarias consequencias, que ella costuma produzir, faziam que familias dispersas se entre-

laçassem logo pela amizade, depois por interesses e casamentos, que todos os dias seriam multiplicados de uma maneira conveniente ; e d'esta doce união resultaria immediatamente o feliz estabelecimento da verdadeira agricultura, cujos effeitos e resultados deveriam ser no Brasil os mesmos do antigo mundo, isto é a origem sagrada da povoação, das artes, do commercio, das sciencias, da força, e da felicidade do Estado.

Mas os possuidores das ditas sesmarias,ou os grandes proprietarios do Brasil, principalmente da parte maritima, vivem quasi todos concentrados nas cidades, e villas, abandonada a cultura, e direcção inteira das suas fazendas á mais crassa ignorancia, e as sem razões dos rusticos ilhéos dos Açores, e de pobres emigrados das provincias do norte de Portugal, os quaes nos paizes das suas naturalidades eram apenas moços de lavoura, ou peior ainda, marinheiros, mas que por uma metamorphose bem incomprehensivel se acham em um momento transformados em directores geraes de culturas, que nunca viram, em terra que nunca habitaram, cujas estações são em tudo contrarias as da Europa, governando negros, cujos costumes ignoram perfeitamente, e desacompanhadas, por mais completa desgraça, todas as operações agrarias do subsidio das machinas, instrumentos, e animaes, que nos paizes policiados são o firmissimo apoio da agricultura, qualquer que seja a sua fórma, especie, ou qualidade.

Não é pois para admirar, que a agricultura do Brasil, sendo dirigida por cegos ignorantes, e tendo por agentes unicos, e singulares os braços dos selvagens africanos, que se não movem mais do que pela força, cuja feia povoação, agora facticia e mui dispendiosa, chegando a um certo ponto, deve ser necessariamente olhada como origem certissima de males incalculaveis, não offereça nas fazendas de

gados animaes de todas as especies, melhoradas successivamente as suas raças particulares pelo mais assiduo cuidado, necessario, e conveniente encrusamento d'ellas, produzindo commodidades, e riquezas incalculaveis. Que os engenhos de assucar se não fabriquem com as devidas proporções para a diminuição do trabalho, que é n'elles excessivo e para a melhoria e perfeição de suas naturaes producções: Que em fim as roças de plantação reduzidas a campos trabalhados, segundo os verdadeiros principios da arte, não offertem na proximidade das grandes e pequenas povoações, os mais bellos, mais abundantes, e mais variados frutos.

Deveria talvez, é porém muito desgostoso, demorar-me por mais tempo na descripção dos males, que nos affligem, e dos quaes justamente se queixam os supplicantes, procurando ante o Throno Augusto o competente remedio; comtudo é necessario, que escreva ainda esta triste proposição. No Brasil tudo se acha por fazer, porque não é bom o que se acha mal feito; e em quanto o systema colonial, tres vezes peior que o feudal nos tempos funestissimos da sua maior degeneraçao, pezar sobre os povos d'estes climas, e lhes servir de regulador; debalde se instituirão discussões sobre a fortuna publica e individual, por que ella não ha dé existír, e não poderá achar-se jámais.

E' um bem que procede de principios certos, e muito ajustados; a mais pequena discordancia entre elles, faz que o mesmo bem desappareça: Bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu.

Eis-aqui um principio canonisado pela mestra experiencia, tão certo em physica, e nos objectos materiaes, como em moral e politica.

A felicidade solida, e permanente d'estes estudos depende absolutamente de um codigo de leis, apropriadas as circumstancias particulares da terra, que habitamos, e de tal

maneira organisado, que tenha a necessaria força para crear povos, que ainda se acham no berço da infancia, com poucas idéas da verdadeira moral civil e christã, e destituidos das mais claras noções da industria agraria, e das artes, que procedem d'esta grande fonte.

Não ha de existir n'este paiz verdadeira felicidade em quanto for governado pela ordenação do reino, formada em tempos tormentosos, e que a sabia e sempre respeitavel Rainha Nossa Senhora, quiz substituir por um codigo, no qual a razão e a justiça deveriam ter o seu firmissimo assento; que infelizmente porém se não effectuou, mas que tendo por objecto a conservação dos povos habitantes em outro hemispherio e já constituidos na idade viril, não poderia reger bem n'estes climas, á quem precisa dos remedios brandos, e applicados com a maior arte, e sem os quaes, a mocidade ficaria desvalida, e não chegaria jamais a robustez do homem perfeito.

Mas isto não basta: não ha de existir, digo ainda, n'este paiz verdadeira felicidade, em quanto as academias, e as escolas publicas se não encarregarem do dever sagrado de intimar aos povos a necessidade, e a conveniencia de observarem exactamente as leis constituidas, e de os instruir nas regras importantissimas de conhecerem a terra, que pretendem agricultar, e de conduzirem as suas operações agrarias com o menor trabalho, e a maior conveniencia possivel, tornando-se industriosos, activos, e sabios; assim as leis formaráõ os costumes dos povos, e serão mantidas por elles, e não deveremos dizer com Horacio: Quid leges sine moribus vanae proficiunt? Em uma palavra debaixo do abrigo tutellar do governo fertilisam os campos, nasce o commercio, e multiplicam as manufacturas: Eis-aqui os principaes agentes da fortuna publica e individual, que as leis devem crear, e estabelecer sobre alicerces indestructiveis.

Em quanto porém se não realisam os meus votos, e não podem ser outros os de todos os homens, que pensam, conduzidos pelo amor do bem publico, apontarei os meios necessarios, e de que a agricultura presentemente mais necessita para o seu progressivo augmento.

Já fica reflectido, que a divisão das terras é o primeiro alvo, a que se dirigem os desejos dos colonos em um paiz inculto: E' facil de assignar regras a esta divisão; por que ellas procedem necessariamente da extensão do terreno, e e do numero das pessoas, que pretendem estabelecer-se n'elle.

Em uma ilha pequena, por exemplo, e principalmente quando pelas suas particulares circumstancias, é de esperar, que o numero dos povoadores se proporcione logo a extensão do terreno capaz de receber os beneficios d'arte, seria manifesta imprudencia conceder largos espaços aos primeiros concorrentes: liberalidades d'esta natureza seriam muito prejudiciaes, e d'ellas resultaria necessariamente o mais lento progresso da povoação, ou esta constaria de colonos, que por causa da pequena porção de terras, nas quaes houvessem fixado as suas habitações, fossem condemnados a viver pobres, e a maneira de servos adscripticios, mui semelhantes aos escravos, e destituidos por isso mesmo de todos os principios de industria.

E tal é com effeito em geral a sorte dos lavradores das nossas ilhas da Madeira e dos Açores, cuja povoação, cultura, e industria se teriam avantajado muito, se as terras de que são formadas, se não achassem monopolisadas por grandes morgados, improprios dos seus limitados circulos, sem que ao menos a emphyteusis, este poderoso auxiliador da agricultura, tenha apparecido para augmentar o numero dos proprietarios, e restituir de algum modo ao commercio os fundos proprios dos ditos morgados, e que por sua natureza são indivisiveis e inalienaveis.

Nos grandes paizes, porém, cuja vasta extensão parece interminavel e são desconhecidos os seus limites, quer a razão, e exigem os mesmos principios da melhor economia rural, que a divisão das terras se faça com liberalidade, e que todas as fazendas sejam em geral grandes, porque este é o unico meio de se lançarem por assim dizer sementes de povoação por toda a parte, de defender o territorio de qualquer invasão externa, de introduzir n'elle o commercio e de o fazer conhecido.

E como a criação dos gados, que sem duvida é a parte mais rica da agricultura, póde fazer-se com muita facilidade e quasi sem trabalho nos grandes predios, e ella mesma offerece aos povos meios bem proporcionados para a mais commoda subsistencia, e para a acquisição de grandes riquezas,vem a divisão das terras em grande a servir de fundamento e origem fertilissima de povoação, e ficarão por conta d'esta as subdivisões dos mesmos predios em tempo conveniente, sem que soffra diminuição alguma a cultura pecuaria, porque, multiplicando então a arte as producções territoriaes, ella mesma offerecerá ao depois novos recursos, estranhos do paiz inculto, e que andam a par da cultura regular para a mesma criação em terrenos muito mais limitados.

Por estas razões digo,que não se deve fazer innovação alguma, geralmente fallando, sobre o modo de conceder sesmarias n'este grande paiz que habitamos, e que não resulta d'ellas prejuizo algum publico ou individual; e qualquer alteração a este respeito, tendente a corrigir o que se acha feito, seria o mais formal ataque, e muito directamente praticado contra o dominio original ou translaticio, adquirido á vista e face das leis existentes.

E como estas mesmas leis têm sabiamente regulado a fórma e methodo de se concederem as sesmarias, as quali-

dades e circumstancias das pessoas a quem se devem dar, e as penas impostas aos que as não cultivarem em tempo certo e determinado espaço, nada ha que se deva reflectir n'esta importante materia que não seja a respeito da exacta, mais prudente e equitavel observancia das referidas leis, para que se não tornem preceitos que cada um cumpre ou deixe de observar a seu arbitrio, e para que ao mesmo tempo não sirvam de fundamento a denuncias maliciosas, derivadas da inveja ou inimizade de homens corrompidos que, desejosos de satisfazer ás suas desordenadas paixões, não duvidam sacrificar a causa publica e o interesse particular de seus concidadãos.

Ainda que seja muito verdadeira a regra proposta, e eu divise como essencialmente necessaria e utilissima para o augmento progressivo, e bem geral da agricultura, a divisão das terras em grande n'este paiz ; tambem olho como excepção natural e muito conveniente a correcção e emenda das leis existentes, e de semelhantes concessões nas vizinhanças das cidades e das villas ; porque, lançadas já as sementes de povoação n'estes lugares, e achando-se ella em boa vegetação, convem multiplicar os predios de lavoura e fazer que os povoadores se liguem de mais perto; e por isso me parece da maior importancia, que para as grandes cidades se designe o termo e circuito de seis leguas, para as pequenas de quatro e para as villas de duas, e que as terras ainda existentes no patrimonio real, que houverem de ser dadas de sesmarias nos designados espaços, se não repartam em quinhões excedentes a um oitavo de legua de comprido com igual largura. A agricultura, o commercio, as artes e a industria em geral, a civilidade, os soccorros espirituaes e temporaes, emfim, de que precisam os povos, receberiam d'esta alteração muito proveito e o Estado as mais solidas conveniencias.

No que respeita ás grandes sesmarias, ou já concedidas nas vizinhanças das povoações, ou nos seus asssignalados circuitos, ou fóra d'elles, e se concederem para o futuro com a antiga liberalidade, fica acima reflectido que com o tempo se hão de dividir em glebas, já por vendas parciaes, já por mortes dos possuidores, á proporção dos seus respectivos herdeiros.

Nem os novos possuidores sentirão algum prejuizo da menor extensão dos seus quinhões comprados ou herdados, se cultivarem as terras, como é conveniente, porque muito bem diz D. João de Arieta no seu *Despertador*—lavrar bem não tem preço; e já Plutarcho havia exprimido esta verdade, referindo que um lavrador lavrava quatro herdades, e dando uma em casamento a uma filha, ficou lavrando tres e colhia tanto como nas quatro, trabalhando n'esta como em todas as quatro, e tendo dado tres ficou com uma e d'ella recolhia tanto como das quatro, porque o trabalho que em todas ellas empregava foi dirigido inteiramente á ultima; d'onde fica manifesto e claro que os frutos são proporcionados ao trabalho mais do que ao terreno; e com effeito tudo vai em tratar bem a terra, que a natureza não falta, nem jámais tem faltado. D'aqui o adagio francez: *Tant vaon l'homme, tant vaon sa terre.*

Esta divisão, porém, se faria em muito menos tempo e de uma maneira agradavel aos proprietarios, sendo-lhes permittido dar quaesquer porções de terras a quem as quizesse cultivar ou continuar no grangeio e amanho d'ellas, seja a titulo de colonia parciaria, a meias, terço, quarto ou qualquer outro quinhão mais diminuto ainda, seja por arrendamentos perpetuos, com translação de dominio ou sem elle, mas de longo tempo até noventa e nove annos inclusivamente, como é saudavel pratica na Grã-Bretanha; porque tem mostrado a experiencia que nos arrendamentos de

pouco tempo os rendeiros só querem desfrutar, e por isso destroem as terras, nem fazem bemfeitorias, cujos frutos devem realizar-se findo o tempo dos seus contratos, ou, emfim, por censos perpetuos, ou por aforamentos e emprazamentos, qualquer que seja a sua natureza ou denominação, como em Portugal se observa á vista e face das ordenações do liv. 4°, tit. 36, 37 e seguintes, ficando todos estes contratos á livre convenção das partes, com a unica excepção que as pensões devem ser moderadas, os laudemios não sejam maiores que os de dois e meio por cento ou de quarentena, e com a obrigação de renovação dos prazos em vidas, sejam elles seculares ou ecclesiasticos, pelas razões sabiamente expendidas na justa e muito equitavel carta de lei de 4 de Julho de 1768.

E' preciso ainda que todos os arrendamentos de terrenos para casas, chacaras ou quaesquer outras fazendas, fiquem sendo censuarios para o futuro, como dadas de arrendamento perpetuo, pagando os possuidores as pensões estipuladas para sempre sem outro algum encargo; tudo o mais é arbitrario, torna vacillante e incerto o dominio, e é por isso mesmo muito contrario ao bem geral da agricultura, não menos do que a justa decisão da carta de lei de 4 de Julho de 1776, bem applicavel ás circumstancias dos mesmos arrendamentos.

Accrescentaria eu ainda, que sempre n'estas divisões se houvesse attenção aos caminhos publicos e aos particulares para o serviço commum e individual dos novos proprietarios, e que nas fazendas assim repartidas, isto é, por qualquer dos principios que ficam apontados, se não fizesse innovação alguma ou entrada, ainda mesmo momentanea, e por ordem de quaesquer tribunaes, magistrados ou agentes publicos, ficando prohibidos para o futuro até os proprios córtes dos chamados páos reaes, sem precedencia de con-

venções feitas com os proprietarios. De outra maneira será sempre olhada como vã a palavra—dominio—e continuar-se-ha na pratica dos antigos abusos, com incalculavel desgosto dos ditos proprietarios e perda effectiva dos seus bens; porque bem sabido é, que o córte e conducção de um só d'estes páos importa a perda e estrago de muitos centos todas as vezes que a operação é feita por pessoas de quem é indifferente a conservação dos bens alheios. E' melhor que se comprem para o serviço publico as madeiras existentes nas fazendas particulares, do que destruir uma e outra cousa com perda effectiva d'elles e prejuizo dos reaes direitos ; e levo de caminho apontado um meio bem apropriado para a conservação das matas e criação das melhores arvores, que agora destroem industriosamente os lavradores, porque não têm conveniencia em conserval-as,e só divisam perda na possessão d'esta especie de propriedade.

Dos principios que ficam expendidos resultaria, na minha opinião, a certeza do dominio e o livre uso d'elle, o commercio franco das terras, e a paz e tranquillidade entre os lavradores de todas as classes, a sua feliz existencia e a prosperidade do Estado. Exemplos admiraveis da colonia parciaria a meias, observei eu na ilha da Madeira, onde terrenos de muito pequeno valor e desprezados, entregues a industria de pobres caseiros, bem depressa se elevaram á importancia de alguns contos de réis logo que o senhor lhes fornecia os meios necessarios para a subsistencia dos dois ou tres primeiros annos, obrigando-se os mesmos caseiros ao pagamento pelos frutos de sua meação; e ha muito tempo que estou persuadido da grande utilidade que a agricultura póde receber d'este meio. E com effeito, se a colonia parciaria é proveitosa em um paiz limitado, e no qual os caseiros não podem fazer largas conveniencias, que lucros não produzirá elle em terras de grande extensão e de tanta va-

riedade de frutos, que a melhor industria achará sempre n'ellas o mais util exercicio.

Mas tem a colonia parciaria suas regras particulares, e são inherentes a este contrato: da parte do senhorio promptificar o terreno, fornecer ao caseiro meios de subsistencia no principio e de trabalho permanente ao depois, e não exigir pensões gravosas, devendo entender que sem antecipação de capitaes é imprudencia esperar rendimentos certos, e dominando a avareza nas convenções tudo será desordem.

E' da obrigação do caseiro melhorar o mesmo terreno e accrescentar-lhe o valor primitivo, tornando-o accommodado a uma cultura facil e regular, e pagar a pensão estipulada com lisura e sinceridade, constituindo-se d'esta maneira socio superficiario do senhorio nas bemfeitorias permanentes, como plantação de arvores, abertura de vallas e canaes, e outras, e senhor privativo dos edificios, moinhos, curraes, etc., não havendo o mesmo senhorio concorrido para as despezas, porque n'este caso o quinhão de cada um deve proporcionar-se ás quantias por elles expendidas em especie ou trabalho; deve ainda o senhorio conservar o caseiro pelo tempo da sua convenção, não o podendo despedir sem causa justa, e pagar-lhe aquella parte das bemfeitorias que directamente lhe pertencerem, assim como o caseiro deve e é obrigado a residir na fazenda pelo mesmo tempo, cuidando sempre no augmento d'ella e na perfeição da cultura, apromptando outro caseiro que o substitua e lhe pague as suas bemfeitorias, quando o tempo da sua convenção é indeterminado e o senhorio o não molesta, nem obriga ao despejo e elle quer ausentar-se, esta substituição deve ser approvada pelo senhorio ou pela autoridade publica se a sua vontade fôr a este respeito exprimida sem razão. Se o caseiro abandona as bemfeitorias é claro que as deve perder por sentença.

Quando a colonia parciaria é firmada nas regras que ficam expendidas não póde negar-se que d'ella procede muito proveito á agricultura.

O contrario se verifica de convenções estranhas e arbitrarias, porque então tudo é desordem e a parciaria não serve nem ao proprietario, nem ao colono, nem ao publico, como bem mostram os chamados partidos dos engenhos d'esta capital, origem funesta de gravissimas desordens e de perdas effectivas dos senhores de engenhos e seus lavradores ou partidistas, assim como os arrendamentos agora em pratica.

Se a colonia parciaria, pois, bem regulada é vantajosa á agricultura; se, faltando ella, não podem os pobres exercitar a sua industria nos campos e muito menos nos matos virgens, por lhes faltarem as forças e os meios para sustentarem as despezas originarias do primeiro estabelecimento, que deve dizer-se dos arrendamentos perpetuos e de longo tempo quando para elles concorrem pessoas com as proporções necessarias. As nações agricolas conhecem a fundo a conveniencia d'este meio, e é desnecessario demonstral-a com apparato de longos periodos, e muito menos ainda a incalculavel utilidade que recebe a agricultura em geral dos censos, fóros e emprazamentos; porque já os gregos, os romanos e a Europa moderna, fizeram por larga experiencia os mais completos elogios a estas convenções, como bem apropriadas para a transmissão do dominio util sobre largos e importantissimos terrenos em pessoas, que, ou nunca os poderam adquirir, ou era impossivel o fizessem, não desembolçando antecipadamente o valor d'elles, e ficariam muito provavelmente incultos, com manifesta perda do Estado, por isso mesmo que o capital empregado na compra effectiva dos terrenos não passaria a formar os outros, que devem supportar as despezas da roteação, amanho e cultura d'elles.

Devo, pois, concluir a primeira parte da minha informação, dizendo que o meio mais proprio de estabelecer a nossa agricultura e de augmentar a povoação com prodigiosa multiplicação de frutos na vizinhança das povoações, e principalmente das grandes, havendo já as terras subido a um consideravel preço, consiste na divisão d'ellas em porções bem proporcionadas á decente sustentação de familias livres e honestas. Este meio é da maior importancia, e póde seguramente affirmar-se que a sua verificação seria efficacissima para a felicidade publica: cem geiras de terras bem cultivadas, com sua casa, forneceriam sem duvida a uma d'estas familias meios bastantes para a mais frugal e commoda subsistencia, e ao mesmo tempo as devidas proporçõees para pagar a renda ao proprietario e os tributos ao Estado.

Mas parece-me ouvir que a emphyteusis, o censo e os arrendamentos perpetuos e de longo tempo, não são convenções essencialmente necessarias ao bem geral da agricultura, antes pensionando-se por meio d'ellas as terras de sua natureza livres, e isentas de qualquer onus e encargo real, apenas se devem tolerar nos paizes já de todo occupados, e que não podem adjudicar-se em partes de outra maneira, a quem aspirar ao direito de propriedade, apezar das obrigações a que vai submetter-se, que no Brasil seriam prejudiciaes ás mesmas convenções, e por sua natureza inadmissiveis por causa da muita extensão das terras, nas quaes cada um póde fixar-se e exercitar livremente a sua industria, sendo talvez estas as razões por que são aqui desconhecidos semelhantes contratos. Estes argumentos não têm aquella força de que parecem dotados, e para os refutar basta dizer-se que as terras vizinhas ás povoações são aquelias que se ambiciona, que cada um deseja possuir, que actualmente se acham sujeitas a arrendamentos momentaneos, arbitrarios e irregulares, e contratados á custa de gravosas pen-

sões ; que ellas se acham nas identicas circumstancias das terras da Europa ou dos paizes velhos, e que a respeito d'ellas especialmente é que tenho fallado ; além d'isto eu não proponho uma lei preceptiva, mas um regulamento todo permissivo, á vista do qual serão estipuladas as convenções que cada um julgar proprias dos seus interesses.

Verificada a proposta divisão, e supposdo-se estabelecidos, por exemplo, no recinto e terreno destinado para esta côrte dez mil casaes, os resultados seriam da maior consideração, porque, além de servirem de excellente fundamento a uma povoação livre e industriosa, unica de que o Estado póde ter vantagens, forneceriam aos habitantes da mesma côrte grande abundancia de legumes, hortaliças, batatas e frutas, com decidido melhoramento da saude publica, porque são os vegetaes o alimento mais proprio d'este paiz, e uma vez estabelecido o systema de lavoura com bois e dos pastos artificiaes, duas cousas interessantes á agricultura, e das quaes ella depende absolutamente, não poderia dispensar-se cada um dos ditos casaes de manter seis bois pelo menos, e naturalmente criaria outras tantas ovelhas, além de muitas aves, e renovando-se umas e outras vezes successivamente cada tres annos teriam os açougues d'esta capital vinte mil bois, e igual numero de carneiros bem nutridos e gordos, para a sustentação popular, substituindo ás carnes magras e apostemadas de que ao presente se mantem com gravissimo prejuizo, como não é licito ignorar ; o mesmo se póde dizer das outras cidades e villas d'este Estado.

Resultaria ainda d'esta feliz divisão o estabelecimento das fabricas, o augmento do commercio, o progresso, emfim, dos conhecimentos humanos e de todas as sciencias que fazem os Estados ricos e venturosos. Sophocles, Thucidides, Platão e Epicuro nasceram em differentes aldêas do Pedion

para ao depois instruirem a capital da Grecia com admiração do mundo litterario.

Não é difficultoso tornar effectiva a divisão das terras, como fica reflectido, sendo a isso convidados os grandes proprietarios pelos meios de honra e privilegios, que são o patrimonio mais opulento e a moeda verdadeiramente inexhaurivel do Estado monarchico, e tanto mais apreciavel uma e outra cousa quando se concedem a pessoas benemeritas.

Seria, pois, muito sensata, na minha opinião, perfeita e a mais apropriada ao intento, a lei, na qual se formasse uma bem regulada escalla de premios e recompensas a favor dos grandes proprietarios e capitalistas, que quizessem repartir as suas terras e empregar os seus cabedaes no bem geral da agricultura e povoação, fornecendo o Estado terrenos proprios aos ditos capitalistas. Uns e outros seriam recompensados da maneira e fórma seguinte.

Com o habito de Christo o proprietario e capitalista que nas suas terras estabelecesse por qualquer das maneiras acima expendidas, e á sua custa, seis lavradores ou caseiros, dos quaes quatro ao menos casados, homens livres e em boa idade, adjudicando a cada um cem geiras de terras com as suas competentes servidões (esta medida deveria ser regulada pela autoridade publica da lei, como contendo um certo e determinado espaço para que não offereça mais uma idéa vaga) : estes caseiros não deveriam pagar aos seus respectivos senhorios pensão alguma excedente ao quinto de todas as producções territoriaes, comprehendido o valor dos gados que criassem.

A honra da commenda seria dada áquelles proprietarios e capitalistas, que, pela mesma maneira e com as mesmas condições, estabelecessem nas suas terras doze caseiros.

Ao premio da commenda se ajuntaria ainda a livre facul-

dade de vincularem morgado a favor dos ditos proprietarios e capitalistas aquelle predio, cujos rendimentos annuaes excedessem a 1:200$, não existindo n'elle menos de vinte e quatro caseiros com as condições já referidas, sendo facultado a cada um dos emprehendedores éstabelecer tantos morgados quantos forem os filhos que tiver ou sobrinhos em primeiro grão.

A estes premios se ajuntaria outro do fôro de moço fidalgo, a favor de quem estabelecesse em terras suas ou havidas para isso da corôa trinta caseiros livres, como fica dito, dos quaes duas terças partes casados, com capella e capellão pago á sua custa, podendo formar indeterminado numero de fazendas, como no caso antecedente, e cada um d'estes estabelecimentos pertenceriam os mesmos premios e regalias, fossem os administradores filhos ou sobrinhos do instituidor.

Dar-se-hia ainda o senhorio e alcaidaria-mór em tres vidas, com as mais honras acima expendidas, a quem formasse uma villa com cincoenta caseiros, mostrando o rendimento de 2:400$, sendo-lhe livre o numero, segundo a regra dada á proporção dos filhos e sobrinhos, sem differença de varão ou femea.

Emfim, o titulo de barão em vidas, além das mais honras, direitos e prerogativas de que fiz menção, seria o premio d'aquelle que formasse um villa maior, com cem caseiros, cujas qualidades ficam descriptas, mostrando o rendimento liquido de 4:800$. Estes titulos se multiplicariam á semelhança dos mais á proporção das villas assim formadas.

E, como a povoação necessaria para os propostos estabelecimentos se não póde haver facilmente do proprio paiz que habitamos, seriam para maior facilidade ainda livres de direitos as mercadorias destinadas pelos emprehendedores

para qualquer especulação tendente a introduzir n'estes Estados pessoas proporcionadas aos mesmos estabelecimentos.

Seria tambem muito conveniente que os nossos colonos fossem isentos pelo tempo de cinco annos de todos os impostos territoriaes, e até mesmo do pagamento dos proprios dizimos, mostrando elles que a sua cultura era feita com charrua, arado e grade, e que na lavoura dos seus campos e terras se não empregavam cavallos, nem bestas muares, mas bois unicamente e vaccas.

Esta fórma especifica de lavoura deveria ainda ser premiada por outros cinco annos do mesmo modo, sendo as terras agricultadas pelos proprios lavradores, seus moços e jornaleiros, e sem intervenção de escravos proprios.

D'esta maneira receberia a agricultura um grande e poderoso auxilio, e ella mesma offereceria meios utilissimos ao Estado para a sua grandeza, assim como ao cidadão pacifico todos os que lhe póde fornecer a sua industria para enriquecerem suas familias, e para as elevarem a um grande ponto de honra, duas cousas que todos ambicionam e para que todos fazem os maiores sacrificios.

Tenho dito o que me pareceu mais proprio a respeito da divisão das terras publicas e particulares, fazendo differença das situadas nas vizinhanças das grandes e pequenas povoações, e das que têm localidade mais afastada, e expendi os meios que julguei mais convenientes para a roteação e amanho de umas e outras, e como, finalmente, podem ser povoadas pelos officios, capitaes e industria de emprehendedores particulares.

Isto, porém, não basta. E' de absoluta e indispensavel necessidade que V. A. Real faça os maiores esforços para o augmento da povoação e cultura d'este grande paiz, porque de nada serviria o mundo inteiro, achando-se deserto e in-

culto. A sabia natureza dotou o Brasil de qualidades relevantes para a independencia e prosperidade mais venturosa de uma nação grande, poderosa e rica : deve a industria fazer o que convem para que nos não contentemos unicamente com o que podemos ter, senão com a realidade do que effectivamente desfrutamos.

Mas que cousa é o Brasil ?

A prodigiosa extensão das terras, que tem os seus limites naturaes entre os dois rios maiores do mundo, o Amazonas, ao norte, e o da Prata, ao sul.

Eis-aqui justamente o paiz que deveriamos chamar Brasil. Estas são as terras que muito convem existam na dominação exclusiva e perpetua de V. A. Real, e formem o seu Imperio com o titulo de Imperador do Brasil ; desejam os seus mais entendidos vassallos que V. A. Real os governe e reja para o futuro. Não importa que a navegação do Amazonas seja livre e commum aos hespanhoes, e que para a pacifica acquisição das mesmas terras se lhes abandonem todas quantas possuimos e existem fóra da designada demarcação. Esta idéa contém mais alta politica, e talvez não é muito propria d'esta informação ; por isso necessario é que eu não discurse mais largamente a este respeito.

Sem prescindir comtudo da proposta idéa, digo que a navegação franca do Rio da Prata, em toda a sua extensão, é de tanta importancia para a grandeza do Brasil e para o maior e mais progressivo augmento da sua agricultura e povoação, que apenas se póde conceber.

Bastará reflectir que o paiz do Cuyabá, presentemente quasi inutil, ficaria sendo maritimo e abordado por navios de alto bordo ; que nos artigos madeiras, lãs e algodões, tres producções de particular excellencia no mesmo paiz, e póde ser as melhores do mundo, não teriamos mais que desejar ; o mesmo se póde dizer do commercio do arroz e das

batatas, que a natureza produz espontaneamente na maior abundancia nos immensos lagos de todo aquelle vastissimo paiz, do trigo, linhos e canhamos, para cuja producção se prestam aquellas terras com decidida vantagem do lavrador, não menos que das vinhas, cujo fruto é abundantissimo e de superior qualidade. E' ainda o dito paiz o melhor assento que se nos offerece para a mais proveitosa criação da seda, que sem duvida se póde fazer em pleno ar, sem trabalho algum, e bem assim da cultura de todas as especiarias da Asia.

Emfim, não é licito ignorar que o gado vaccum multiplica e cresce no Cuyabá, e em todo o territorio immenso do Paraguay de uma maneira incomprehensivel, sendo o peso regular de cada um boi de 20 a 25 arrobas; se é possivel que cem mil rezes fossem extrahidas annualmente, já por terra e já por mar, do mesmo territorio com regular consumo no commercio, póde segurar-se a indefectivel existencia d'ellas, sendo promovida a criação que actualmente já é muito numerosa. E para não faltar cousa alguma em um paiz de tão qualificadas qualidades e circumstancias até se faz celebre pela famosa e inexhaurivel salina, denominada do Almeida, sita nas margens do rio Jaurú, um dos confluentes do Paraguay, a que os antigos e modernos roteiros dão o comprimento de vinte e cinco leguas, com a largura de dez em diminuição a tres. Não podemos desfrutar estes e outros muitos bens que a industria deve necessariamente crear para o futuro, e em cujo numero se deve fazer particular memoria do estabelecimento de riquissimos estaleiros para um grande commercio, e augmento da marinha real e mercantil do Brasil, porque nos é vedada a navegação do Paraguay ou do Rio da Prata.

A razão e a justiça clamam altamente contra um monopolio injurioso á grandeza de V. A. Real, oppressivo dos

seus fieis vassallos e contrario aos direitos da humanidade inteira.

E', pois, necessario que esta navegação nos seja permittida, e franqueada a de todos os grandes rios do Brasil, e com mais particularidade ainda dos que demoram ao sul da capitania do Rio de Janeiro, ou baixem ás costas de mar immediatamente, ou se julguem verdadeiramente centraes.

A quem divisar bem e conceber uma justa idéa das conveniencias, que devemos esperar d'esta navegação, parecerá sem duvida bem suave o trabalho e mui pequena a despeza que se deve consumir em destruir algumas pequenas cachoeiras, que impedem ou tornam difficultosa em partes a navegação dos ditos rios, sendo facil evitar a passagem de outras, fazendo-se a navegação por confluentes menos precipitados ou de todo plano, como a experiencia e os melhores conhecimentos do paiz vão mostrando todos os dias.

A extensão e a facilidade da navegação interior foram provavelmente uma das principaes causas do estado florescente a que chegou o Egypto felizmente, e em pouco tempo, diz o sabio Smith, liv. 1°, cap. III, e esta é a opinião geral dos economistas, entre os quaes passa por decidido que todos os paizes cortados de rios navegaveis são destinados pela natureza para o feliz assento da agricultura, das artes e do commercio.

Eis-aqui, portanto, um dos primeiros auxilios com que a agricultura deve ser logo soccorrida pelas ordens soberanas, e ellas adquiririam o maior gráo de perfeição se decretassem ao mesmo tempo o estabelecimento de pequenas aldêas de trinta casaes, com os seus competentes capellães ou curas, ao longo dos ditos rios e na distancia de dez leguas, pouco mais ou menos, umas das outras; grande é a utilidade que n'este artigo se deve esperar das ordens religiosas

aqui estabelecidas. Além da terra, que se deve adjudicar em propriedade ao colono, dos instrumentos de lavoura, e de tudo o mais que é necessario ás colonias d'esta natureza, exigem ellas pela sua particular posição um pequeno forte, montado com duas ou tres peças de pequeno calibre, como de quatro a seis, para a sua defesa contra as contingentes correrias e ataques dos indios, que pelo commum vivem nas margens e proximidades dos mesmos rios.

Esta operação sendo bem conduzida, e libertados os novos colonos por dez annos até do pagamento dos proprios dizimos, seria importantissima, porque, tendo o seu fundamento principal nas regras da sociabilidade, da simples defesa natural e do mais sincero desejo de conviver com os sobreditos indios, estes, pois, que, emfim, são homens, pouco a pouco formariam associações, seguiriam o exemplo dos nossos, e muito mais ajudados por elles; e d'esta maneira em poucos annos fariamos a mais vantajosa conquista de dois a tres milhões de vassallos uteis, que, entrelaçados opportunamente com os nossos pelo meio de casamentos, do commercio, mutuo auxilio e reciproca dependencia, tornariam o Estado venturoso.

A execução d'este projecto exige, é verdade, despeza, tempo e aturado soffrimento; mas sem antecipação de meios nada se póde alcançar, e muito mais em uma materia tão delicada.

A educação da mocidade é das operações mais difficultosas da sociedade civil, e sem ella nunca os Estados se podem dizer bem constituidos e venturosos: e como se poderá achar facilidade no projecto ainda mais difficultoso de educar meninos velhos, por assim dizer, de riscar da sua idéa costumes barbaros e substituil-os pelos da humanidade? Será sempre muito difficultoso transformar um barbaro em homem, em cidadão e em religioso.

O resultado d'esta especulação deve ser da maior importancia, e de incalculavel e mui certa conveniencia ; é, pois, necessario que se lhe proporcionemos meios, apezar de todas as difficuldades, ainda que pareçam invenciveis ; longe, porém, muito longe de nós uma tal idéa ! O commercio facilitado pelos sobreditos rios e defendido pelas novas povoações, tendo por fundamento solido e materia abundantissima producções naturaes de grande valor e de nenhum custo, se exceptuarmos o da simples colheita, ha de fazer no interior do Brasil os prodigios que o acompanham por todas as partes do globo, e sendo elle, como se não póde negar, successivamente o filho e o pai da agricultura, e o fautor principal da civilidade dos povos, tomará por sua conta felicitar os projectos e as operações do Estado.

Mas como será possivel, dirá alguem, lançar mão de um tal projecto se faltam homens para elle ? Convenho que o Brasil é um paiz muito despovoado, e que apenas de duas grandes cidades, o Rio de Janeiro e a Bahia, se podiam tirar individuos de um e outro sexo para algumas e bem poucas aldêas (operação necessaria e muito propria da mais bella politica) ; comtudo facil é de conceber que cada uma das freguezias das tres capitanias do Rio de Janeiro, de S. Paulo e das Minas-Geraes, bem podia produzir para este importantissimo projecto um, dois, tres, até quatro casaes em cada anno, sem prejuizo da sua respectiva povoação.

Temos, porém, opportuno e conveniente remedio na Europa, n'aquelle paiz, onde as artes e as sciencias haviam estabelecido seu throno augusto : vive-se agora a vida dos tigres, ou antes a dos peixes, entre os quaes é permittido ao maior devorar o mais pequeno. Graças á infernal politica da França ! Os povos da Europa suspiram pelo momento de abandonar os seus antigos lares e de virem engrandecer a America, e com bem justificada causa, já dizem muitos ; e

se continuam as desolações da guerra, dirão todos em pouco tempo como Enéas: *Fuimus Troes, fuit Ilium, et ingens gloria Teucrorum.*

Das tristes e desgraçadas circumstancias, pois, a que se acha reduzida a Europa nos deveriamos aproveitar sem demora. E' facil de conceber que a povoação do Brasil receberia successivamente mui grande accrescentamento logo que a liberdade de consciencia, ou a tolerancia dos cultos, da maneira ajustada com a Grã-Bretanha no art. 12, no tratado ultimo de commercio, se offertasse a todos os povos da Europa; logo que elles se persuadissem da melhor hospitalidade, e d'aquella certa e indefectivel protecção que V. A. Real presta constantemente aos seus fieis vassallos; logo que terrenos mais ou menos extensos lhes fossem concedidos segundo as faculdades de cada um, gratuitamente e isentos de todas as imposições, como acima fica reflectido, e logo, emfim, que aos pobres solteiros, e não excedendo á idade de quarenta e cinco annos, se liberalisasse o emprestimo de 100$, pagavel em quatro annos, passados seis, metade para os gastos de passagens, e outra metade para as despezas de seu estabelecimento agrario; isto se entende não indo elles habitar em casas das aldêas ou lugares de que acima fallei, porque n'este caso, quanto ao auxilio da cultura, entrariam na regra geral dada para aquelles colonos.

Os homens casados receberiam o proposto adiantamento e emprestimo, conforme o numero das pessoas que formassem as suas respectivas familias, sem differença de idades. D'este convite geral e do beneficio que d'elle póde proceder a favor de homens, ou desgraçados, ou desgostosos das miserias do seu paiz natural, e que deveria ser publicado com a maior clareza nas gazetas de Portugal, da Hespanha e da Grã-Bretanha, necessario é que sejam excluidos os france-

cezes com todos os individuos indomaveis, que formam o corpo gangrenado dos desertores dos seus exercitos.

D'esta maneira não pagaria o Estado cousa alguma pelas pessoas que morressem no mar; os mesmos passageiros ajustariam as suas passagens sem compromettter a honra da corôa de V. A. Real, que não seria responsavel por convenção alguma extranha das que ficam exprimidas.

E' preciso agora observar devidamente, que se por este methodo fizesse o Brasil em cada um anno a feliz acquisição de dez mil pobres, que exigissem do Estado o emprestimo proposto, elle chegaria a 400:000$, e como o trabalho do homem livre, tendo a sua origem no interesse particular, recebe todos os dias mais facilidade e melhor perfeição, e produz necessariamente novos ramos de industria, elle sómente póde servir de fundamento á perfeita agricultura, ás artes e á sciencia, á força e riqueza do Estado.

Nunca desfrutaremos estes bens emquanto os nossos trabalhos agrarios forem feitos pelas mãos de escravos desgraçados; porque, não tendo elles patria, familia, propriedade, nem mesmo interesses particulares, fazem consistir a sua felicidade na inercia, no ocio e melhor ainda no somno, que os torna indifferentes á sua triste condição.

Já o cultivador da Pensilvania e Despond demonstraram amplamente as vantagens da cultura feita por brancos; eu diria simplesmente por homens livres, porque o accidente das côres nada influe n'esta materia: o que, porém, conclue absolutamente a favor da minha opinião é o celebre exemplo das duas colonias estabelecidas nas margens da ribeira do Hills Borough, na Florida, em 1767, uma por Mr. Tumbull, associado com milord Pimple, e outra por diversos emprehendedores. Constava a primeira colonia de 1.314 gregos, italianos e allemães, e o seu custo chegou apenas a trinta mil libras esterlinas, o que demonstra a despeza de

87$671 por cabeça; esta somma deveria ser paga pelos colonos em trabalho para se constituirem socios parciarios a meias.

Estes colonos viviam em paz, apezar da diversidade das linguas e das religiões, e no fim de dez annos tinham pago as suas dividas, achavam-se muito bem estabelecidos, com muitos filhos, gados e quanto era necessario para a sua decente sustentação, e só no artigo anil davam aos emprehendedores trinta e quatro mil arrateis.

A outra colonia, que consistia em escravos, custou noventa mil libras sterlinas, e, passado igual tempo de dez annos, tinha deixado de existir, com perda quasi inteira dos capitaes dispendidos; porque tambem é outra verdade, ha muito demonstrada, que os negros na America vivem o tempo de oito a dez annos (Puchet no seu *Diccionario da geographia mercantil*, artig—Florida).

A quem duvidar d'estas verdades, eu diria que as republicas da Grecia e Roma nunca poderam infundir no coração dos seus escravos, que todavia não eram negros selvagens, fidelidade, industria e amor do trabalho, que exercitaram crueldades espantosas, mas sempre inuteis, para acharem entre os ditos escravos aquella segurança, que é a base essencial da sociedade civil, e que, emfim, nos seus melhores dias mendigaram por toda a extensão da Asia os frutos da engenhosa liberdade.

E', pois, necessario extinguir a escravidão pouco a pouco, principiando pela de nascimento, como em Portugal se achava estabelecido na sempre memoravel lei de 16 de Janeiro de 1773, o que precisamente exige o estabelecimento das casas de criação, nas quaes se recolhessem e fossem educados os filhos das escravas, cujos senhores recusassem ás mãis o dever sagrado de criar seus filhos, passado o anno de leite, recebendo elles 6$400 por cada criança, que no

fim do dito anno entregassem nas referidas casas em bom estado de saude.

A vigilancia e a severidade da policia n'este artigo importantissimo deveria ser muito recommendada.

E' ainda necessario que se não recusasse jámais a liberdade áquelles escravos, que, precedendo com audiencia de seus senhores a justa avaliação de arbitros peritos na presença dos magistrados territoriaes, offerecem o preço de suas pessoas. E', finalmente, de absoluta e indispensavel necessidade que a convenção sagrada sobre a extincção gradual do commercio dos negros da costa da Africa, a mais protectora da humanidade e sempre digna dos dois grandes e incomparaveis soberanos que affirmaram no art. 10 do tratado de amizade, feito n'esta côrte aos 19 de Fevereiro de 1810, se regule e execute no mais breve termo.

Estas proposições contêm verdades de primeira intuição, e se eu me não achára escudado com as proprias e nunca assás louvadas expressões, ou antes santissimas decisões do mesmo tratado, desafiaria sem duvida os mais engenhosos e os mais sabios economistas para as refutarem, rogando-os ao mesmo tempo que tenham em vista o estado presente do Brasil, a sua agricultura, commercio e artes, apezar de havermos n'elle introduzido, por cem annos e mais, vinte e cinco a trinta mil escravos á custa de sommas incalculaveis, que têm sido pagas pelos lavradores e mineiros : e qual deveria ser se pelo mesmo espaço de tempo houvessemos recebido dez mil pessoas livres ? A resolução d'este problema acha-se feita ; ella decide do que havemos fazer para o futuro, e não póde ser senão o que tenho expressado.

Se a Europa nos póde fornecer dez mil pessoas em cada um anno, além d'aquellas que quizerem vir estabelecer-se aqui por sua conta, e das outras que a industria dos especuladores particulares póde adquirir para se habilitarem e

receber os premios acima propostos, com quanta maior facilidade ainda e menor custo não podemos transportar da India, Malaca e China, semelhante ou maior povoação.

Mas, supponido que esta segunda operação nos custava outros 400:000$, seria a despeza inteira em cada anno de dois milhões de cruzados, somma na verdade bem insignificante aos olhos de quem sabe vêr, e devisa por isso mesmo por todas as partes no Brasil mananciaes perennes da mais abundante riqueza.

O resultado immediato da feliz e necessaria execução d'este plano, unico de que podemos esperar vantagens, seria a paz interna, a segurança exterior, o augmento progressivo das materias primas para o commercio, o accrescimo bem palpavel das rendas reaes, o estabelecimento, emfim, da industria fabricante, que, em qualquer parte do globo procede do augmento da povoação, do maior gyro da moeda circulante e do credito, que produz uma e outra cousa.

Para se alcançarem os bens propostos, duas cousas são necessarias: primeira, a creação de uma sociedade patriotica, cujo titulo deveria ser Banco de Povoação, e cujos membros tirados já do corpo de alta nobreza, já do clero, da magistratura, do corpo militar e da marinha, do commercio e da lavoura, juntamente debaixo da presidencia de uma pessoa de grande representação e autoridade, dirigissem todas as operações propostas, não olhando pelo seu trabalho outro pagamento além da honra de bem servir ao soberano, e de felicitar a patria e os seus concidadãos.

A Gram Bretanha offerece a este respeito modelos bem dignos da mais litteral imitação, e observancia, e sem contemplar outros mais antigos, basta lembrar as sociedades piscatoria e do Merino, estabelecidas debaixo dos auspicios e protecção da presente regencia; 2º o estabelecimento de fundos permanentes com a devida proporção aos

rendimentos tambem permanentes de dois milhões de cruzados, pelo menos em cada um anno, para as despezas inseparaveis de uma tal operação. Lembro para este fim a cultura do sal por conta do Estado na marinha e lagôas extensissimas de Cabo Frio, da qual podiamos tirar larguissimas conveniencias com bem pouca despeza. Lembro igualmente, e tambem por conta do Estado, porque me parece, que da lavoura dirigida podia o mesmo Estado tirar riquezas incalculaveis, a cultura do linho, e canhamo, nas margens dos trez grandes e bem conhecidos rios ; a saber : o Tamandatey, o Tieté, o Anhamby, e o Pinheiros, que banham as terras immediatas á cidade de São Paulo com navegação franca ao mar de Santos, menos pelo que respeita á serra, e terras adjacentes na pequena distancia de duas leguas e meia de muito bôa estrada.

Formam os ditos rios campos de prodigiosa grandeza, pela maior parte ou antes em quasi toda a sua extensão, incultos, e todos de uma fertilidade admiravel, a qual todos os annos se renova pelo beneficio de saudaveis innundações á semelhança do Tejo e do Mondego. Esta cultura sómente sem outro auxilio mais deve produzir em pouco tempo o rendimento annual de cinco a seis milhões de cruzados, e os capitaes necessarios para ella são pelas circumstancias particulares do paiz, de bem limitada despeza, observando-se que um jornaleiro ganha quando muito 160 rs. por dia ; que uma junta de bois não excede de 10$ rs. que a sustentação é gratuita ; que os terrenos não têm preço, e que estes, para a mais vantajosa producção necessitam apenas o beneficio de uma cultura facil manobrada pela charrua e grade, sem dependencia de estrumes.

Apenas a mesma cultura, ou antes a maceração do linho, e canhamo, encontraria difficuldade na falta de braços, sendo feita pelo methodo ordinario, mais a invenção da

machina applicada ao intento, fruto da industria de um habil portuguez, Jeronymo Vieira, cujo modelo existe no trem d'esta côrte, destróe pela raiz a proposta difficuldade.

Quando se trata d'esta cultura todos fallam do Rio Grande de São Pedro do Sul, mais ainda se não calculou devidamente, se aquella capitania é mais fertil do que a de São Paulo ; é certo, que a posição geographica decide a questão a favôr da segunda das ditas capitanias, seja porém o que fôr, o porto de Santos demora na latitude austral de 24 gráos, e é tambem como ninguem ignora, pelo contrario o Rio Grande fica a 32 ; o seu porto é pessimo, formado por arêas movediças ; apenas recebe pequenas embarcações, como sumacas e bergantins, sendo de mais preciso navegar com muito perigo, e o mais assiduo trabalho pela lagôa dos Patos na distancia de 60 leguas até o Porto Alegre, no que se consomem não poucas vezes de 40, 50, a 60 dias. Estas circumstancias decidem cabalmente a favôr da proposta cultura, primeiro em São Paulo, depois na Curitiba, cujo porto é Paranaguá na latitude de 26, e ultimamente no Rio Grande : lembrei a cultura do sal, porque é facil, e pouco dispendiosa, sendo ao mesmo tempo bem conhecida a necessidade que temos, e a utilidade que podemos receber d'ella : lembrei a cultura do linho, e canhamo, que deve ser com a primeira administrada pelo sobredito banco de Povoação, como um meio em tudo apropriado ao intento, e que não vejo de que maneira poderá exceder ao capital limitado de 40:000$000, porque estas producções não cedem em belleza, força e qualidade as da Russia, sendo tão superiores as da America do Norte ; quanto as nossas madeiras são melhores do que as d'aquelle paiz, porque a respeito dos hespanhóes temos a vantagem de melhor navegação, e fretes mais baratos ;

porque emfim as nossas relações mercantís com a Gram-Bretanha nos seguram a prompta venda de quaesquer quantidades, que possamos cultivar. E para demonstrar-se a a extensão prodigiosa d'este commercio, basta advertir, que o sabio agronomo Arthur Jumgh affirma, que no seu tempo (ha mais de 30 annos) comprava á Inglaterra no Baltico quatro milhões esterl. de linho, e canhamo em rama : esta despeza passa hoje de cinco milhões.

Ainda temos outros meios mui apropriados ao intento, lembrarei unicamente por exemplo, a fabricação do ferro, na sua devida extensão, em Guiraçoiaba, e muitos outros lugares de S, Paulo, e das Minas-Geraes, e das os córtes de madeiras, que sendo feitos com a devida economia unicamente na Ribeira do Iguape, e margens dos rios que n'ella confluem e são navegaveis por muitas leguas deveriam produzir para sempre dois milhões em cada um anno pelo menos ; mas quando esses meios não preenchessem logo o fim proposto, sobejam proporções para V. A R. obter o emprestimo de um milhão e meio esterl. do governo britanico, o qual, se por uma parte onerava o erario com o pagamento dos interesses regulares, por outra nos segurava muito maiores conveniencias, e todos os bens que ficam ponderados ; contrahir dividas com a certeza do lucro, será sempre venturoso, e quem o faz habilita-se para ser credor. Não seria porém necessario receber-se uma somma tão importante logo, ou por uma só vez, senão annualmente, e a proporção das despezas, nem mais tornar-se como perda consideravel a falta de cobrança dos devedores particulares, ou colonos respectivamente ao terço, e ainda a metade das sommas por elles recebidas, porque os pagamentos indirectos hão de compensar tudo, e substituir de uma maneira vantajosa a cobrança integral.

Esta materia de povoação é de tanto pezo, e tão inte-

ressante, que eu não devo dar por acabada sem que tenha representado V. A. R. primeiramente a necessidade em que se acha o Estado de promover os casamentos n'este paiz, onde me parece que o celibato deveria ser olhado como um delicto.

Em menos apertadas circumstancias se promulgou em Portugal, ou antes em toda a vasta extensão da monarchia portugueza a providentissima, e muito sabia ord, do Livr. 1° § 94, em cujo paragrapho primeiro se estabeleceu, que qualquer pessôa, á que fôr dado o officio de julgar, ou escrever não sendo casado, será obrigado a casar-se dentro de um anno do dia que lhe fôr dado sob pena de perder o dito officio. Esta lei é comprehensiva de todos os julgadores e empregados nas differentes repartições, em que se escreve. A sua utilidade é bem palpavel, mas infelizmente cahiu em desuso. E' preciso que se renove, trocado o prazo de um anno pelo outro de trez, para que os casamentos se façam com a devida reflexão.

Devo ponderar em segundo lugar, que o celibato militar é pela sua grande extensão o mais prejudicial de todos.

Além dos filhos, que deveriam nascer dos soldados, se fossem casados, e que o Estado não adquire, os soldados solteiros são mais faceis de desertar ; corrompem-se de ordinario com males venerios, e causam aos lugares de sua habitação enfermidades de terriveis consequencias, e as mais oppostas á saude publica, e a povoação vigorosa. Por estes principios sempre me agradou a opinião do grande marquez de Saxa, pretendendo, que os soldados fossem todos casados. Este projecto seria muito bom, se ao mesmo tempo se achasse auxiliado com duas providencias. A primeira procederia de um hospital, ou casa de educação onde se criassem os filhos dos soldados

que este soccorro pedissem. A segunda derivaria do officio de lavrador, que todos os soldados deveriam exercitar por termos successivos, e bem ordenados.

Adjudicando-se pois a cada regimento de tropa de linha um terreno conveniente, v. g. da extensão de uma legua quadrada, sempre uma companhia que se renovaria todos os mezes por outra, e pelas mais successivamente, existiria cultivando o dito terreno debaixo de uma administracão fixa, e permanente (no tempo das colheitas podia-se accrescentar o numero dos operarios) os frutos d'esta fazenda, ou antes o proveito d'elles se repartiria igualmente por todos os soldados, incluidos os cabos, anspeçadas, e mais officiaes inferiores, aos quaes o beneficio de 40$ ou 50$ rs. faria o maior proveito sem perda do serviço publico: Com estas condições eu adoptaria o plano do marquez de Saxa, não obrigando aos soldados a um casamento forçado, mas facultando-lhes inteira liberdade para se casarem á seu arbitrio.

Devo ainda reflectir, em terceiro e ultimo lugar, que no Brasil ha mancebias escandalosas, e perpetuas entre pessoas pobres, que não casam, nem deixam occasião de peccado e libertinagem, porque não têm dinheiro para pagarem os gastos de casamento; vivem atropellados debaixo das condemnações dos juizes ecclesiasticos; e se são parentes, ou têm outro qualquer impedimento, tanto peior, mas a pena os não contêm, e d'este systema não procede remedio proprio para curar o mal.

Desappareciria este, servindo-se V. A. R. de mandar que as despezas matrimoniaes em todos os casos, que se facultam, sejam feitas gratuitamente por despachos dos bispos, e seus parochos, e sem que se espeçam por provisões como até agora se costuma fazer.

Além das providencias, que ficam apontadas, muitas

outras são necessarias para se estabelecer entre nós a industria agraria; umas tendem a remover embaraços e outras a instrucção dos lavradores: entre as primeiras são mais principaes, as quatro seguintes; 1ª a igualdade de pagamento dos direitos por entrada. Não basta, que o lavrador das Minas Geraes, de Goyaz, e outras partes mais remotas ainda compre o panno, por exemplo, de que ha de fazer seu vestido por muito maior preço, do que se vende aqui no Rio de Janeiro, porque a tanto obriga a distancia em que vive?

E' preciso de mais, que essa maior carestia se augmente com o pagamento de novas imposições, sobre os quaes calcula o mercador, os interesses da importancia dos mesmos direitos, pois que realmente os desembolsa. Não desapparece n'este caso a igualdade, que a lei quer manter entre os individuos da mesma familia.

O mesmo se póde dizer das mercadorias, e frutos agrarios, que de paizes tão remotos se conduzem aos portos de mar.

Deveriam ser mais favorecidos para entrarem na devida concurrencia com os produzidos d'onde a exportação se faz ou sem despeza, ou com bem pouca.

Frutos que não podem entrar em concurrencia com outros, ou não se cultivam, ou perdem o lavrador, e não aproveitam o Estado. E' pois necessario, que as mercadorias, que sobem dos portos de mar para o interior, e os frutos que descem, não paguem cousa alguma, nem sejam onerados com a mais leve imposição; de outra forma a agricultura do interior achará sempre duras opposições e embaraços invenciveis. Pereçam para sempre estes inimigos da felicidade publica, e com elles as extorsões, e violencias, que os exactores das rendas publicas praticam nos registros e passagens dos rios do interior contra povos

humildes, e pereçam igualmente as outras imposições violentas, e illegaes com que muitos governadores tem arbitrariamente maltratado os povos das differentes capitanias, escutando unicamente os seus caprichos, e não querendo jamais imitar o exemplo, que outros muito serios e reflectidos lhes deixaram, e deveriam religiosamente observar, e seguir, para se não entorpecer o lavrador, e industria particular.

A segunda providencia consiste em facilitar aos povos o uso do sal, pelo preço o mais commodo que fôr possivel. Este primeiro e o mais poderoso agente da natureza não quer ser onerado com imposições, ainda que mui leves, principalmente em um paiz, cuja mais numerosa povoação consiste em negros, que, acostumados nos climas ardentes da Africa ao livre uso, ou, para melhor dizer, ao abuso do sal, perdem a saude no interior do Brasil, porque, ou comem muito pouco, ou nenhum; não podem por isso resistir aos frios e humidades d'estes climas, e não falta quem com excellentes razões affirme, que a falta de sal nas terras centraes d'este paiz é a causa mais funesta e mais prolifica da morte dos escravos.

Accresce que os gados de todas as especies, e ainda mesmo as aves, não podem viver bem, não podem multiplicar, crescer e engordar, não comendo sal; emfim, a falta de sal ou o preço excessivo, mediante o qual o adquirem os lavradores, faz que se perca quasi integralmente o commercio o mais extenso que nos offerece liberalmente o reino animal: é, portanto, da maior importancia, accrescento ainda, de absoluta necessidade que por todas as costas de mar, aonde se divisarem terrenos firmes de barro e maçapês se formem salinas, assim como por todo o interior d'este vasto paiz, aproveitando-se as muitas fontes salgadas que n'elle existem, offertando grandes, mas desprezadas riquezas. Quando no

Brasil o preço de um alqueire de sal não exceder de um tostão o commercio das carnes dos couros, dos sebos, das lãs, das manteigas e dos queijos, ha de necessariamente enriquecer os seus habitantes, e dar-lhes no meio da abundancia novos mananciaes da mais perenne e constante prosperidade.

A terceira providencia, que poucos conhecem, e é de grandissima importancia, deve resultar da criação dos camellos em todas as capitanias ou provincias do Brasil.

Estes animaes, doceis, sobrios e forçosos, chamados vulgarmente—os navios do deserto—são mui proprios para supprir a falta de canaes de que o commercio necessita para facilitar as suas operações, e servem por isso mesmo de poderoso auxilio á industria agraria.

De quanta utilidade não seriam elles por toda a extensão dos sertões de Pernambuco, da Bahia, do Ceará e Goyaz?

Notou muito bem Buffon, e agora todos sabem, que um camello carrega trinta arrobas, anda trinta leguas por dia e se contenta com menos alimento, e este mais grosseiro, do que é necessario a uma besta muar.

Não seria, pois, a criação dos camellos um meio bem apropriado para entrarem no commercio de exportação frutos naturaes e produzidos pela industria, que se perdem no interior do Brasil e que deveriam produzir avultadas riquezas?

Do Senegal e do Gabam, com bem pouca despeza, podiamos adquerir os individuos necessarios para a primeira criação.

A quarta e ultima providencia diz respeito á fórma e methodo da cobrança dos dizimos. Dividem-se estes em duas partes, a saber: em dizimos grossos e miunças. Estas cobram-se em todas as provincias d'este Estado por uma capi-

tação convencionada entre os lavradores e rendeiros, e é a mesma capitação tão varia, como tão diversas as ditas provincias: é preciso fixar esta imposição para acautelar a ruina dos lavradores e pôr um certo freio á cobiça dos rendeiros.

Parecia-me que a quantia de 100 rs. nas terras de beira-mar, da serra para baixo, e nas quaes por costume, bem ou mal introduzido, se paga mais, seria bastante; e que nas centraes, e igualmente nas outras em que os povos pagam menos, a imposição não excedesse jámais a quatro vintens. Na cobrança dos dizimos que respeitam aos frutos grossos preciso é tirar-se aos rendeiros o arbitrio que se arrogam para exigirem dos lavradores avenças sempre a si, e por isso mesmo lesivas. Este terrivel açoute da industria agraria póde remediar-se, uma vez que os rendeiros sejam obrigados a receberem os dizimos em especie, e quando os lavradores queiram voluntariamente entrar em convenção a este respeito; este negocio deve regular-se por arbitros eleitos pelas respectivas camaras todos os annos para o fim proposto. E' facil conceber quanta utilidade e paz resultaria a favor dos lavradores d'esta feliz alteração, e tanto mais justa, quanto é certo que ella tem o seu fundamento nas leis do reino.

As outras providencias que dizem respeito á instrucção e direcção dos lavradores contêm por sua natureza e grande utilidade materia muito vasta para largo discurso; eu, porém, a reduzirei a tres artigos capitaes e de bem facil execução na pratica: escolha, governo, premio.

De que serviria em qualquer paiz do mundo uma grande povoação se ella fosse mal educada, immoral, destituida dos principios de religião, e quizesse gozar a todo o custo d'aquella liberdade illimitada e sem freio, que conduz sempre o homem ao precipicio? Esta povoação não tenderia já-

mais a outro fim, que não fosse aquelle de destruição de seus proprios individuos e da total perda do Estado.

D'estes principios, que não admittem contestação, nascem os officios do soberano para a criação dos mestres e das escolas publicas, e nasce igualmente a particular obrigação com que se acham ligados os juizes e mais pessoas encarregadas do governo dos povos, de se instruirem cabalmente nos seus deveres, para que, satisfazendo os preceitos divinos, assim como os da lei e do soberano, possam formar o grande edificio da fortuna publica e individual. *Erudimini qui judicatis terram*, diz o santo propheta rei.

Na verdade, que, havendo bons mestres, não é difficultoso educar os povos.

Uma, porém, das grandes vantagens que os sabios imparciaes reconhecem como inseparaveis da religião que felizmente professamos, consiste no auxilio que ella presta aos differentes Estados para a instrucção dos povos, e para os conduzir muito direitamente aos fins importantissimos da sociedade temporal e eterna. Com effeito um christão é o verdadeiro servo do Senhor, o fiel vassallo do soberano e o irmão sincero do seu concidadão. Não seria, pois justo que os proprios parochos dos campos fossem juntamente da educação civil, como encarregados da educação christã da mocidade? E se elles se dedicassem ao estudo da agricultura, segundo os bons principios da physica, quantos bens fariam á sua patria?

Não se persuada alguem que esta instrucção seria estranha do seu ministerio. E' capital n'esta materia, e muito digno de lêr-se com a maior reflexão, o discurso do sabio Francisco Gresilini. N'elle se verá o grande numero de sacerdotes que têm escripto obras interessantes sobre a utilissima, ou antes necessaria arte da agricultura, e encontrar-se-hão juntamente as differentes ordens que ha em muitos

governos para que os parochos e curas das aldêas dêm tão util instrucção aos povos dos campos. Seria para desejar, accrescenta ainda Mr. Collorido, arcebispo e principe de Salsbourg, na sua instrucção pastoral de 29 de Junho de 1782.

Que o pastor para poder contribuir pela sua parte á instrucção geral do seu rebanho, além dos conhecimentos relativos ao seu estado, tivesse noções bastante claras da psychologia (sciencia da alma), do direito natural,da philosophia moral, da historia, das bellas-artes, da economia rural, da medicina, e particularmente da dieta, das leis e costumes do paiz, da physica, especialmente em um paiz tão rico de producções da natureza, todavia pouco conhecidas e menos aproveitadas, da historia natural, etc. Se o prelado escrevêra n'este paiz ou em beneficio d'elle, as suas expressões não poderiam ser mais accommodadas ás circumstancias do Brasil.

O sabio Burgoa no seu *Lavrador Vascongado* apoia os santos desejos de monsenhor Colloredo com as razões seguintes: Porque, se exprime elle, na verdade, se um parocho quizer tirar frutos do seu ministerio, deve empregar todos os meios possiveis para tornar felizes as pessoas que lhe são confiadas, pois é olhado com razão como o oraculo de todo o seu povo, a luz d'aquelle que se separa do verdadeiro caminho, o admoestador de quem commette faltas, o consolador dos desgraçados, o amigo, o mestre, o conselheiro e o pai de todos, e será respeitado dos seus freguezes, porque sabem que lhes fôra enviado para occupar-se continuamente do seu bem espiritual e temporal.

Uma lei, que determine aos parochos das aldêas a instrucção dos lavradores na agricultura, é como o citado Gresilini conclue o seu discurso depois de ensinar-lhes as verdades da religião, e a respeitosa veneração e obediencia que

se deve ás potestades soberanas da terra, servirá de consolação e allivio, animará o zelo d'aquelles que se distinguem no desempenho do seu officio, e ensinará a todos respeitosamente ao que estão obrigados como ministros do Altissimo, como concidadãos e como vassallos.

Oh! lei providente, exclama ainda o sabio Greselini, oh! lei necessaria sobre todas para dilatar o manancial da prosperidade civil d'aquelles povos, entre os quaes fôr instituida, apenas se promulgaria quando os parochos fariam as primeiras diligencias para pôl-a em execução; a natureza despertaria como de um profundo somno; os campos se povoariam de habitadores, as artes e os officios iriam adquirindo perfeição e augmento, tudo se renovaria e tomaria novo aspecto. A alegria e o reconhecimento succederiam á tristeza e o abatimento em que a ignorancia e as preoccupações faziam passar seus dias aos miseraveis aldeões, offerecendo-lhes outro tempo mais afortunado.

Se a lavoura das terras é o barometro que marca medida e a quantidade das riquezas do Estado, como se veriam ir subindo por degráos estas riquezas, não haveria individuo algum do corpo politico que não fizesse resoar o ar com o som das suas supplicas, e que não implorasse as benção do céo sobre o soberano benefico e sobre o paiz amoroso.

Os mesmos parochos se alegrariam mais que todos, vendo os venturosos effeitos de sua caridade insigne e o feliz termo das suas preciosas fadigas.

A sobredita e desejada lei seria perfeita, conforme ao meu entender, fazendo-se a divisão das freguezias dos campos n'este paiz, não pela extensão do terreno, mas pelo numero dos habitantes, de sorte que nenhuma freguezia rural poderia conter mais de quatro mil freguezes, porque o pastor não póde tratar devidamente de um rebanho que elle não conhece e nem póde conhecer bem por causa do excessivo numero das

suas ovelhas: esta proposição contém uma das verdades evangelicas mais palpaveis e que todos conhecem; em cada uma das ditas freguezias haveria um parocho principal e um cura, e este encarregado de ensinar aos meninos da parochia o cathecismo da religião, a arte de lêr, escrever e contar, e ao mesmo tempo uma cartilha clara de agricultura em fórma de dialogo.

Assim as escolas das primeiras letras se proporcionariam ás necessidades dos povos, e seriam confiadas ás pessoas mais dignas, e os meninos aprenderiam desde a sua primeira idade os principaes fundamentos de uma sciencia que devem praticar toda a sua vida, e os primeiros rudimentos da economia rural, de que deveriam tirar avantajadas conveniencias.

Emfim, se um e outro parocho formassem uma pequena academia de agricultura, com os principaes lavradores da freguezia, tudo iria bem, e em pouco tempo seria tal o augmento de frutos, producções e novas descobertas, de que o Estado teria muito de que viver contente.

O systema que tenho proposto exige por sua natureza os cuidados e a industria de sabios executores. Na Grecia os areopagitas superintendiam pessoalmente nos negocios da agricultura e dirigiam as suas differentes operações. E em Roma haviam censores agrarios, encarregados de toda a economia rural.

A estas sabias e necessarias providencias deveu uma e outra republica o estado florescente e venturoso a que as conduzia a primeira das artes, e sem a qual seriam instaveis a gloria e a fortuna das nações.

Qual seria, pois, a felicidade do Brasil se na capital de cada provincia ou capitania houvesse um magistrado bem instruido na economia rural, que vigiasse sobre todos os ramos da lavoura, presidindo ás sociedades economicas que

se deveriam formar nas ditas provincias, e ajuntar todos os mezes, uma vez ao menos, nas casas da camara principal! Objectos relativos aos campos unicamente deveriam ser os da sua commissão, e sobre elles daria as necessarias providencias, ouvindo primeiramente e consultando as ditas sociedades, nas quaes todas as pessoas instruidas da provincia poderiam entrar como socios ordinarios ou extraordinarios, sendo a sua divisa e pagamento o merecimento litterario e o desejo de felicitar a patria.

A Inglaterra, emfim, que tem sido a fiel imitadora das acções gigantescas e immortaes dos gregos e dos romanos, tem formado innumeraveis associações e os mais bellos estabelecimentos em beneficio de cada um dos ramos da agricultura não se esquecendo de estabelecer ultimamente, e de estender pelos campos, cadeiras de chimica para que os lavradores possam aperfeiçoar as suas operações agrarias e tirar d'ellas o maior proveito.

Não é d'esta maneira que se deveriam regular as especies de grãos, pastos e arvores, que poderiam prosperar mais nos differentes lugares das ditas provincias? Não é d'esta maneira ainda que se poderiam multiplicar os gados de todas as especies, e melhorar successivamente as raças particulares pela renovação dos pais bem proporcionados ao intento? Não é d'esta maneira, emfim, que se podia promover mais facilmente a povoação nos lugares convenientes e nos quaes ella podesse melhor prosperar?

E para não faltar cousa alguma em materia de tanta impormica e historia natural, sendo lei irrevogavel que nenhum ecclesiastico fosse admittido ao officio parochial, ou a qualquer outro beneficio, sem frequentar por um anno a dita escola.

Da mesma fórma se deveria estabelecer nas referidas capitaes outra escola e officina de machinas, instrumentoos e

moinhos respectivos á agricultura, a qual como não é licito ignorar, precisa d'estes auxilios para a sua grandeza e perfeição, não sendo jámais sufficientes para uma e outra cousa as limitadas forças do braço humano, auxiliado apenas pela enxada, machado e fouce.

Seria, emfim, necessario que na proximidade das sobreditas capitaes se escolhesse um terreno capaz, no qual se fizessem as experiencias com casa sufficiente para um lavrador pratico, proporcionando-lhe o gado preciso para a lavoura e uso dos instrumentos aratorios, afim de que o mestre da agricultura podesse confirmar as suas lições com a boa pratica, e servir a dita fazenda de regra e modelo aos lavradores em geral, com o desejado proveito d'elles mesmos e progressivo augmento da riqueza nacional.— O conselheiro *Antonio Rodrigues Velloso de Oliveira.*

VICE-REINADO DE LUIZ DE VASCONCELLOS

CORRESPONDENCIA COM A CÔRTE

ANNO DE 1788

(Documentos copiados do Archivo Publico)

Officio dando conta dos ultimos trabalhos da demarcação até se concluir a que pertence á primeira subdivisão, e dos em que devem continuar a empregar-se as partidas da mesma primeira subdivisão, na fórma por que o determinára ao nosso 1° commissario para ajudarem as da segunda subdivisão, apezar da intempestiva repugnancia que este mostrou á proposta, que para isso lhe fez o 1° commissario hespanhol D. José Varella, etc., etc.

N. 25. Illm. eExm. Sr. — Tendo participado a V. Ex. na minha carta, com data de 18 de Agosto proximo precedente, todas as noticias relativas á demarcação de que se acha encarregado o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara até ao estado de se collocarem os marcos nos sitios que ficam servindo de raia entre os limites de ambas as nações, me parece conveniente continuar a dar a V. Ex. uma breve noção dos trabalhos em que successivamente se têm empregado as partidas da primeira subdivisão pelas circumstancias que occorreram e me obrigaram a adiantar algumas providencias, que, além de facilitarem o progresso da mesma demarcação, vêm a remover as muitas e repetidas

objecções que os hespanhoes pretendem imputar á partida portugueza, logo que se offerece qualquer pretexto que póde animar as suas invectivas e os perniciosos fins a que se tem proposto na continuação d'aquella diligencia, reservando dirigir a V. Ex. em outra occasião os planos e diarios que lhes correspondem, e me deve remetter o 1° commissario depois de se concluirem os ultimos exames e observações do indispensavel reconhecimento do rio Pepiri-guassú no Uruguay.

Sendo o rio Jacuy umas das balizas mais assignaladas das possessões portuguezas, como estabelece o art. 4° do tratado que manda *continuar o dominio de Portugal pelas cabeceiras dos rios que correm até o Rio-Grande e o Jacuy*, pareceu aos commissarios principaes que se deviam indagar e reconhecer com a mais escrupulosa diligencia este rio e as suas consideraveis extensões, afim de se poder vir no conhecimento de outros muitos rios e arroios de que havia alguma tradição ou noticia, mas que se não distinguia, nem se dava por certo o lugar da sua existencia n'aquellas vastas campanhas. D'este exame se encarregaram os facultativos das duas partidas, que, entrando pelo Jacuy aguas acima desde o passo da Guarda até a serra do Monte-Grande ou Geral, d'onde este rio se despenha, conseguiram deixar marcada aquella parte do mesmo rio com todas as suas grandes voltas até a sahida da referida serra, e atravessando os terrenos que lhe ficam ao norte reconheceram tambem não só os arroios ou galhos occidentaes do proprio Jacuy, mas ainda as distancias que seguem pela estrada geral dos povos de Missões, entre os arroios Piratini e Iguymiri.

Como, porém, pelo lado oriental do mesmo rio Jacuy não deixavam de haver outros muitos rios e arroios, e consequentemente muitas extensões de terrenos que se deviam demarcar e reconhecer, continuaram os mesmos facultativos

as suas indagações entre a serra dos Hervaes dos povos de S. Miguel, S. João, S. Nicoláo e S. Thomé, aonde aquelles mesmos povos costumam mandar colhêr e beneficiar a herva *matte*, de que tiram grandes interesses, ficando toda aquella distancia de onze até doze leguas cercada e defendida da parte de oeste pelos impenetraveis bosques do Jacuy, e da de léste pelos de Cahy. D'esta referida estrada dos Hervaes se proseguiram os reconhecimentos dos outros galhos orientaes do Jacuy-guassú, particularmente apontados na memoria que me dirigiu o nosso 1° commissario, e vai por copia debaixo do n. 1, mostrando-se á vista d'ella a derrota que seguiram os ditos facultativos até atravessarem os campos da Vaccaria nos dominios de Portugal, entre os rios das Pelotas e das Antas, d'onde foi necessario que retrocedessem pelas cabeceiras do dito Jacuy-Guassú para a povoação de S. João Baptista, d'onde se devia dispôr e dirigir a ultima diligencia que restava do exame, e reconhecimento da barra do Pepiri-guassú.

Para se effectuarem os reconhecimentos e configurações d'estes terrenos se empenharam as duas partidas com o mais incansavel trabalho que se póde imaginar, desde 15 de Março até 9 de Maio proximo precedente, em que entraram e descobriram a bárra do sobredito rio Pepiri-guassú, como mostra a derrota que vai notada na copia da memoria debaixo do n. 2. Deixo de referir as diversas direcções que foi necessario seguir-se desde a povoação de Santo Angelo até se encontrarem os grandes serros e impenetraveis matos do Uruguay, como tambem a custosa e impertinente picada que pareceu indispensavel abrir-se, e por onde se internaram até chegarem á margem oriental do Uruguay-Puitá, que póde servir de ponto fixo para se procurar o rio Pepiri-guassú, por se acharem todas estas noticias e particularidades expressamente apontadas na referida derrota. E' certo,

porém, que por uma casualidade não esperada se descubriu e reconheceu a barra do Uruguay, pelo qual se navegou aguas abaixo com grandes trabalhos e riscos, occasionados das cachoeiras e saltos, que embaraçam a facil e seguida passagem d'aquelle rio, avistando-se depois de se navegar duas leguas ao rumo de noroeste, pelo lado direito da margem septentrional, a decantada barra do dito rio Pepiriguassú, que desconheceram os proprios facultativos,por não vêrem nem a ponta de léste na entrada d'este rio, aonde presentemente existe um serro, nem apparencias do roçado que consta haver-se feito n'aquelle lugar pelas partidas da demarcação passada, nem, finalmente, a ilha que devia reconhecer-se na barra ; além de não concordar a latitude que se observou com a que se examinou pelos demarcadores d'aquelle tempo. Por isso, sem maior indagação, continuando a navegação aguas abaixo do rio, encontraram pelo lado opposto, na margem meridional do Uruguay, a barra de outro rio, que pareceu a verdadeira que se procurava, persuadindo-se por uma estimativa, ainda pouco segura, de que mais abaixo se poderia reconhecer o sobredito rio Pepiri-guassú.

Não lhes foi necessario muito tempo para se desenganarem da errada direcção que seguiam, por haverem navegado treze leguas pelo Uruguay sem encontrarem os vestigios que procuravam, e deviam demonstrativamente servir de governo para a sua derrota ; e, assentando ambos os facultativos em voltar para cima, deixaram levantado em um roçado, que se fez na ponta de léste, junto ao rio que desagua no Uruguay pela parte do norte, um páo lavrado, de altura de quatorze palmos e meio, com esta inscripção gravada na face do sul : « A 3 de Maio de 1788 chegaram aqui os reconhecimentos da primeira partida da demarcação da America Meridional, » afim de que a todo o tempo se podesse conhe-

cer o sitio a que haviam chegado, e que tambem podia servir de signal para a melhor intelligencia das suas observações, no caso de se não verificarem os mais reconhecimentos a que novamente se destinavam.

N'esta intelligencia, retrocedendo outra vez para o rio acima, conseguiram com o maior esforço e diligencia possivel descobir em breves dias uma ilha, que está defronte da barra do Pepiri-guassú, por onde entraram no dia 9 de Maio, e, á força das mais miudas averiguações, reconheceram na falda do serro, aonde se julgava axistir a ponta de léste, dois troncos velhos ou restos de arvores cortadas ha bastantes annos, que indicavam algum desmonte que em outro tempo se tivesse feito n'aquelle lugar, ficando certos de que a total falta da dita ponta de léste que procuravam procedia, como era verosimil, das crescentes do Uruguay e da confluencia das aguas d'este rio e do Pepiri-guassú, que precisamente o deviam desvanecer dentro de tão largo tempo, maiormente por existir uma restinga de baixio, que sahe do dito serro e prosegue até ao meio do Uruguay, aonde se divisam varias pequenas ilhas, algumas das quaes em tal caso não deixaria de ficar, por algum d'aquelles acontecimentos, na propria barra do Pepiri-guassú.

A' vista, pois, d'estes indicios e de outros, que precisamente hão de constar dos planos e diarios d'esta demarcação, convieram os ditos facultativos, como lhes foi determinado, em levantar um padrão que servisse de memoria e baliza das possessões portuguezas e hespanholas, que se achavam demarcadas n'aquelles sitios, gravando em um grosso páo, de comprimento de doze palmos e meio, que ficou patente o astronomo José de Saldanha pelo lado da face que olha para a banda do nascente esta inscripção: *R. F. Post facta ressurgens Pepiri-guassú. Maio*, 9, 1788; e do mesmo modo pela parte da face que olha para o lado

occidental o astronomo hespanhol D. Joaquim Gundim: *R. C.* 1788. Não posso comtudo formar ainda conceito das circumstancias mais individuaes d'esta demarcação, por haver só recebido as noticias que deixo referidas, sem aquella precisão e clareza que espero conseguir, á vista dos planos e diarios que me deve remetter o nosso primeiro commissario, e que só podem mostrar as vantagens que d'ella resultam aos dominios de Portugal, posto que me persuado, que não deixarão de haver algumas desigualdades ou talvez mais indiscretas contestações nos terrenos do Jacuy, e nas grandes extensões dos campos que se acham occupados pelos hespanhoes, e d'onde elles tiram as utilidades dos seus hervaes, por ser um dos artigos de que já se lembrou o commissario hespanhol, e sobre ter pretendido negociar com Sebastião Xavier quando se tratou d'esta demarcação particularmente.

N'este estado se achava todo este negocio, que, segundo o projecto do nosso 1° commissario devia pôr a ultima conclusão dos trabalhos propriamente incumbidos ás partidas da primeira subdivisão, quando o commissario hespanhol D. José Varella e Ulloa o convidou pela carta, que remetto por copia debaixo do n. 3, para se encarregar de reconhecer, e demarcar o rio Pepiri-guassú e as suas immediações, mostrando a necessidade de se deverem occupar n'este serviço as partidas do seu commando, pelos embaraços e difficuldades que precisamente haviam de encontrar as da segunda subdivisão, logo que se empenhassem em atravessar a aspera cordilheira de Santo Antonio para seguirem e procurarem as cabeceiras do dito Pepiri-guassú. Não pareceram, porém, a Sebastião Xavier muito conformes com os seus sentimentos os motivos da instancia do seu concorrente; e, valendo-se das clausulas que lhe foram prescriptas a respeito da demarcação da sua particular inspecção, sem

entrar no espirito e objecto principal das reaes ordens que lhe foram dirigidas, regeitou inteiramente a proposição que se lhe fez pela carta, que remetto por copia debaixo do nº 4, na qual, depois de pretender persuadir que todo aquelle trabalho competia tão sómente ás segundas subdivisões, sem outra razão ou fundamento mais do que a intelligencia da ordem por que se regularam e discerniram as operações das partidas correspondentes, teve o pouco accordo de recorrer aos incommodos e obstaculos que as da primeira subdivisão experimentaram na penosa derrota do Uruguay; como se estes mesmos incommodos e obstaculos não tivessem tambem experimentado os hespanhoes, que se mostravam dispostos a tolerar outros de novo nas longas distancias do Pepiri-guassú.

Resultou d'esta repulsa e total opposição de Sebastião Xavier o communicar-lhe D. José Varella a resolução em que se achava de retirar-se com a partida hespanhola para Montevidéo ou Buenos-Ayres, como havia representado ao marquez de Loreto logo que se finalisassem os ultimos trabalhos do plano geral e diarios que lhe competiam, e de se determinarem as mais diligencias que de commum accordo se deviam effectuar para melhor intelligencia e clazeza da sobredita demarcação, devendo esperar que a partida portugueza seguiria este mesmo arbitrio, por vir a ser inteiramente inutil e prejudicial a sua demora n'aquelle destino. Não pôde deixar de me causar bastante novidade esta noticia, logo que me foi communicada pela carta, que remetto por copia debaixo do n. 5, attribuindo este incidente mais á repugnancia que Sebastião Xavier mostrou de se encarregar do trabalho e reconhecimento do Pepiri-guassú, do que a pretextada demora que o commissario hespanhol acha escusada e inutil n'aquelle serviço, que está ainda dependente das ultimas decisões das duas côrtes, principalmente pelo que res-

peita aos terrenos duvidosos que se devem apropriar e unir aos dominios portuguezes, afim de se não reduzirem á ultima estreiteza e oppressão que os hespanhoes têm pretendido nas largas distancias das margens da lagoa de Mirim.

Para prevenir comtudo, estas consequencias e ainda outras, que se deviam receiar da intempestiva resolução de D. José Varella, me pareceu conveniente capacitar a Sebastião Xavier da indispensavel obrigação de demarcar o sobredito rio Pepiri-guassú n'aquella parte a que havia toda a probabilidade de não poder chegar a partida da segunda subdivisão, pelos obstaculos que offerecia a extensa cordilheira de Santo Antonio, mostrando-lhe na carta, que remetto por copia debaixo no n. 6, a verdadeira intelligencia do tratado e das reaes ordens, que regularam o modo e a fórma da sua execução, e determinando-lhe positivamente que, visto se achar concluido o reconhecimento dos terrenos que comprehende a dita demarcação devia incumbir-se da que respeita ao sobredito reconhecimento do Pepiri-guassú, não só por ser uma obra que interessa á propria honra da partida portugueza, mas ainda por se conformar esta diligencia com as reaes ordens de Sua Magestade, que mandam tratar esta dependencia de commum accordo com os hespanhoes, que n'este caso desprezam as fadigas e se ostentam mais constantes e desembaraçados para vencerem os novos trabalhos do dito reconhecimento. Não deixei tambem de insinuar-lhe o meio que devia seguir para tornar a conciliar a devida correspondencia com o seu concorrente sobre a referida pretenção, pois tomando por pretexto a deliberação em que se achava de retirar-se para Montevidéo ou Buenos-Ayres, com muita facilidade podia aproveitar a occasião de mostrar a sua condescendencia, e o partido que tomava de proseguir na referida demarcação pelo commum interesse que resultava

a ambas as nações da brevidade e diligencia com que se devia concluir este importantissimo negocio.

Como depois de se assentar no modo mais facil e menos incommodo de se vencerem os novos trabalhos que se tem proposto, se deviam antecipar os precisos avisos ao coronel Francisco João Roscio para se saber dirigir na demarcação do art. 8°, e poder evitar as contestações que se têm agitado entre o seu concorrente D. Diogo de Albear a respeito do sobredito reconhecimento do Pepiri-guassú; não deixei de precaver tambem algumas consequencias que se podem e devem esperar do comportamento, que tem mostrado o dito coronel Roscio n'esta diligencia. Já então havia recebido a participação do embarque e sahida das segundas subdivisões da povoação da Candelaria no dia 26 de Abril proximo precedente, em que se deu principio á sobredita demarcação, e não obstante os grandes retardos e demoras que se não podiam imputar ao dito coronel totalmente pela dependencia em que se achava do referido D. Diogo de Albear, que lhe devia suffragar os meios mais aptos e mais promptos que lhe foram requeridos, me pareceu conveniente acautelar todos os acontecimentos que podessem sobrevír, recommendando a Sebastião Xavier que, em qualquer occasião em que se possa receiar algum prejuizo ou consequencia aos reaes interesses de Sua Magestade, tanto por culpa, como por falta de intelligencia do 2° commissario, haja de passar immediatamente ao sitio da referida demarcação, levando comsigo algum dos officiaes da sua partida, que lhe parecer mais habil e desembaraçado, afim de ficar substituindo ao dito coronel Roscio no caso de parecer necessaria a sua assistencia na primeira subdivisão, pois sendo então escusada, ou ainda não sendo muito indispensavel, devia encarregar-se d'aquelle serviço e adiantar todos os passos que d'elle dependessem, para se não interromper o seu pro-

gresso, na fórma das ordens de Sua Magestade, que V. Ex. me tem participado a este respeito.

Devo, porém, expôr a V. Ex. que, havendo de attender á prompta execução de qualquer providencia ao tempo e ás circumstancias que se offerecerem, por ser o unico remedio que resta para se não reduzir este negocio ao ultimo desamparo, como V. Ex. adverte na sua carta de 9 de Fevereiro proximo precedente, todo e qualquer expediente que tomasse com prevenção Sebastião Xavier no tempo da molestia, e das contestações do dito coronel Roscio com D. Diogo de Albear, viria a ser inutil, e ainda muito suspeitoso e prejudicial ao progresso da referida demarcação, tanto pelo que respeita á da primeira subdivisão, que se achava bastantemente adiantada, como á da segunda, que estava ainda no principio, e apenas com algumas disposições mal concertadas para se tentar a navegação do Paraná; principalmente havendo uma consideravel distancia do Monte-Grande, aonde se achava o 1º commissario, á povoação da Candelaria, que faria muito arriscado e suspeitoso aquelle mesmo expediente. Muito pelo contrario era bem de receiar que esta resolução abalasse o animo simulado de D. José Varella, que, vendo o seu concorrente retirar-se para lugares tão remotos, não deixaria de praticar alguns desconcertos, ou ainda de inventar algum artificio para levar adiante os seus projectos na demarcação do Monte Grande, em que então se occupavam as partidas da primeira subdivisão, como já aconteceu quando se dirigiu á linha divisoria pelas immediações de Tahim e da lagoa de Mirim, muito proximas ao Rio-Grande, pois sendo a assistencia do nosso 1º commissario da primeira necessidade n'aquelles sitios, bastou a ausencia que elle fez, para dispôr algumas materias concernentes ao governo d'aquelle continente, para D. José Varella formar contra elle as suas recriminações, ao mesmo tempo

que a diligencia nem ficava suspensa, nem a distancia era tão grande que não podesse em brevissimo tempo apresentar-se no seu acampamento no caso de maior precisão, como tive occasião de manifestar a V. Ex. quando tratei da sobredita demarcação.

Deus guarde a V. Ex. Rio, 7 de Novembro de 1788.—*Luiz de Vasconcellos e Sousa.*—Sr. Martinho de Mello e Castro.

Alvará, pelo qual Sua Magestade manda extinguir as fabricas e teares de galões, tecidos, ou bordados de ouro e prata.

Eu a Rainha faço saber aos que este alvará virem que, sendo-me presente o grande numero de fabricas e manufacturas que de alguns annos a esta parte se tem diffundido em differentes capitanias do Brasil, com grave prejuizo da cultura e de lavoura, e da exploração das terras mineraes d'aquelle vasto continente, que quanto mais se multiplicar o numero dos fabricantes, mais se diminuirá o dos cultivadores, e menos braços haverá que se possam empregar no descobrimento e rompimento de uma grande parte d'aquelles extensos dominios que ainda se acha inculta e desconhecida. Nem as sesmarias, que formam outra consideravel parte dos mesmos dominios, poderão prosperar, nem florescer por falta do beneficio da cultura, não obstante ser esta a essencialissima condição com que foram dadas aos proprietarios d'ellas. E até nas mesmas terras mineraes ficará cessando de todo, como já consideravelmente tem diminuido a extracção de ouro e diamantes, tudo procedido da falta de braços, que, devendo empregar-se n'estes uteis e vantajosos

trabalhos, ao contrario os deixam e abandonam, occupando-se em outros totalmente differentes, como são os das referidas fabricas e manufacturas. E consistindo a verdadeira e solida riqueza nos frutos e producções da terra, as quaes sómente se conseguem por meio de colonos e cultivadores, e não de artistas e fabricantes. E sendo além d'isto as producções do Brasil as que fazem todo o fundo e base, não só das permutações mercantis, mas da navegação e commercio entre os meus leaes vassallos habitantes d'estes reinos e d'aquelles dominios, que devo animar e sustentar em commum beneficio de uns e outros, removendo na sua origem os obstaculos que lhes são prejudiciaes e nocivos. Em consideração de tudo o referido, hei por bem ordenar, que todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos, ou de bordados de ouro e prata, de veludos, brilhantes, setins, tafetás, ou de outra qualquer qualidade de seda, de belbutes, chitas, bombasinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão, ou de linho branco, ou de côres, e de pannos, baetas, droguetes, saetas, ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lã, ou os ditos tecidos sejam fabricados de um só dos referidos generos, ou misturados e tecidos uns com os outros, exceptuando tão sómente aquelles dos ditos teares e manufacturas em que se tecem ou manufacturam fazendas grossas de algodão, que servem paro uso e vestuario dos negros, para enfardar e empacotar fazendas, e para outros ministerios semelhantes; todas as mais sejam extinctas e abolidas em qualquer parte onde se acharem nos meus dominios do Brasil, debaixo da pena do perdimento em tresdobro do valor de cada uma das ditas manufacturas ou teares, e das fazendas que n'ellas ou n'elles houver, e que se acharem existentes dois mezes depois da publicação d'este, repartindo-se a dita condemnação, metade a favor do denunciante, se o houver, metade pelos officiaes

que fizerem a diligencia; e não havendo denunciante tudo pertencerá aos mesmos officiaes.

Pelo que mando ao presidente e conselheiros do conselho ultramarino, presidente do meu real erario, vice-rei do Estado do Brasil, governadores e capitães-generaes, e mais governadores e officiaes militares do mesmo Estado, ministros das relações do Rio de Janeiro e Bahia, ouvidores, provedores e outros ministros, officiaes de justiça e fazenda, e mais pessoas do referido Estado, cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este meu alvará, como n'elle se contém, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario, as quaes hei por derogadas para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. Dado no palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 5 de Janeiro de 1785. —Rainha.—*Martinho de Mello e Castro.*

Alvará por que Vossa Magestade é servida prohibir no Estado do Brasil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho e lã, ou os tecidos, sejam fabricados de um só dos referidos generos ou da mistura de uns com os outros, exceptuando tão sómente as de fazenda grossa do dito algodão. Para Vossa Magestade vêr.

A' fl. 59 do livro em que se lançam os alvarás n'esta secretaria de Estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos fica este registrado. Sitio de Nossa Senhora da Ajuda, em 2 de Março de 1785.—*Francisco Delaaqe.*—José Theotonio da Costa Passer o fez. Sitio de Nossa Senhora da Ajuda, em 3 de Março de 1785.—*João Gomes de Araujo.*

Carta de officio em que se responde ao do Sr. vice-rei de 31 *de Julho do anno passado, sobre a grande remessa de cochonilha etc. etc.*

N. 7. Illm. Exm. Sr.—Recebi a carta de V. Ex. com data de 31 de Julho passado, que acompanhou a factura de tresentas e dez arrobas e dezeseis arrateis de cochonilha, que se remetteram pela náo Belem, importando com todas as despezas em vinte e cinco contos seis centos e um mil cento e noventa reis. Esta importante remessa, e o augmento que vai tendo a cultura d'este arbusto na ilha de Santa Catharina são effeitos do zelo e efficacia de V. Ex. em promover tão importantes objectos; e será desgraça se depois de tão bons principios se deixar perder todo este trabalho, e as futuras utilidades que d'elle hão de resultar. A falta de meios d'essa provedoria de que V. Ex. se queixa, são difficultosos de remediar completamente d'este reino, onde ha infinitas despezas indispensaveis a que é preciso acudir : se a dita cochonilha que ainda se acha na casa da India se poder aqui vender por junto, o seu producto, que se remetterá a essa capital remediará parte da necessidade que ahi se experimenta, até que se possa dar alguma providencia mais ampla e efficaz sobre este importante assumpto.—Deus Guarde a V. Ex..—Palacio de N. Senhora d'Ajuda em 11 de Abril de 1789.—*Martinho de Mello e Castro* — Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.

Carta de officio em que se responde em particular ao officio de 7 de Novembro do anno passado, sobre o comportamento do nosso 1° commissario da demarcação em repugnar a proposta que o 1° commissario hespanhol lhe havia feito, para se encarregarem com as partidas da 1ª subdivisão do reconhecimento do rio Pepiri-guassú, etc. etc.

N. 9—1—Illm. Exm. Sr.—Recebi, e levei á real presença de S. Magestade as cartas de V. Ex., que trouxeram as datas dos mezes de Julho, Agosto, Novembro e Dezembro do anno proximo precedente de 1788 que tratam principalmente dos pontos seguintes.

2—Primeiro: Sobre as conferencias que V. Ex. teve com o governador e capitão general de Minas Geraes relativas a formatura do regulamento, pauta, e registro para o novo methodo de se cobrarem os direitos de entrada das fazendas que vão d'essa para aquella capitania, corregindo-se os enormissimos abusos com que até agora se tem feito, e continúa a fazer em prejuizo não menos enorme da real fazenda, aquella importante arrecadação: segundo: sobre o direito senhorial do quinto e casas da fundição: terceiro: sobre as providencias que V. Ex. tem dado para o novo estabelecimento das minas de Macacú, e o estado em que ellas presentemente se acham.

3—Igualmente informa V. Ex. em quarto lugar de se achar concluida a demarcação dos dois dominios portuguez e hespanhol até a entrada do rio Pepiri-guassú no Uruguay. Da intempestiva repugnancia, e resistencia que mostrou e fez o nosso primeiro commissario ao de Hespanha, para o reconhecimento e demarcação, a que este o persuadiu, e elle recusou do mesmo Pepiri-guassú, e o que V. Ex. lhe determinou ao dito respeito.

4—Em quinto lugar do atrazamento da segunda subdivisão confiada da parte de Portugal ao coronel Francisco João Roscio, e da parte de Hespanha ao capitão de navio D. Diogo de Albear ; e a providencia que V. Ex. deu, para o caso de algum desconcerto, ou desvario que o dito coronel Roscio podesse ter, como pouco tempo antes lhe aconteceu ; por occasião da molestia, de que já se achava restabelecido : A que se póde ajuntar a nimia facilidade com que o mesmo Roscio se deixou induzir das suggestões, e noticias vagas dos hespanhoes, para se não tomar d'aquelles districtos um claro e individual conhecimento, e fazer-se a actual demarcação com os mesmos absurdos, com que se praticou a do anno de 1750 ; como tudo se deprehende das cartas anteriores do referido Roscio.

5—Em sexto lugar sobre as conferencias, que V. Ex. teve com o governador e capitão general da capitania de S. Paulo Bernardo José de Lorena, a respeito da demarcação pertencente aquella capitania, dando lhe uma copia, de que me remette outra do plano do vice-rei de Buenos Ayres D. João José de Vertiz ; e instruindo ao dito governador e capitão general de São Paulo das maximas do actual vice-rei de Buenos Ayres, e do seu commissario o capitão de fragata D. Felix Azara, que já se achava no Paraguay para fazer executar o dito plano, principalmente no que pertence a querer substituir o rio Igatemy, pelo Igurey.

6—A gravidade das materias acima indicadas, sendo da maior importancia d'ellas, e de tudo o mais concernente a esse governo, deve V. Ex. fazer uma relação circumstanciada e instructiva, para o novo vice-rei conde de Rezende que vai succeder a V. Ex : E ao mesmo conde se darão aqui as precisas noções do principio, progresso, e estado de todas, e cada uma das referidas materias, e dos mais negocios de que V. Ex. se acha incumbido, para que com estes

soccorros possa elle dirigir-se debaixo do mesmo methodo, e systema até agora praticado, sem as alterações e mudanças que frequentemente costumam acontecer nas occasiões de novos governos, em grave prejuizo do real serviço.

7—O mesmo conde requerendo a Rainha Nossa Senhora alguma dilação da sua partida, em razão dos seus preparos e da sua familia; e obtendo de Sua Magestade esta graça, se lhe destinou para o seu transporte, e o do governador e capitão general de Angola a náo Belem, a qual depois de conduzir o primeiro ao Rio de Janeiro, ha de passar com o segundo a São Paulo da Assumpção, e trazer d'alli o barão de Mossamedes. que acaba de governar aquelle reino.

8—Para o transporte dos reaes quintos, e cabedaes da praça do presente anno, e para conduzir igualmente a V. Ex. a esta côrte destinou Sua Magestade a fragata Tritão, commandada pelo capitão de mar e guerra Pedro Mariz de Sousa Sarmento ; e logo que a dita fragata ahi chegar expedirá V. Ex. as ordens necessarias, para que concorram os ditos cabedaes sem perda de tempo, assim da coroa, como dos particulares ; e mandará igualmente metter a bordo da mesma fragata o taboado de Paroba, que ella poder receber, ou de Tapinhoam, não havendo prompto o de Paroba.

9—Não se podendo bem calcular o tempo em que o successor de V. Ex. chegará ao porto d'essa capital ; no caso em que a sua demora se estenda ao de lá do fim de Julho ; permitte Sua Magestade, que sem esperar mais tempo se embarqne V. Ex. na referida fragata, e prosiga a sua viagem para este reino, deixando no intervallo da sua partida, e da chegada do seu successor o governo interino que costuma ficar durante a ausencia dos vice-reis.

10—E' porém indispensavelmente necessario, que ou secretario d'esse governo, ou a pessôa que V. Ex. achar de maior

confiança e prestimo, fique encarregada da sobredita relação instructiva, e de todas as ordens, documentos, e papeis que ahi houver para os entregar ao novo vice-rei; muito particularmente os que pertencem ao importantissimo negocio da demarcação; e a este respeito não posso concluir este officio sem fazer a V. Ex. as seguintes reflexões, pelo que pertence a segunda subdivisão confiada ao coronel Roscio.

11—E' certo que este official, tem servido com muito zelo, e intelligencia; mas depois que foi encarregado de segunda subdivisão, e da parte mais difficil, e laboriosa da demarcação comprehendida no artigo VIII do tratado preliminar, sobrevindo-lhe a molestia que padeceu, se precipitou nos desatinos que constam das suas precedentes cartas, em consequencia das quaes dirigi a V. Ex. o officio de 9 de Fevereiro do anno proximo precedente, para se acudir áquelle desamparado serviço.

12—Melhorando porém o dito coronel proseguiu na incumbencia de que se achava encarregado, mas com a frouxidão, repugnancia, e preoccupação de que informou a V. Ex. o primeiro commissario Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara: e n'esta certeza não se podendo duvidar, que a navegação do Paraná desde as missões da Candelaria, ou de Corpus até a boca do Iguassú, ou grande Curitiba, a subida d'este rio, e do seu grande salto até a barra do rio Santo Antonio; a exploração e aspereza das margens d'este rio, que não é navegavel, até as suas cabeceiras, e d'ellas a indagar, e descobrir as do Pepiri-Guassú e a exploração d'este rio até a sua entrada no Uruguay, é trabalho muito superior as forças atenuadas, e ao animo abatido a que se acha reduzido o dito coronel Roscio, ; crescendo ainda mais a impossibilidade do mesmo coronel, se depois da exploração do Pepiri-Guassú houver de retroceder com

a sua divisão a buscar outra vez o rio Iguassú, demarcar este rio até a sua entrada no Paraná, subindo depois por este acima, ou por uma das suas margens até ao pé do Salto Grande do mesmo Paraná; como tudo se acha delineado no plano do vice-rei de Buenos Ayres D. João José de Vertiz na forma seguinte.

13—« Ordena Sua Magestad que esta segunda subdivision se separe de la primera desde el rio Ibicuy, que tiene su origen, y pasa por el Monte Grande, y que atravesando esta por los pueblos de missiones hasta el de la Candelaria, ó al de Corpus ultimo por la Banda Orientale de los del Paraná suba por el en barcos hasta el pie del salto del rio Iguassú, ó Coritiba que dista tres leguas de su boca en el Paraná, y arrastrando por su banda septentrional las canoas medianas que llevar, ó haciendo las en cima del salto navegue en ellas has el rio Santo Antonio, que es el segundo que le entra por la banda austral, y subiendo por el hasta donde permiten sus aguas procure reconecer su origen, y unirlo con el Pepiri-guassú, cuya boca habia ya reconocido la primera division y a su buelta hacer la demarcacion desde la boca del Iguassú hasta el pie del salto grande del rio Paraná, conforme el articulo 8° del tratado, si no tanbien por mas oportuno el hacer esta antes de entrar en el Iguassú. »

14—Quando se comparam estes trabalhos, na realidade penosos e difficeis, com a situação do coronel Roscio encarregado d'elles, e com o que o mesmo coronel escreveu a V. Ex., e ao brigadeiro primeiro commissario nas cartas de 19 e 20 de Abril, e 9 de Maio, que V. Ex. me remetteu com o seu officio de 27 de Setembro de 1787, e com o que o mesmo brigadeiro informou ultimamente a V. Ex. sobre o referido coronel, nada se póde esperar d'aquella parte, que não sejam embaraços e tropeços, talvez irremediaveis, se não se prevenirem a tempo.

15—Bem vejo, que V. Ex. os procurou acautelar com os solidos fundamentos e concludentes razões da carta que escreveu ao referido brigadeiro, de que me remetteu a copia debaixo do n. 6° com o seu officio de 7 de Novembro; a inaudita resolução porém do mesmo brigadeiro em não querer convir no reconhecimento do Pepiri-Guassú, e os frivolos e especiosos pretextos de que se serviu na carta escripta ao commissario hespanhol D. José Varella, para illudir os justificados motivos que este lhe ponderou, persuadindo-o ao dito reconhecimento, fazem bem ver que não bastam as persuasões com que V. Ex. lhe mostrou o que devia obrar; mas que são indispensavelmente necessarias ordens mais positivas e terminantes; e n'esta certeza logo que V. Ex. receber este officio escreva sem a menor perda de tempo ao dito brigadeiro intimando lhe, que a esta côrte se fez muito estranho o seu inesperado comportamento em recusar um serviço que elle mesmo devia promover, ainda quando não lembrasse ao commissario hespanhol, e ordenando-lhe no real nome de Sua Magestade, que não só prosiga logo na exploração, reconhecimento e demarcação do sobredito Pepiri-guassú até as suas cabeceiras; mais que concluindo este trabalho, e no caso em que o coronel Roscio, ou por falta de saude, ou por abatimento de espirito, e de forças, ou por outro qualquer motivo se não ache em estado de continuar, e concluir a commissão de que está incumbido, elle brigadeiro parta immediatamente, a pôr-se a testa da segunda subdivisão, levando algum dos facultativos que lhe parecer para executar tudo o que literalmente se acha estipulado no artigo VIII do tratado preliminar: E declarando a D. José Varella que a impossibilidade do dito coronel Roscio, bem conhecida dos mesmos hespanhoes, e as ordens d'esta côrte para se adiantar quanto seja possivel a demarcação, faz indispensa-

velmente necessario que o dito coronel se retire, e que elle brigadeiro o vá substituir: Isto é o que V. Ex. deve intimar ao referido brigadeiro por termos os mais positivos, e sendo possivel antes de concluir os planos do que se acha demarcado até o Pepiri-guassú; sendo certo que só depois de concluida a demarcação comprehendida no artigo VIII, é que se póde fazer um plano completo da fronteira meridional dos dois dominios; e se D. José Varella quer formar o dito plano deixando de fóra o referido artigo VIII, é porque prevê os embaraços d'esta demarcação, e não a quer confundir com as vantagens que resultam á sua côrte do que antecedentemente se acha demarcado; e esta refinada e prejudicial destreza é que devemos evitar, se ainda é tempo, mandando pôr o brigadeiro a testa da segunda subdivisão.

Deus Guarde a V. Ex. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 14 de Abril de 1789. — *Martinho de Mello e Castro*. — Sr. Luiz de Vasconcellos e Sousa.

Parecer a respeito das circumstancias apontadas no extracto da viagem de La Perouse, sobre algumas observações concernentes a ilha de santa Catharina.

Illm. Ex. Sr.—Devendo declarar o meu parecer a respeito das circumstancias apontadas no extracto da viagem de la Perouse, incluso no officio de V. Ex. de 12 de Janeiro do presente anno, sobre algumas observações concernentes a ilha de Santa Catharina, indicando juntamente os meios de se pôr esta ilha no melhor estado de segurança ; direi o que entendo n'este particular, ainda faltando-me os conhecimentos visuaes do seu terreno, que me seriam de grande soccorro, para formar idéas mais completas. Com justa razão é condemnada a multiplicidade de fortes, por ser maxima fundamental, que as forças divididas enfraquecem a defensa. A Ilha de que se trata, tem á entrada da barra do norte a fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim, que é a mais consideravel, e mais vantajosa pela proximidade em que fica do canal ; porém muito defeituosa pela mal entendida construcção dos edificios militares e civís, que se acham todos expostos aos tiros do inimigo, e até embaraçam o serviço das baterias ; a tempo que é a unica, que se deverá conservar, emendando os seus defeitos, dos quaes é o mais attendivel o monte da terra firme, que lhe serve de padrasto.

A fortaleza da Ponta Grossa, edificada em uma ponta da ilha, e quasi fronteira á de Santa Cruz para ajudar a defesa da entrada da barra, de nada serve, tanto pela distancia de perto de uma legua, que impossibilita o cruzamento dos tiros, como pela má construcção, e assento das suas fracas baterias á cavalleiro umas das outras, além de ficarem patentes os quarteis e mais edificios : do que resultam pequenas praças, onde é difficultoso o serviço da artilharia,

que a guarnece, havendo tambem um grande padrasto de facil accesso, que a commanda totalmente. Por esta razão deveria este lugar ser contemplado de simples observação.

A fortaleza de Ratones, construida sobre uma ilha fronteira á mesma barra, tambem se deve julgar inutil por ficar distante da de Santa Cruz para o sul quasi uma legua, e da Ponta Grossa legua e meia; sendo patente que entre estes tres pontos não podem haver cruzamentos de tiros, não obstante acharem-se situadas as referidas fortalezas á vista umas das outras. Uma esquadra ancorada no meio d'aquella distancia fica isenta de todos os fogos, e d'este lugar podem os inimigos fazer os seus ataques, como lhes parecer, senhoreando-se sem difficuldade da ilha de Ratones, em cujos quarteis poderão formar armazens, e hospital, e conservar-se o tempo necessario sem damno algum.

Do que tenho dito sobre estes tres lugares fortificados se conhece, que assim a entrada do porto como os desembarques são facilimos, e por isso fica sendo muito difficultosa a defesa da ilha, não só pela fraqueza das fortificações, mas tambem pelos defeitos da natureza, que só se poderiam emendar com a consideravel, mas util, obra de um molhe feito na direcção da Ponta Grossa á ponta do Monte da Armação grande, ou por onde fosse mais commodo, podendo-se a referida obra fortificar a ponto de se fazer a barra impenetravel.

A ilha de Santa Catharina está exposta a ser atacada por qualquer dos lados, e até pelas costas do mar grosso, na qual ha varios lugares abrigados, que são proprios para desembarques. O continente quasi por si mesmo se defende a favor de grandes alturas, pantanos, e rios caudalosos, que serão outros tantos obstaculos para se difficultarem as manobras dos inimigos ignorantes da qualidade do paiz, e pelo contrario facilitarão aos habitantes repetidas embos-

cadas, que impossibilitem toda a qualidade de estabelecimento; do que se conclue que nem a conquista da ilha é tão facil, e tão vantajosa, que convide aos armadores, nem poderá ser intentada por forças extraordinarias, faltando a esperança de uma recompensa proporcionada á despesa, excepto quando os expugnadores se contentem de viver encantonados na ilha, por não se poderem alargar para a terra firme.

A principal defesa deve consistir em ataques repentinos e emboscadas bem dirigidas, que causarão sem duvida grandes desordens ao inimigo, para o que seria conveniente franquear estradas, que dos lugares de desembarque conduzam aos desfiladeiros, com communicações occultas entre si, ou atalhos, para que as mesmas emboscadas se possam proteger, e para que o inimigo se encaminhe pelos passos mais estreitos e incommodos até a villa capital, que deve ser comtemplada como o centro da resistencia. Igualmente proveitosa seria a construcção de pequenas obras de campanha nos postos mais importantes, guarnecidas de peças ligeiras, que acompanhassem as partidas e se movessem para outro posto, depois que se não podessem sustentar os primeiros ataques; não esquecendo n'esta qualidade de defesa tudo quanto fosse proprio para inquietar o inimigo, como são cortaduras, entricheiramentos de arvores, estrepes, e muito principalmente os fornilhos, que estabelecidos na extensão das estradas não deixarão de o maltratar, e reduzir á tal estado de fraqueza, que nada possa conseguir.

Deve-se notar que a villa tem á sua frente, ou ao sul a praia chamada da villa, ao norte a Praia de Fóra, a leste a serra da Bôa Vista, e a oeste a ponta do Estreito, d'onde principia a elevar-se insensivelmente o monte de Rita Maria, que com outro menos elevados cobrem a retaguarda

da villa, ficando ambos entre ella e a Praia de Fóra, que é defendida pelo forte de S. Francisco Xavier, e pelas baterias de São Luiz, e de São João ultimamente construida de fachina e terra. Este monte, que commanda na distancia de 300 braças pouco mais ou menos de todos os lugares circumvisinhos, se deve considerar como o ultimo ponto de reunião, e como tal merece todo o cuidado em aproveitarem-se aquellas vantagens que o terreno offerece, devendo-se construir de necessidade uma bôa fortificação, que corôe o dito monte, e sirva igualmente de cidadella á capital.

Na supposicão de que o inimigo receioso das emboscadas, que possa encontrar, quando tenha desembarcado nas praias distantes, busque a Praia de Fóra, que por extensa, e mansa facilita um prompto desembarque, e pela proximidade da villa procure effectuar os seus projectos, será muito importante ter sobre este lugar a maior vigilancia, pondo-o em estado de uma vigorosa resistencia por meio de duas, ou tres ordens de entrincheiramentos, de arvores, ou ainda de estacada por toda a extensão da praia; para que com estes obstaculos se demorem os inimigos na acção, e possam receber maior damno dos fogos das baterias de São Luiz, de São João, e do forte de São Francisco; mas como a de São Luiz não tenha capacidade, deveria ser construida com outra largueza, mas sómente de fachina e terra, e não alvenaria, como é actualmente; assim como o forte de São Francisco, que estando agora arruinado, tendo muito pequena praça, deveria ser contemplado como bateria, reparadas as ruinas, e dirigidos os seus fogos por forma mais acertada.

E' certo que a serra da Boa Vista proxima á villa é muito superior ao monte de Rita Maria, e se acha dentro do alcance de artilharia; porém sendo inaccessivel por al-

gumas partes, facilita por outras o estabelecimento de emboscadas, que possam rebater qualquer ataque.

A praia da villa é defendida pelo forte de Santa Barbara de extravagante figura, edificado sobre umas pedras pouco distantes da praia, cuja communicação é feita por uma ponte; este forte defende soffrivelmente aquella praia· porém a sua principal força se deveria dirigir para a passagem do estreito, afim de não ser penetrada; porque conseguindo os inimigos esta vantagem, poderão com facilidade cortar a communicação com o continente, e obrigar depois os defensores a que capitulem, ou se entreguem á discrição. Para embaraçar a mesma passagem do estreito ha presentemente uma nova bateria construida na ponta, que forma o continente, opposta na largura de 180 braças á ponta da ilha, em que está o forte, ou bateria de Sant'Anna, cuja defesa se deveria melhorar, para que fosse esta passagem mais bem disputada, formando-se-lhe uma communicação coberta até o cimo do monte de Rita Maria, quando este seja fortificado.

A villa capital posta em defesa, como tenho exposto, se póde considerar, como uma praça forte, que pela visinhança dos differentes postos tem toda a facilidade para se protegerem reciprocamente.

Para este mesmo fim seria de muita utilidade a abertura de novas estradas, e a conservação da que se abriu até a villa das Lagens da jurisdicção do governador de São Paulo; pois facilmente desceriam soccorros de homens, e mantimentos no caso de terem os inimigos cortado as communicações maritimas do continente, pela parte do sul da villa da Laguna e Rio Grande; e pela parte do norte, da villa de N. S. da Graça, do rio de S. Francisco, e mais povoações da costa; porque havendo pelo sertão estradas entre as referidas villas, se poderiam receber

aquelles soccorros dentro de oito, ou dez dias, e de vinte até trinta dos lugares mais remotos, não obstante acharem-se as communicações da marinha cortadas.

Proposto como entendo o methodo de defesa, que se deverá praticar pela parte da barra do norte, julgo que o mesmo tem todo o lugar na barra do sul, que por ser estreita, e dar entrada á fragatas até certa distancia, e a bergantins até defronte da ilha na extensão de cinco leguas da mesma barra, se faz igualmente digna de attenção. Presentemente não tem outra defesa, que um reducto construido em uma ilha de difficultoso desembarque ; porém a sua força não é bastante para embaraçar a entrada por este lado, e deveriam as suas obras ser ampliadas, e mais fortes para que admittissem maior numero de peças de artilharia, e impedissem a referida entrada.

D'esta exposição se póde concluir, que não merecem o nome de fortalezas se não a de Santa Cruz de Anhatomerim, que defende a barra do norte, e a da Conceição da barra do sul ; com tanto porém que uma e outra sejam augmentadas com melhores obras, quarteis cobertos, e maior força de artilharia do que a existente na ilha, e mais lugares fortificados, e muito principalmente pondo-se em execução este projecto a respeito da mesma ilha. Tambem se faz muito necessario um parque de oito peças ligeiras para acompanharem as partidas, de que tenho feito menção.

Tratando do numero necessario de defensores, direi, que para resistir a um ataque feito por armadores, bastaria para a defesa da ilha ou outro regimento mais, além do que existe, com as tropas de milicias ; porém quando seja atacada por forças superiores, não se poderá defender sem ter ao menos tres regimentos de infantaria e um corpo de artilheiros dividido em cinco companhias, inclusa uma de artifices. Este corpo em qualquer dos casos é da maior

necessidade, porque devendo-se na sua falta tirar dos regimentos de infantaria o numero de homens precisos para o serviço das peças de bateria, e de campanha, e guarnições das fortalezas, viriam a restar poucos para os differentes ataques, que offerecerá uma guerra d'esta natureza. Os officiaes e soldados artilheiros poderiam receber a necessaria instrucção na academia, que de ordem minha se vai estabelecer, como participo a V. Ex. no meu officio n. 323. Com estas forças quasi poderei segurar, que será facil a um commandante habil embaraçar as operações de um exercito, que pretenda senhorear-se d'esta colonia, especialmente se elle aproveitar com tempo de todas os recursos da arte, e da natureza, e tomar a precaução de fazer retirar para o continente todas as pessoas incapazes de combater, e todos os animaes uteis, e recolher á villa os mantimentos que se acharem nas fazendas e arraiaes, para o que deverá ter armazens de deposito nos lugares mais proprios e seguros.

Finalmente tornando a fallar da abertura das estradas, direi a V. Ex. que este artigo é muito interessante, não só pelo que respeita a defesa da ilha, como fica exposto, mas tambem pelo que toca ao grande augmento da agricultura, do commercio, e até da população, que justamente se deve esperar, feitas as estradas, que vão da Laguna para a villa de Nossa Senhora da Graça, a de Santa Catharina para a villa das Lagens, e assim para outros lugares ; pois muitos habitantes, que vivem opprimidos pela marinha, e pelo interior da ilha, logo que tivessem aquelle soccorro dos caminhos, iriam rapidamente povoar o sertão para melhorarem de fortuna, augmentarem consideravelmente as suas lavouras, e contrahirem novas alianças a seu beneficio, e do Estado. Pelas mesmas estradas poderiam dar muito facil extracção aos seus effeitos os moradores da villa das Lagens,

ficando em distancia de vinte e cinco leguas ao porto da ilha de Santa Catharina, e viriam a tomar nova face as suas lavouras e criações. Mas seria necessario que se erigissem duas freguezias n'aquelle sertão para os soccorros de que precisam os catholicos, e por cuja falta elles se não animam a formar os seus estabelecimentos distantes d'aquelles asylos, a que devem frequentemente recorrer. Seria igualmente necessario occorrer por algum arbitrio ás precisões da fazenda real d'aquella intendencia, e a falta de rendimento das camaras para porem em execução aquellas obras igualmente uteis, como dispendiosas.

Tenho referido a V. Ex. sobre este assumpto aquillo, que na brevidade do tempo me poderam dictar as minhas poucas luzes, e as noticias que tenho conseguido. Deus Guarde a V. Ex., Rio 14 de Setembro de 1799.—Sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.—*Conde de Rezende.*

Discurso sobre o que observou Moneron na ilha de Santa Catharina, quando n'ella aportou o viajante La Perouse no anno de 1785.

A Ilha de Santa Catharina está situada na costa do Brasil; e a sua ponta mais septentrional na latitude meridional de 27° e 18' e de 329° e 30' de longitude oriental do meridiano da Ilha do Ferro, seguindo as ultimas observações: A sua população tem crescido consideravelmente, tão sómente pela extensão da marinha, desde a villa da Laguna

até a villa de Nossa Senhora da Graça do Rio de São Francisco, comprehendendo entre estas duas villas a distancia de 45 leguas em linha recta, e seguindo o caminho das paradas 54 leguas, restando ainda da villa da Laguna para o sul até o rio Mampetuba, onde se termina este governo 22 1/2 leguas por povoar-se, assim como todo o sertão, que vai até a Serra da Cordilheira, a qual serve de divisão entre este governo, e o territorio da villa das Lagens a mais meridional, e ultima da capitania de São Paulo.

O paiz é saudavel, e muito fertil, os habitantes são trabalhadores, porém pobres; esta ultima circumstancia unida a uma provedoria tambem pobre, a uma camara de rendas muito limitadas, e a um commercio insignificante nada pódem contribuir para o augmento consideravel d'esta colonia.

As estradas, de que depende o interior do paiz, tanto da villa da Laguna para a de Nossa Senhora da Graça, como a de Santa Catharina para a villa das Lagens, a qual se acha feita á custa da camara da ilha (do que ainda está parte por pagar) e assim para outros lugares são artigos bem interessantes para o augmento da população, da lavoura, e do commercio, o que tudo concorre para o accrescimo dos rendimentos da corôa; porém quem ha de mandar fazer estas estradas, um povo, uma camara, e uma provedoria pobre? Creio que não, porém sim se S. Magestade, que não perdendo nunca de vista a felicidade dos seus fieis vassallos, não cessa de os felicitar, quando os justos requerimentos chegam a sua real presença.

Que utilidade poderia tirar a corôa de uma despesa feita em novas estradas pelo meio de um sertão? Utilidade de muitos habitantes, que vivem acanhados pela marinha, e pelo interior da ilha, que tendo aquelle soccorro das novas estradas, iriam rapidamente povoar os seus lados, para

mudarem de fortuna, e augmentarem consideravelmente as suas lavouras; assim como os novos casamentos, que frequentemente se fazem entre os lavradores, que achando-se opprimidos sem terras, e sem meios, correriam da mesma sorte a povoar aquellas estradas.

Os habitantes da villa das Lagens, que limitam-se nas suas lavouras e criações, e que têm todas as difficuldades de transportarem os seus effeitos para a sua capital, pela enorme distancia, tendo uma estrada franca até o porto da ilha de Santa Catharina, o qual lhes fica na distancia de 25 leguas, trariam para alli todos os seus generos, e tomariam calor nas suas lavouras e criações; e ainda que esta se acha feita, não tem sido muito trilhada, por falta de habitantes que se queiram alli estabelecer, por não haver n'aquelle sertão os soccorros catholicos de que precisam; e só criando-se duas freguezias no dito sertão poderá elle ser rapidamente povoado, e para conservação da mesma estrada; o que tudo concorreria para o augmento progressivo dos redditos da corôa em dizimos, direitos, passagens de registros e quinto dos couros, e toda a despesa que se fizesse com as referidas estradas, seria Sua Magestade indemnisada dentro de pouco tempo.

Com justa razão condemna Moneron a multiplicidade de fortes, e é regra bem sabida, que as forças divididas enfraquecem o Estado. A fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim é a mais consideravel d'este governo, e foi construida pelo brigadeiro José da Silva Paes no anno de 1739 sendo governador d'esta colonia; ella serve de defender a entrada da barra, e não deixa de ser de algum modo util pela proximidade do canal; porém a sua construcção mal entendida, os seus extraordinarios quarteis proximos ás baterias, a casa do governador, a capella e casa da polvora, tudo patente aos inimigos, são defeitos bem consideraveis,

e que mostram ter sido o constructor mais architecto civil, que militar: Esta é a unica fortaleza, que n'esta barra dever-se-ha conservar, pondo-a em estado de melhor defesa, attendendo-se sempre ao mais attendivel defeito, que é do commando que tem sobre ella o monte da terra firme, que lhe fica no alcance.

A fortaleza da Ponta Grossa edificada no anno de 1740 pelo mesmo governador em uma ponta da ilha, e quasi fronteira a de Santa Cruz, para ajudar a defesa da entrada da barra, de nada póde servir, tanto pela distancia quasi de uma legua, que impossibilíta o cruzamento dos tiros de uma e de outra, como tambem pela má construcção, e posição das suas fracas baterías á cavalleiro umas das outras, e os seus quarteis, e mais edificios patentes, resultando d'isto pequenas praças, que impossibilitam o bom serviço da artilharia que a guarnece; além d'isto tem um famoso padrasto de facil accesso que a commanda totalmente, pelo que deve este lugar ser comtemplado como de observação.

A fortaleza de Ratones construida no mesmo anno sobre uma ilha fronteira á barra, de nada serve; pois fica distante da de Santa Cruz para o sul quasi uma legua, e da Ponta Grossa legua e meia; pelo que bem se vê que entre estes tres pontos não podem haver cruzamentos de tiros; esta a razão porque diz Moneron tratando dos fortes, que " apesar de estarem a vista uns dos outros, parecem terem sido construidos um para ser batido, e ganho ao primeiro ataque, e os outros, para serem espectadores, etc.

A posição de uma esquadra na distancia media entre as tres referidas fortalezas fica isenta de todos os fogos, e d'este lugar podem os inimigos fazerem os seus ataques como lhes parecer, e fazendo-se senhores d'este posto de Ratones (o que lhes não será difficil) achando alli quarteis,

poderáõ formar armazens, e hospital, e conservarem-se o tempo que quizerem, sem receber damno algum.

A vista do que digo acima sobre os tres pontos, ou lugares fortificados, que são os que Moneron só reconhece por fortes, bem se vê, que a entrada d'este porto é franca, e os seus desembarques da mesma sorte o são, o que tudo concorre para a difficil defesa da ilha; e só se poderia obstar aos defeitos da sua barra com uma obra consideravel, porém util, como a de um molhe feito pela direcção da Ponta Grossa á ponta do Monte da Armação grande, ou por onde mais commodo fosse, o qual se poderia fortificar a ponto de fazer a barra inpenetravel.

A ilha de Santa Catharina está sujeita em tempo de guerra a ser atacada por qualquer dos lados, ainda pelo lado que fica fronteiro ao mar alto, que não deixa de ter varios abrigos proprios para desembarques. O seu continente quasi que por si mesmo se defende pela proximidade de grandes alturas, pantanos, e rios caudalosos, o que tudo concorre para difficultar as manobras dos inimigos ignorantes da constituição do paiz, e facilita aos habitantes continuadas emboscadas, que os obrigaráõ a não se demorarem em qualquer lugar, em que se queiram estabelecer.

No anno de 1777 quando os hespanhoes se fizeram senhores da ilha, n'ella se conservaram sem nunca se animarem a passar para o continente; e em uma só occasião que o intentaram, fazendo saltar uma escolta armada na freguezia da Enseada de Brito, foi esta surprehendida por um destacamento nosso, ficando quasi todos prisioneiros, e o resto fugiram precipitadamente para as lanchas, e retiraram-se para a ilha.

Esta ilha no estado actual creio que não poderá ser atacada por forças extraordinarias, porque a sua conquista não recompensará a despesa, *como confessa Moneron*, nem

será tão facil que se possa conseguir por armadores, *como diz o mesmo Moneron*; porém sim por uma força proporcionada ao estado de defesa em que ella se achar; e quando succedesse ser atacada com forças maiores com o fim de se estabelecerem; sujeitar-se-ião a viver encantonados na ilha sem se poderem alargar para o contínente, só se este lhe fosse entregue sem alguma resistencia.

Sendo esta ilha atacada poder-se-hia defender por meio de ataques repentinos, e de emboscadas bem dirigidas causarão sem duvida grandes desordens aos inimigos: para isto ser bem feito devem-se franquear estradas que dos lugares dos desembarques se conduzam aos desfiladeiros, as quaes devem ter communicações occultas de umas as outras feitas por atalhos praticados pelos bosques, para que as partidas das emboscadas se possam patrocinar reciprocamente, e assim devem conduzir aos inimigos pelos lugares mais estreitos e incommodos até a villa capital, a qual deve ser comtemplada como o ultimo lugar de resistencia.

Não será sem proveito fazerem-se algumas baterias de campanha dispersas em lugares convenientes, tanto nas praias, que facilitam os desembarques, como nos desfiladeiros, que possam servir tão sómente para as peças de campanha, que devem acompanhar as partidas, trabalharem a coberto emquanto sustentam os ataques, e desampararem, logo que for necessario retirarem-se a outro posto, não esquecendo n'esta forma de defesa tudo quanto for de inquietar aos inimigos, como cortaduras, abatimentos de arvores, estrepes, e muito principalmente os fornilhos estabelecidos pelo comprimento das estradas, que communicando-se-lhes o fogo de uns a outros façam voar, e maltratar aos atacantes: sendo esta defesa bem conduzida poder-se-ha enfraquecer aos inimigos, e reduzil-os a tal estado de fraqueza, que elles nada possam conseguir.

A villa capital está fundada na ilha, e tem na sua frente ou a sul a praia da villa, a norte a Praia de Fóra, a leste a serra da Boa Vista, e a oeste a ponta do Estreito de onde principia insensivelmente a elevar-se o monte de Rita Maria, que com outro monte *mais* inferior cobrem a retaguarda da villa, ficando ambos entre ella, e a Praia de Fóra, a qual é defendida pelo forte de São Francisco Xavier, e pelas baterias de São Luiz e de São João ultimamente construida de fachina, e terra: devendo este lugar ser contemplado como o ultimo da reunião das forças, e da ultima resistencia, sobre elle é que deve haver todo o cuidado aproveitando-se de todas as vantagens, que offerece este terreno, segundo a arte de defender os postos.

E' regra bem sabida, que os lugares fortificados, e dominados por proximas alturas desamparadas, estão sujeitos a serem tomados, e as alturas ganhadas; o que seguramente não poderá acontecer estando estas bem defendidas; logo o monte de Rita Maria deve ser considerado como o principal objecto de resistencia, porque elle commanda na distancia de 300 braças pouco mais ou menos todos os lugares em circulo, como a Praia de Fóra, o pequeno forte de Sant'Anna, que defende a entrada do Estreito, a villa, e a campanha, e além d'isto o seu accesso é facilimo por qualquer parte, pelo que bem se vê a necessidade de ser esta altura coroada com uma boa obra, que sirva de cidadella a villa.

E' bem certo, que receiando-se os inimigos das emboscadas, que poderáõ soffrer pelas differentes estradas da ilha, tendo elles desembarcado nas praias distantes, que procurem a Praia de Fóra, a qual pela sua extensão, e mansidão facilitam um prompto desembarque, e que pela proximidade da villa haja de accerelar os seus intentos: á vista do que, deve-se pôr toda esta praia em vigilancia, e

em bom estado de vigorosa defesa, tendo-se antecipadamente feito em toda a sua extensão um abatimento de arvores com os troncos para a terra, e os galhos cortados em ponta para o mar, isto em duas, ou tres ordens, ou tambem duas, ou tres ordens de estacada; para que por qualquer d'estes soccorros se hajam de demorar os inimigos na acção, e possam receber maior damno dos fogos das baterias de São Luiz, de São João, e do forte de São Francisco; advertindo-se porém, que a bateria de S. Luiz por ser acanhadissima deve ser construida com mais largueza, tão sómente de fachina e terra, e não de alvenaria, como é presentemente; assim como o forte de São Francisco que estando actualmente arruinado, tendo o seu interior com muito pouca praça, deveria ser contemplado como bateria reparando-se as ruinas, e dando-se melhor direcção aos seus fogos.

A serra da Boa Vista proxima a villa é muito superior ao monte de Rita Maria, e dentro do alcance da artilharia, porém a sua subida fazendo-se vencivel por algumas partes, por outras faz-se difficultosa por causa do seu escarpado; pelo que com pouco se poderá embaraçar aos inimigos o accesso d'esta montanha, a qual póde dar abrigo a varias emboscadas, que sustentem por este lado os ataques.

A praia da villa é defendida por um forte (de Santa Barbara) de extravagante figura, edificado sobre algumas pedras pouco distante da praia, e tem a sua communicação por uma ponte, elle defende soffrivelmente esta praia; porém a sua principal defesa deve consistir na passagem do Estreito, para que esta não seja penetrada, porque conseguindo os inimigos esta vantagem, podem com facilidade cortar-nos a communicação com o continente, e depois obrigar-nos a uma entrega ou capitulação.

Para embaraçar a passagem do Estreito, ha presente-

mente uma nova bateria construida na ponta que fórma o continente, e fronteira na largura de 180 braças, a ponta da ilha em que está o forte, ou bateria de Sant'Anna, a qual deve se pôr em melhor estado de defesa para poder bem disputar a passagem ; devendo ter uma communicação coberta até o cume do monte de Rita Maria no caso de ser este fortificado.

A villa capital posta em defesa como acima se tem dito, deve-se considerar quasi como uma praça forte, que pela proximidade dos differentes postos tem toda a facilidade para se protegerem reciprocamente ; é n'esta circumstancia, que tambem podem servir de muita utilidade a abertura de novas estradas ; pois conservando-se em bom estado, e franca a que se acha feita para a villa das Lagens, por ella poderáõ descer soccorros, tanto de homens, como de mantimentos ; e se os inimigos tivessem a felicidade de nos cortar as communicações maritimas do continente, tanto por um, como por outro lado por fóra das pontas da ilha, haveria embaraço em receber soccorros, pela parte do sul, da villa da Laguna, e Rio Grande ; e pela parte do norte, da villa de Nossa Senhora da Graça, do rio de São Francisco, e mais povoações da costa ; porém havendo uma estrada pelo sertão entre as referidas villas, e devendo esta cortar em cruz a da villa das Lagens, vem-nos a ser facil a communicação das mesmas villas e mais povoações, de d'onde se poderáõ receber soccorros dentro de oito até dez dias, e de vinte até trinta nos lugares mais distantes, não obstante acharem-se as communicações da marinha cortadas.

Tenho feito ver o methodo de defesa, que se deve praticar pela parte da barra do norte, o qual póde-se do mesmo modo praticar pela parte do sul ; e como a barra d'este lado é estreita, e dá entrada a fragatas até certa distancia, e a bergantins de guerra até a frente da villa, que

fica na distancia de cinco leguas da barra do sul, tambem deve-se pôr em um bom estado de defesa ; presentemente tem uma bateria em um reducto circular construido sobre uma ilha, que fica quasi em meio d'esta estreita passagem, e é de dificultoso desembarque, por causa da rebentação do mar ; porém as suas obras não são bastantes para disputarem a entrada por este lado, e deveriam ser ampliadas com obras mais extensas, e mais fortes, que guarnecidas de maior numero de artilharia podessem impedir o accesso d'está barra.

Pelo que deixo exposto se póde concluir, que só se devem contemplar por fortes, a fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim, que defende a barra do norte, e a fortaleza da Conceição, que defende a barra do sul, devendo uma e outra serem augmentadas com melhores obras, quarteis cobertos, e maior força de artilharia, que a que se acha na ilha, e lugares fortificados do circuito ; pois o numero existente não é bastante, muito principalmente se se pozer a villa no estado de defesa como se tem dito : tambem se faz muito necessario um parque de oito peças de bronze ligeiras, para acompanharem as diferentes partidas das emboscadas.

Devendo a ilha ser atacada por armadores, como se lé no mesmo extracto, bastaria para a sua defesa não só o regimento da ilha no seu estado completo, como outro regimento, e as tropas de milicias ; e com tudo não deixarei de tambem de supplicar, e mostrar a grande necessidade de um corpo de artilharia ao menos de cinco companhias, inclusa uma de artifices ; porque tendo a ilha o numero de peças de artilharia necessaria a sua defesa, e ainda só as existentes, e devendo-se tirar dos regimentos de infantaria homens para o serviço d'ellas e do parque, além das guarnições das fortalezas, viriam a restar poucos homens para os differentes ataques, que offerece uma guerra de embos-

cadas. Porém se a ilha for atacada por forças maiores, não se poderá defender sem ter ao menos tres regimentos de infantaria, e o corpo de artilheiros proposto: este é o numero pouco mais ou menos de defensores que se achava na ilha quando os hespanhoes a tomaram em 1777, além de uma esquadra; e quasi que posso segurar, que este numero de tropas sendo bem dirigidas pódem embaraçar, e destruir as operações de um exercito, que pretenda apossar-se d'esta colonia.

Finalmente direi que para a defesa da ilha ser bem feita, dever-se-ha logo que ella for ameaçada, fazer retirar para o continente todos os animaes uteis, assim como os homens e mulheres que não poderem entrar no numero dos defensores, ficando tão sómente as pessoas necessarias para a defesa, e para os differentes serviços, que exige uma occasião semelhante: da mesma fórma far-se-hão recolher á villa capital todos os mantimentos, que se acharem dispersos pelas fazendas e arraiaes da ilha: devendo haver tambem na parte do continente, mas fronteira á villa e outros lugares, bons armazens de depositos para conter os mantimentos do mesmo continente, e os que concorrerem dos lugares e villas distantes.—Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1799. — *Manoel Soares Coimbra.*—Coronel.

DOCUMENTO SOBRE A PRISÃO DE JOÃO JOSE' DA CUNHA FIDIE'

(Copia extrahida no Archivo Publico.)

Illm. e Exm. Sr.—Tendo esta junta de governo de remetter para essa côrte o prisioneiro João José da Cunha Fidié, major do exercito de Portugal e ex-governador das armas d'esta provincia, a quem fez cruel guerra, e que se rendêra ás armas imperiaes no 1° de Agosto do anno proximo passado na villa de Caxias, não foi possivel fazêl-o tão brevemente como esta mesma junta desejava, e participou a V. Ex. em officios ns. 9 e 10, por causa da esterilidade da estrada da Bahia e da insufficiencia das cavalgaduras para tão longa jornada; e ainda agora foi bastante difficil aprromptarem-se as mais indispensaveis, porque a cruel sêcca, que tem grassado n'estes sertões, os ha reduzido a mui deploravel estado. E' por isto que esta junta de governo, bem apezar seu, viu-se obrigada a demorar mais de dois mezes n'esta cidade o prisioneiro Fidié, retardada assim a gloria de o fazer apresentar n'essa côrte. E considerando a mesma junta de não pequena importancia e melindre esta commissão, julgou que deveria commettêl-a a um official que não ignorasse os seus deveres e a responsabilidade de dar conta d'ella, por isso a encarrega a José Locatelli Doria, major commandante do batalhão de primeira linha d'esta provincia, que, acompanhado de um capitão do mesmo batalhão, deve amanhã partir com o dito prisioneiro em direitura á cidade da Bahia, para d'alli embarcar para essa côrte, e n'ella entregal-o para que S. M. Imperial haja por bem dar-lhe o destino que fôr do seu agrado.

D'aqui até a Bahia vai acompanhado de uma escolta de poucas praças de cavallaria para sua guarda e segurança, e

d'alli deverá ella voltar por fazer-se desnecessaria por mar.

A' junta do governo d'aquella provincia se fazem as necessarias requisições para immediatamente que chegar o dito prisioneiro dar as providencias para proseguir ao seu destino.

Sirva-se V. Ex. levar todo o referido á presença augusta de S. M. o Imperador, e pedir ao mesmo Senhor que, por sua imperial bondade, haja de perdoar alguma falta que a este respeito tenha commettido esta junta de governo.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. Oeiras do Piauhy, 21 de Fevereiro de 1824, 3° da independencia e do Imperio. —Illm. Exm. Sr. João Severiano Maciel da Costa, ministro e secretario de Estado dos negocios do Imperio.—*Manoel de Sousa Martins*, presidente.—*Joaquim de Sousa Martins*, coronel commandante das armas.—*Manoel Pinheiro de Miranda Osorio*, secretario.—*Honorato José de Moraes Rego*.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

DR. FRANCISCO JOSE' DE LACERDA E ALMEIDA

Proseguindo no empenho de rebuscar e reunir modestamente os dados biographicos ácerca dos varões illustres nascidos no Brasil, vamos offerecer n'esta *Revista* mais alguns, que poderão aproveitar a outros escriptores que nos têm já favorecido, fazendo mais conhecidas tantas de nossas investigações d'este genero, respectivas aos tempos coloniaes.

Em meados do seculo passado nasceu na cidade de S. Paulo Francisco José de Lacerda e Almeida, filho de José Antonio de Lacerda.

Nada sabemos de seus primeiros annos, nem onde fez os primeiros estudos, nem quando deixou os lares patrios. Consta nos sómente que em Coimbra se matriculou no primeiro anno mathematico em 1772, e possuimos a certeza de que no dia 14 de Julho de 1773 ahi fez acto d'este anno na qualidade de obrigado, e que, passando a ordinario, fez o exame do segundo anno em 7 de Julho de 1774, do terceiro em 14 de Junho de 1775, do quarto em 20 de Maio de 1776, formando-se como bacharel a 21 de Julho d'este mesmo anno. Consta mais dos proprios assentos da universidade que defendeu theses a 17 de Junho de 1777, que o exame privado a 23 de Dezembro d'esse mesmo anno, passando a tomar o capêllo ou o grão de doutor no dia immediato, conjunctamente com o seu condiscipulo e patricio (mineiro) Antonio Pires da Silva Pontes.

Foram dois grandes luminares que se apresentaram á

disposição do governo da metropole, cheios de fé e de vida, no momento em que, em virtude do tratado de limites celebrado com a Hespanha no 1° de Outubro d'esse mesmo anno, tanto ia carecer de mathematicos e astronomos. Ora, tratando-se do Brasil, quanto mais natural era que preferisse os brasileiros, e que por seu turno estes preferissem a occasião de prestar serviços á sua propria patria! Foram ambos nomeados astronomos da terceira partida de demarcadores, que devia tomar a si, sob a direcção do governador de Mato-Grosso, toda a parte da fronteira desde o Jaurú até o Japurá.

Na charrua *Coração de Jesus* e *Aguia Real* largaram ambos de Lisboa, com outros individuos nomeados para a dita terceira e para a quarta partidas, no dia 8 de Janeiro de 1780, havendo o Dr. Lacerda, pouco mais de dois mezes antes, em 4 de Novembro, feito tirar em Coimbra a sua carta de doutor. Cremos que ambos iriam com praça na marinha. Pelo menos devia ir com ella o Dr. Pontes, quando em 1798 já era condecorado com o habito de Aviz, e havia ascendido a capitão de fragata.

Chegaram ao Pará em 26 de Fevereiro e ahi se demoraram mais de cinco mezes, partindo sómente no dia 2 de Agosto em companhia do 1° commissario da quarta partida João Pereira Caldas, ao qual acompanharam até a villa de Barcellos, então capital da capitania do Rio-Negro, recentemente creada, que devia ser a paragem da juncção das duas quartas partidas demarcadoras portugueza e castelhana.

Para não estarem ahi ociosos os nossos dois astronomos, emquanto se lhes não proporcionavam os meios de transportar-se ao seu destino, passaram a demarcar muitas paragens vizinhas, incumbindo-se o Dr. Lacerda, com um dos engenheiros, do Rio-Negro até acima de Marabitanas, bem como

do affluente Uaupés; emquanto passavam a explorar o Rio Branco até as suas cabeceiras, o Dr. Pontes, com o outro engenheiro, o capitão Ricardo Franco de Almeida Serra, o qual ao depois tanto se recommendou por seus escriptos, como por varios feitos heroicos, vindo a fallecer em 1809 no forte de Coimbra, que oito annos antes tão bem soubéra defender.

O Dr. Lacerda esteve de volta em Barcellos em fins de Janeiro de 1781; porém os seus companheiros Dr. Pontes e Almeida Serra sómente ahi se apresentaram de regresso no dia 17 de Maio d'esse anno. Taes difficuldades, porém, se apresentaram no arranjo dos transportes, que não poderam uns e outros d'ahi partir para o seu verdadeiro destino senão no 1° de Setembro.

Deixaremos de seguil-os aqui, contando os trabalhos que passaram na viagem que emprehenderam pelas aguas do Amazonas e do Madeira até chegarem em 28 de Fevereiro do anno seguinte á capital de Mato-Grosso, viagem descripta no *Diario* do proprio Lacerda, que foi publicado em S. Paulo em 1841, bem como tambem em outro, correcto em 1790, do seu companheiro de viagem Almeida Serra, que se acha reproduzido no tomo XX d'esta *Revista*. Baste-nos dizer que logo no primeiro mez de viagem, em 23 de Setembro, foram os expedicionarios atacados pelo gentio *Múra*, escapando o mesmo Lacerda de ser ferido por uma flexa que lhe passou junto do pescoço. Chegados afinal a Mato-Grosso, depois de se occuparem com algumas observações nos arredores da capital, passaram os nossos mathematicos a fazer algumas viagens de exploração, sendo encarregado o Dr. Lacerda do baixo Guaporé e dos rios que n'elle desaguam pela margem esquerda, e o Dr. Pontes, com o engenheiro Serra, das campinas de Casalvasco até as origens do rio Barbados, e depois dos ter-

renos ao sul de Mato-Grosso, da serra e do rio de Aguapehy, do Alegre, etc.

Em 1786 passou o Dr. Lacerda, com o seu companheiro astronomo e os dois engenheiros, a explorar o rio Paraguay, e todas as vertentes e lagôas que n'esse rio desembocam pela parte occidental até a bahia Negra, chegando a Albuquerque em 19 de Julho, e percorrendo em canoas grande parte dos campos vizinhos, então alagados e em algumas partes com mais de dez palmos de agua. Voltaram depois pelos rios S. Lourenço e Cuyabá até a villa d'este nome, onde o Dr. Lacerda cultivou a amizade do seu comprovinciano, então ahi juiz de fóra, Diogo de Toledo Lara Ordonhes. D'essa villa passou por terra á capital de Mato-Grosso, fazendo por toda a parte, quando podia, observações de latitude e de longitude. O *Diario* que escreveu foi publicado em S. Paulo em 1841 (pag. 29 a 43 do folheto), e no volume XX d'esta *Revista* se encontra o que por sua parte escreveu o engenheiro Almeida Serra ácerca d'esta mesmadiligencia.

Em 13 de Setembro de 1788 partiu o Dr. Lacerda para Cuyabá, e ahi chegou no dia 29. E seguindo depois a reconhecer os rios Taquary, Coxim, Camapuam, Sanguexuga, Pardo, Paraná e Tieté, chegou á cidade de S. Paulo a 10 de Janeiro do anno seguinte. Aqui se demorou até 13 de Maio de 1790, deixando consignadas no seu diario algumas paginas em elogio da sua patria e dos seus comprovincianos. Por fim, sendo mandado recolher a Portugal, partiu para Santos, e, embarcando-se ahi em 10 de Junho, veiu a chegar a Lisboa aos 21 de Setembro, mais de dez annos e meio depois que d'ahi partíra para o Pará.

Em Lisboa apresentou á academia das sciencias, que o admittiu por socio, o *Diario* da sua ultima viagem, desde Villa-Bella até Santos, com um mappa de parte do curso do

Paraguay, levantado em 1786, desculpando-se de não offerecer outros mappas por lhe haverem os escravos extraviado em sua ausencia muitos papeis. Algum tempo depois offereceu á mesma academia o mappa do Guaporé desde Villa-Bella até a sua confluencia no Mamoré,acompanhado de uma pequena memoria ácerca das missões castelhanas nos afluentes do Guaporé por elle visitados.Esta memoria acha-se publicada no volume XII da *Revista* do Instituto de pag.106 a 119.

Em Lisboa residiu alguns annos ; mas o seu genio afeito já a uma vida mais activa não podia conformar-se com a monotona permanencia em uma cidade de tão pouca animação, como era então a metropole portugueza. Subindo ao ministerio D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ao depois conde de Linhares, propôz-se o Dr. Lacerda a desempenhar algum lugar em ultramar, e o emprehendedor ministro, apreciando devidamente o saber e a experiencia adquirida pelo Dr. Lacerda em tantas viagens por sertões inhospitos, assentou ser chegado o momento de incumbil-o de emprehender de novo a jornada por terra entre Moçambique e Angola, com mais proveito para a sciencia geographica do que as que desde o seculo XVI haviam sido effectuadas pelos proprios portuguezes, sem de nenhum ficar o minimo roteiro e ainda menos observações astronomicas. Que esse transito havia sido effectuado por brancos mais de uma vez nos dão testemunho os antigos escriptores. Já em 1563 publicára Garcia d'Orta (2ª edição, fl. 574), que da ilha de S. Thomé a Sofala e Moçambique, viéra, atravessando o continente da Africa, um clerigo, que depois passou á Gôa, onde elle o « conhecêra mui bem. » Juntamente um seculo depois, em 1663, escrevia o padre Manoel Godinho, no cap. XXV do seu *Itinerario da India por terra*, as seguintes noticias, que hoje estão todas confirmadas com as explorações do infatigavel Dr. Livingston :

« O caminho de Angola por terra á India (diz Godinho) não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado, porque de Angola á lagoa Zachaf (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 15 leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento), são menos de 250 leguas. Esta lagôa pôem os cosmographos em 15° 50', e, segundo um mappa que vi, feito por um portuguez que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua e outros d'aquella Cafraria, fica esta lagôa não muito longe de Zinsbané, que quer dizer côrte de Mesura ou Marabia. Sahe d'ella o rio *Aruui*, que por cima do nosso forte de Têtе se mette ao rio Zambeze. E tambem o rio *Chire*, que cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do Rondo, se vai ajuntar com o rio de Cuama para baixo de Sena. Isto supposto, digo agora: quem pretender fazer este caminho de Angola a Moçambique, e d'aqui á India, atravessando o sertão da Cafraria, deve demandar a sobredita lagoa Zachaf, e, em a achando, descer pelos rios aos nossos fortes de Têtе e Sena; d'estes á barra de Quilimane, de Quilimane a Moçambique, etc. Que haja a tal lagôa dizem-n'o não só os cafres, senão portuguezes, que já lá chegaram, navegando pelos rios acima; e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que ha de levar, o modo com que se deve haver pelas terras por que passar, disse já em outro papel que se me pediu para bem do descobrimento. »

O rio *Chire* ainda hoje conserva este nome, segundo vemos dos mappas do mesmo Livingston; o *Aruui* é sem duvida o *Ruui* ou *Aruanga*, bem como a lagôa *Zachaf*, a chamada hoje *Niassa* ou *Nhanja*; conservando-se aquelle nome por ventura na adulteração de *Chissaga* das terras commarcãs.

Para dar ao Dr. Lacerda mais autoridade e permittir-lhe o dispôr de todos os recursos da colonia, d'onde devia começar a jornada, foi elle nomeado governador subalterno dos rios de Sena; e provavelmente receberia tambem a graduação de capitão de fragata; como succedeu com o seu companheiro o Dr. Pontes, nomeado por esse mesmo tempo governador subalterno do Espirito-Santo, com o encargo de abrir a communicação para Minas pelo Rio Doce.

Partiu logo o Dr. Lacerda para o seu destino, e depois de preparar-se em Tête, não tardou em se pôr a caminho. Mas, ao chegar ás terras do Cazembe, foi accommettido de grave enfermidade, que, rebelde a todos os soccorros, lhe roubou a vida. Antes de fallecer, entregou todos os trabalhos feitos ao seu immediato, recommendando-lhe muito que, por caso algum, deixasse de proseguir na empreza por elle já levada tão adiante, sob mui favoraveis auspicios...

Porém o Dr. Lacerda era a alma da expedição; e faltando essa alma, os demais companheiros não se atreveram a proseguir, e regressaram a Tête, desandando o caminho já feito e conduzindo comsigo todos os instrumentos e os manuscriptos e trabalhos do mesmo Dr. Lacerda. Estes não foram até hoje publicados, nem talvez exista d'elles mais traslados que os que possue em seu archivo o Instituto Historico do Rio, onde ainda em 1868 os vimos e até em duplicado

Embora de assumpto estranho á chorographia do nosso paiz, sendo obra de um brasileiro que se propozéra a tão gloriosa empreza, não devem considerar-se estranhos ao Brasil, pelo que pedimos ao mesmo Instituto que, por gloria sua e do Brasil, faça á historia geographica o serviço de publicar por primeira vez na sua *Revista*, embora em typos menores e como documento appenso a esta biographia, as observações e notas deixadas por esse eximio paulista, cujos

ossos ficaram nos sertões d'Africa. Tal publicação, alêm de ser o mais honroso e perduravel monumento que podemos hoje levantar á sua memoria, virá a fornecer alguns dados mais a esta biographia, começando talvez pela apuração do dia em que morreu. Essa publicação virá tambem por ventura a mostrar como, se o Dr. Lacerda não tivesse tão infelizmente fallecido na empreza, as sciencias geographicas poderiam ter possuido meio seculo antes muitos dos esclarecimentos e observações astronomicas que ellas vieram a dever ao Dr. Livingston.

Barão de Porto Seguro

DR. ANTONIO PIRES DA SILVA PONTES LEME

Ao occuparmo-nos da biographia do Dr. Lacerda, encontramol a tão associada á do seu condiscipulo, e companheiro nos sertões do Brasil, o Dr. Pontes, que natural nos parece o dedicar-lhe desde já aqui algumas linhas biographicas, que talvez ao diante poderemos enriquecer com mais algumas noticias que pedimos.

Nascêra Antonio Pires da Silva Pontes Leme (como o dito seu companheiro) em meiados do seculo passado; porém em Minas, na freguezia de N. S. do Rosario, comarca de Marianna, chamando-se seu pai José da Silva Pontes.

Conjunctamente com c paulista Lacerda, se matriculou em Coimbra em 1772 no 1º anno da faculdade de mathematica. Em 12 de Julho de 1773, dois dias antes que o mesmo Lacerda (provavelmente em virtude da precedencia que segundo a ordem alphabetica lhe conferia o seu nome de baptismo) fez acto d'esse 1º anno; vindo a fazel-o do 2º em 11 de Julho de 1774; do 3º em 16 de Junho de 1775;

do 4°, tomando gráo de bacharel, em 28 de Novembro de 1776, formando-se em 14 de Dezembro ; e finalmente veiu a defender theses em 31 de Outubro de 1777 e a fazer exame em 22 de Dezembro seguinte, tomando o gráo de doutor aos 24 do mesmo Dezembro, conjunctamente com o dito seu compatriota Lacerda, de quem fôra condiscipulo durante todo o curso.

Nomeado, como o Dr. Lacerda, astronomo da terceira partida de demarcadores dos limites do Brasil, partiu elle de Lisboa no dia 8 de Janeiro de 1780, e, chegando ao Pará em 26 de Fevereiro, d'ahi partiu no dia 2 de Agosto para Barcellos, onde chegou a 17 de Outubro. De Barcellos sahiu no dia 1° de Janeiro do anno seguinte, conjunctamente com o engenheiro Ricardo Franco d'Almeida Serra, a explorar o Rio Branco e suas cabeceiras, tarefa em que se entreteve mais de quatro mezes ; apresentando-se unicamente de volta no dia 17 de Maio, com o diario de toda a viagem e explorações feitas, o qual foi impresso em S. Paulo em 1841 conjunctamente com os do Dr. Lacerda.

No 1° de Setembro partiu com os seus companheiros, para a capital de Mato-Grosso, e alli chegaram a 28 de Fevereiro do anno seguinte.

Com o seu companheiro do Rio Branco não tardou a sahir para explorar todo o terreno até as cabeceiras do Paraguay e depois as campinas de Casalvasco até as nascentes do Barbados, etc..

Em 1786, com os demais companheiros todos ás ordens do engenheiro Serra, passou ao reconhecimento do alto Paraguay até a Bahia Negra, d'onde voltou ao Cuyabá. Propunha-se a explorar o Paraguay Diamantino ; mas, em vez d'isso, foi encarregado de estudar o Rio Verde e o Capivary, affluentes occidentaes do Guaporé, e mais tarde foi até ás cabeceiras do Sararé, Juruena, Guaporé e Jaurú.

Pouco depois do Dr. Lacerda regressou tambem a Portugal, onde se entregou com afan á confecção de uma *Carta Geographica* em ponto grande, de projecção espherica, do Brasil, da qual em 1841 vimos no observatorio de Coimbra uma copia, feita em 1797 por J. J. Freire e M. T. da Fonseca.

Por esse tempo foi nomeado lente da academia de marinha e socio da Academia Real das Sciencias. Igualmente se viu ascendido ao posto de capitão de fragata e foi condecorado com o habito de Aviz; o que nos faz crêr que em 1780 partíra para o Pará já com praça assente. Em 1798 publicou a traducção da obra de Jorge Atwood ácerca da *Construcção e analyse das proposições geometricas, e experiencias praticas que servem de fundamento á architectura naval.* N'esta obra encontramos o appellido de *Leme* appenso aos seus primeiros quatro nomes que levára em Coimbra, havendo, porém já alguma vez antes, em lugar d'este appellido, juntado os tres—Paes Leme e Camargo.

Havia por este tempo subido ao ministerio D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o qual, havendo conferido ao Dr. Lacerda o governo subalterno dos rios de Sena, resolveu crear para o Dr. Pontes outro semelhante governo no Espirito-Santo. Ainda que já para este governo nomeado em 1798, segundo se collige da dedicatoria da dita traducção de Atwood, o Dr. Pontes não chegou a tomar posse do novo governo senão em 29 de Março de 1800. Em todo caso tão reconhecido estava o mesmo Pontes ao ministro seu protector, que pôz o nome de Rodrigo a um filho que por esse tempo Deus lhe deu. Este seu filho veiu a ser o nosso illustrado consocio, meu muito estimado amigo, o desembargador Silva Pontes, que honrou com alguns trabalhos de sua penna esta *Revista,* que me honrou a mim com uma larga correspondencia que conservo, e que, como ministro do Imperio no

Rio da Prata, veiu a prestar para a quéda de Rosas serviços de alta importancia.

No governo do Espirito-Santo o Dr. Pontes, pai, distinguiu-se, cuidando da civilisação dos indios do Rio-Doce, creando ahi o presídio a que em attenção, sem duvida, a reminicencias da familia de seu protector foi dado o nome de *Linhares;* igualmente organisou o corpo de pedestres, e por acto de 1 de Outubro de 1800 regulou com o governador de Minas os limites da nova provincia. Em 17 de Dezembro de 1804(*) entregou o governo ao seu successor, e antes de regressar a Portugal falleceu, constando que em 1807 já não existia.

Barão de Porto-Seguro.

(*) *Memorias. . da capitania do Espirito-Santo... escriptas em 1818, publicadas por um Capixaba*, Lisboa, imprensa Nevesiana, 1840, pag. 12. Foram publicadas estas *Memorias* por Francisco Alberto Rubim, irmão do fallecido Braz da Costa Rubim, ambos meus contemporaneos no collegio da Luz.

DR. FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

A morte não é a morte é o esquecimento, disse Lamartine.

Quando nos rouba a morte um parente ou amigo dedicado, não acreditamos logo n'essa separação eterna e fatal, cremos na repentina ou proxima resurreição do morto, que rasgando o sudario em que se envolve, reappareça para trocar em risos de prazer as nossas lagrimas de dor; acompanha-nos essa esperança que nos consola, e que só se apaga á beira do tumulo em que vae o finado dormir. Mas pouco e pouco a realidade da separação sem fim vae se fortificando em nosso espirito, e então á ancia da dôr, á angustia das lagrimas succedem o sentimento e a saudade; desperta-nos a lembrança do morto idéas sentidas e dolorosas, e já o coração não sangra, mas soffre, e por fim ensina-nos a religião esse balsamo que mitiga todas as dores, minora todos os soffrimentos, adormece todas as paixões, e anima-nos, consola-nos, fortalece-nos a resignação.

Correm os dias, volvem-se os mezes, passam-se os annos e esse sentimento, essa saudade vae se amortecendo e anniquilando; do nosso coração apaga a esponja do tempo as reminiscencias do finado, do qual ha apenas uma lembrança vaga e longinqua, que de dia para dia se perde e desapparece, envolta com outras idéas e outras paixões que vem occupar nossa alma e abalar nosso coração. Póde-se então dizer como Lamartine, a morte não é a morte, é o esquecimento.

Mas se assim é quanto ao coração humano, não deve acontecer o mesmo com a patria.

Para a nação seus filhos nunca morrem, d'elles deve lembrar-se hoje e amanhã, agora e sempre, conservar do

seu nome lembrança perduravel e constante ; não devem haver no coração da patria lagrimas que sequem e dôres que se mitiguem, e jámais ella deve traduzir pela palavra esquecimento a morte de um seu filho benemerito.

Se o paiz perde um cidadão que conquistou-lhe gloria e renome, d'elle deve guardar eterna recordação, como se nunca o houvéra perdido. Se no coração humano tudo é passageiro e precario, como sua natureza, no da patria deve tudo ser constante e perduravel ; se para os homens é o tumulo o recinto do nada, deve ser para a patria o altar em que o benemerito ergue-se á posteridade; e por isso não deve a patria repetir como o poeta, a morte é o esquecimento.

E eis porque vimos hoje lançar goivos e saudades sobre um tumulo fechado ha trinta e cinco annos.

Perdeu o Brasil, ha trinta e cinco annos, um filho que em seus risonhos devaneios da mocidade sonhára em um porvir de gloria para si e para sua patria ; era um joven esperançoso e enthusiasta que no verdor dos annos consumiu a vida pelo trabalho do estudo, e ainda hoje chora o Brasil a morte d'esse talentoso mancebo chamado Francisco Bernardino Ribeiro, porque no coração da patria não seccam as lagrimas, não murcham as saudades e goivos que ella lança sobre os tumulos dos seus filhos, e jámais repete como o poeta, a morte é o esquecimento.

Francisco Bernardino Ribeiro, filho de Francisco das Chagas Ribeiro e de D. Bernardina Rosa Ribeiro, nasceu na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro em 12 de Julho de 1814, e baptisou-se na freguezia da Candelaria.

Era criança quando começou a entregar-se aos estudos, e mostrou pelas letras tanta applicação e gosto, que em breve tempo alcançou conhecimentos superiores áquelles que se adquirem em sua idade ; conseguiu sua intelligencia

infantil o que outros não obtem senão em muitos annos e com afanoso trabalho. O padre Manoel Maria Cabral foi o seu primeiro mestre; matriculou-se na aula de latim do padre Agostinho José Gaspar, e asseverava o reverendo achal-o, em dois annos, habilitado na lingua de Tacito e Tito Livio; recebeu tambem d'esse mestre lições da lingua franceza; cursou o inglez com James Mase; dedicou-se ao estudo do italiano, do hespanhol, e se não tornou estranho ao grego.

Seguiu a aula de philosophia de frei José Polycarpo de Santa Gertrudes, que declarava haver n'essa sciencia manifestado seu discipulo talentos mais que vulgares; ouviu a rethorica do professor Dr. João José Vahia que, attestando seu aproveitamento, disse que n'essa materia se avantajára Francisco Bernardino Ribeiro a todos seus collegas. Na aula de eloquencia d'esse mestre recitou Francisco Bernardino dois discursos, um, em 8 de Agosto de 1828, sobre Luiz XIV, rei de França e Navarra, o outro, em 25 de Outubro do mesmo anno, sobre a utilidade da oratoria, trabalhos elaborados por elle, que contava pouco mais de quatorze annos.

Aos dezeseis annos incompletos recebêra attestados de todos os preparatorios que deviam abrir-lhe as portas de uma academia, e percorrêra a carreira escolar colhendo louvores de seus mestres, e attrahindo a admiração dos seus condiscipulos.

Matriculou-se em 1830 no curso juridico de S. Paulo.

Mas não enriquecia-lhe a intelligencia só isso que se ensina nas aulas; familiarisára-se Francisco Bernardino com os classicos portuguezes, com a lingua franceza, em que era assáz lido e douto, versado nas litteraturas latina e portugueza; possuia vastas noções de historia e geographia; e não saciado com esses conhecimentos e outros já decla-

rados, applicou-se ao allemão. Foi essa a riqueza litteraria que Francisco Bernardino levou para a academia de direito de S. Paulo.

Continuou a mostrar n'essa faculdade intelligencia vasta, sêde insaciavel de sciencia; não dava horas ao descanso, vivia estudando, meditando, retirado e só com seus livros;e seus condiscipulos que vinham interrompel-o em horas de trabalho e insomnia, denominavam-no o mestrinho; e o *mestrinho tornou-se mestre,* disse o poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães, *quando só contava* 21 *annos, e mestre no curso juridico de S. Paulo.*

Achava-se matriculado no segundo anno dos estudos de direito, quando vagando a cadeira da lingua franceza do curso preparatorio da faculdade, pela ausencia do respectivo professor, Augusto Candido da Silveira Pinto, requereu Bernardino Ribeiro exame para leccionar essa disciplina, declarando que se suppunha em estado de preencher tal tarefa nas horas que lhe sobrassem do seu estudo legislativo.

Surgíra no horisonte politico o movimento revolucionario de 7 de Abril de 1831, e d'esse grave acontecimento promanaram circumstancias e factos que exaltaram os animos, e acordaram em todos os peitos sentimentos patrioticos. Como todos os jovens d'essa época enthusiasmou-se Francisco Bernardino Ribeiro que, dado ao estudo empunhou a arma que lhe competia, buscou a arena de combate em que se devia de monstrar extremado paladino, sahiu da cella do estudo e apresentou-se no campo da publicidade, deixou os pesados livros dos legistas e lançou-se no jornalismo; o periodico *Vóz Paulistana* apregoou o seu talento de escriptor, e em seus artigos politicos n'esse jornal e em outros grangeou nomeada pela dialectica da argumentação, pela deducção dos factos e força de raciocinio. Todavia não torna-

ram-no violento as lutas dos partidos, sua penna não tisnou com uma injuria a reputação de seus adversarios politicos. « A sua tolerancia era exemplar, diz o conego Januario, e tal a sua moralidade que nunca dos seus labios partiu um nome de que a decencia se offendesse ».

Escrevendo a sua mãe sobre os acontecimentos de 7 de Abril, expressa-se elle assim.

« Tudo são discordias e asneiras ; muito estimo que vmc. tenha, no meio d'esses tumultos, podido gozar de algum repouso de espirito e alguma saude.

« Eu por aqui tenho ido soffrivelmente; nenhuma molestia me tem accommettido, só o mal da saudade é que me faria incommodo, se a razão não viesse n'estes casos em soccorro da natureza. Como não ficaria vmc. admirada quando me visse de espingarda ao hombro, mochila ás costas, marchando por essas ruas a destruir os inimigos da patria ; pois não se admire muito, que se não fosse o correio trazer a noticia da pacificação, iamos em passo dobrado para essa cidade. »

Essas expressões intimas proclamam o civismo de Francisco Bernardino, e repetidas hoje, trinta e cinco annos depois da sua morte, são louvores tecidos á nobreza do seu caracter.

Quando alumno do quarto anno da faculdade de direito, obteve licença do presidente da relação do Rio de Janeiro para advogar nos auditorios publicos da cidade de S. Paulo; e na tribuna e no fôro colheu o novel advogado rapida e desejada reputação.

No ultimo anno dos seus estudos juridicos encarregou-se da redacção do periodico o *Novo Pharol Paulistano*; fundou a sociedade litteraria Philomatica, e apezar de ter quasi todas as horas gastas em lições escolares, em defesa de pleitos, que como advogado encarregavam-lhe, na direcção

de associações e na ardua tarefa da redacção de periodicos, consumia os instantes do descanso na leitura dos poetas e cultivo da poesia.

Era esse o seu ameno descanso, vibrava a lyra quando não trabalhava, e se largava o pesado fardo da labutação da vida, era para empunhar a harpa do menestrel.

No *Mosaico Poético*, na *Minerva Brasiliense* vem publicadas poesias suas; e o nosso estimado escriptor o Dr. Fernandes Pinheiro, no seu livro *Meandro Poético*, collecção patriotica e curiosa de poesias nacionaes, transcreve a ode o *algoz* da lavra de Francisco Bernardino, do qual tambem possuimos uma epistola inedita dedicada por elle a um amigo. Traduziu do hespanhol o romance « *Noites Lugubres* » que vem estampado na *Minerva Brasiliense.*

Em uma necrologia consagrada á memoria d'esse prestimoso cidadão, diz o Dr. Justiniano José da Rocha, seu condiscipulo:

« Foi geralmente reconhecido como o primeiro e o mais applicado dos estudantes do seu anno, e quiçá de toda a academia ; e se algum mais se avantajava nas materias das aulas, era porque a attenção e estudos de Francisco Bernardino abrangiam maior numero de objectos; e certo ninguem o excedeu em variedade de conhecimentos e em desenvolvimento intellectual. »

Graduado bacharel em sciencias sociaes e juridicas, se não dissedentou a sua séde de sciencia ; e, para obter o gráo de doutor, sustentou em 7 de Maio de 1835, theses que dedicára a seu pai e ao seu amigo José Domingues Moncorvo.

Aberto o concurso para um dos lugares de lente substituto da faculdade de direito de S. Paulo, apresentou-se Francisco Bernardino, e tão reconhecida era a nomeada

de que gozava,e subido o conceito em que era tido que,aspirando muitos a nomeação de lente, nem um candidato animou-se a arcar com elle; e como determinasse o regulamento da faculdade que devia realizar-se o concurso pela argumentação dos candidatos, teve de consultar-se ao ministro do Imperio que resolveu fosse o candidato arguido pelos lentes; e d'esse certamen scientifico sahiu Francisco Bernardino laureado, sendo approvado unanimemente, obtendo a nomeação de lente do curso juridico por decreto da regencia, em nome do Imperador, de 11 de Janeiro de 1836.

Na cadeira de lente mostrou-se homem de grande tomo; leccionou magistralmente o direito criminal; e vem estampado na *Minerva Brasiliense* o discurso com que elle abriu a sua aula. O mestrinho tornára-se mestre, e mestre no curso juridico de S. Paulo.

Publicou uma erudita dissertação sobre o seguinte ponto de economia politica.--Qual o melhor intermedio das permutações, as moedas metallicas ou o papel moeda ?

Appareceram na *Revista Philomatica* diversos escriptos litterarios e juridicos de Francisco Bernardino, que não cessava de escrever e estudar, como presentindo que em pouco estava a sua vida n'este mundo.

Em 25 de abril de 1837 honrou-o o Instituto Historico de França com o titulo de membro correspondente, e outras sociedades litterarias matricularam-no socio.

Mas o aturado estudo enfraquecêra o corpo do mancebo; o fogo da sciencia crestára a vida já gasta nas lides litterarias; a molestia mirrára a arvore que se preparava para florescer e fructificar ; o precursor da sciencia sentiu vacillarem seus passos e as bagas do suor do cansaço banharem-lhe a fronte; inclinou-se no leito, onde esperavam-no

longos martyrios, dôres pungentes e afflictivas agonias da morte.

Apezar de trazer no peito o mal que não tinha cura, de arrastar a vida entre as dôres e tormentos da molestia que de seu corpo fizéra pasto, pensava Francisco Bernardino em esgaravatar documentos para dois importantes trabalhos, um concernente ás penas correctivas ou que servem para a emenda dos pacientes, contrapesando o systema americano das penitenciarias com o systema hollandez das colonias agricolas; o outro, inspirado pelo amor patrio, era a historia do Brasil desde o seu descobrimento até os nossos dias.

Mas Deus contára os dias do predestinado mancebo; sua fronte onde se haviam tumultuado tantos pensamentos grandiosos, onde pulsára tanto talento tornou-se macillenta e fria; empanou-se a luz dos olhos que miravam para um futuro brilhante, parou a morte as pulsações d'esse peito joven onde se nichára uma alma pura e perfeita; Francisco Bernardino pereceu em 16 de Junho de 1837, e sepultou-se no convento de Santo Antonio d'esta côrte.

Gotejaram dos olhos de seus pais, que estremeciam-no, lagrimas de sangue, e prantearam-no todos os seus amigos; «e quantos não eram esses seus amigos, repete o Dr. Justiniano José da Rocha, elle que em sua modestia não offendia as pretenções de seus companheiros, elle que não alardeava sua superioridade, que parecia desconhecel-a para nivellar-se com quantos o tratavam, elle que sempre alegre, sempre bom amigo, nunca tinha em seus labios uma palavra irritante, nunca em seu coração uma gotta de fel, podia de certo contar como amigos quantos o conheciam».

Em uma nenia do Dr. Firmino Rodrigues Silva, hoje se-

nador do Imperio, dedicada á Francisco Bernardino, lêm-se estes enthusiasticos versos :

Marchai ovante prole de esperança

. . . .

Mas que é d'elle? não vae na vossa frente,
Oh! que é feito do rei da mocidade!

Vasou o poéta n'estes versos o pomposo elogio que se póde tecer a esse esperançoso mancebo roubado prematuramente á seus paes, á seus amigos, á patria e á sciencia.

Dr. Moreira de Azevedo.